NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO IV — Rio de Janeiro, terça-feira de 25 a 31 de maio de 1962 — N. 171

HOJE, DIA 21, ÀS 18 HORAS NA GUANABARA

Portuários, Ferroviários e Marítimos Voltam à Praça: Querem Sanção do Aumento

Nesta [illegible] manifestações [illegible] imunes [illegible] os [illegible] e [illegible] dos [illegible] na Guanabara, serão realizados no fim de hoje, culminando com uma grande concentração de trabalhadores e funcionários, às 18 horas, nas escadarias do Palácio Tiradentes. Reportagem de NILSON AZEVEDO, na segunda página, e noticiário na página 3.

MULTIDÃO NA REABERTURA DA EXPOSIÇÃO SOVIÉTICA

Fracassa Plano Terrorista de Lacerda Para Tumultuar o País e Levar o Brasil a Romper Com a URSS

A Exposição Soviética reabriu suas portas. Foi esta uma derrota do grupo de provocadores que pretendia fechar a grande feira de amostras. Outra derrota dêsse grupo foi o comparecimento à reinauguração da Exposição de uma verdadeira multidão, além do ministro Nósser e do sr. Renato Archer (foto). O povo carioca deu a resposta merecida aos terroristas do bando de Lacerda. Continua a afluir em massa ao campo de São Cristóvão. Sente-se garantido agora, com o afastamento de fora dos policiais de Lacerda do terreno que lhes cabia de efetuar o policiamento. Este encontra-se sob a responsabilidade de contingentes do Exército, Marinha e Aeronáutica, sob o chefia do Primeiro Exército. Os policiais dispensados de Lacerda não terão outra oportunidade para inquietar e alarmar a opinião pública. Na 4ª página, leia, você encontrará um completo relato dos acontecimentos referentes à Exposição Industrial e Comercial Soviética.

Brizola: Chegou a Hora de Expulsar do Brasil os Espoliadores Ianques

«Precisamos de um govêrno que diga, cara a cara, aos espoliadores ianques: basta de roubo, a porta da rua está aí», afirmou o governador Leonel Brizola no discurso pronunciado, têrça-feira última, no CACO (foto). As vigorosas palavras do governador gaúcho foram uma grave denúncia da espoliação imperialista contra o nosso país e um caloroso apêlo à luta de todo o povo brasileiro pela libertação nacional, condição básica para que possam as grandes massas sair da miséria e dos sofrimentos em que se encontram. (Texto na 3a. página).

TIRANO FRANCO NÃO VENCE A RESISTÊNCIA OPERÁRIA: UNIDADE CONTRA DITADURA

Texto na 3ª página

FRONTE CONDENA CONCESSÃO: NOVA INVESTIDA DA CAPUAVA CONTRA A ECONOMIA DO PAÍS

Texto na 3ª página

A Bomba

Almir Matos

NÃO há ninguem que tenha dúvidas quanto aos verdadeiros objetivos do covarde e criminoso atentado contra a Exposição Soviética. Ninguém duvida também, partindo daí, em apontar os culpados: os seus nomes estão na boca de todo o povo: Carlos Lacerda e seus cúmplices do MAC, terroristas alugados aos trustes norte-americanos. São os mesmos que metralharam a UNE e lançaram uma bomba contra a Embaixada da URSS, os mesmos que emporcalharam os muros da Guanabara com cartazes histéricos contra Cuba e que nos editoriais de "O Globo", exigem a total submissão de nossa diplomacia às imposições [illegible] do Departamento de Estado e do Pentágono.

NO caso do atentado à Exposição [illegible] estupidez dêsse bando de energúmenos se manifestou em toda a sua monstruosa insensibilidade: se explodisse a bomba não seriam apenas as máquinas soviéticas que iriam pelos ares, mas também centenas de brasileiros indefesos, inclusive inúmeras crianças. E em nome de que foi preparado esse crime hediondo e covarde? Os terroristas do MAC pretendiam por fim à Exposição, temendo que outros milhares de brasileiros, além dos que lá já estiveram, conhecessem melhor a verdade acêrca das extraordinárias conquistas que o socialismo permitiu ao povo soviético. É assim que agem os mais extremados defensores do "mundo livre": esmagados pela realidade e impotentes diante dela, não podem senão recorrer ao crime, [illegible] lhes dá mais resultado.

NÃO se esgotam aí, no [illegible] objetivos. Através do vandálico atentado [illegible] visavam em vista somente castigar com a morte as centenas de pessoas que ousavam admirar os feitos dos trabalhadores soviéticos. Queriam, sobre os escombros da Exposição, criar um estado de coisas que levasse ao [illegible] rompimento de relações entre o nosso país e a União Soviética, chegando mesmo à ruptura diplomática e comercial. Nesse sentido, exatamente, foi que Lacerda procurou orientar, desde os primeiros instantes, as "providências" tomadas pelo governo estadual: enquanto punha de [illegible] a investigação dos fatos concretos e apresentava [illegible] herói o criminoso Lametrão, procurava [illegible] os funcionários soviéticos e movia [illegible] contra o Itamarati, tentando inclusive [illegible] no rabículo a ação equilibrada de seus representantes. [illegible] enfim, para criar um "caso diplomático" [illegible], entretanto, é primária demais para que possa impressionar a opinião pública. E a resposta, nítida e contundente, foi dada pelos cariocas no instante em que se reabriu a Exposição: a assistência e o entusiasmo popular foram maiores do que em qualquer outro dia.

TODOS compreendem perfeitamente a [illegible] em que os terroristas tramam e executam os seus crimes. É verdade que êles são bandidos e se sentem [illegible] nessa condição, quando metralham a casa dos [illegible] ou planejam o assassínato de centenas de [illegible] da Exposição. Mas não são bandidos que [illegible] conta própria. São mercenários: porém, a serviço dos trustes norte-americanos sua triste vocação de assassinos sua covardia e sua crueldade. Praticam os atos mais infames, sempre com o propósito de impedir que o nosso país caminhe para a frente e se liberte da [illegible] às exigências de Washington. Daí a [illegible] existência de relações normais com a [illegible] iniciativas de nossa diplomacia que [illegible] de qualquer maneira, uma atitude de menos [illegible] em face do governo norte-americano.

ALUGADO a interêsses antinacionais [illegible] rorista, que tanto mal já causou ao Brasil [illegible] tra o mais vigoroso repúdio da parte de todos [illegible] tas e democratas. Êsse repúdio significa [illegible] po, que o povo brasileiro não admite [illegible] relação à atual política exterior, [illegible] a favor de que ela não se mantenha [illegible] progressista, mas avance, cada dia mais [illegible] É o que os brasileiros reclamam do governo.

A CONDENAÇÃO unânime [illegible] também que a opinião pública [illegible] continue a haver complacência [illegible] sos servicais ianques. A quadrilha [illegible] os assassinos têm que ser punidos.

Boa Sorte

Durante tôda a primeira quinzena de junho (e para uma boa parcela da população, desde já) as atenções maiores de setenta milhões de brasileiros estarão voltadas para o Chile, onde o Brasil tentará, disputando a VII Copa Jules Rimet, o título de bicampeão mundial de futebol, principal paixão esportiva de nosso povo. O nosso selecionado treinou o suficiente, enfrentou em diversos testes adversários difíceis e reúne indiscutivelmente os melhores jogadores do país, estando assim em condições de repetir o feito que consagrou nossos futebolistas como os melhores do mundo há quatro anos na Suécia. A nossa torcida — e no Brasil tôda a gente é entusiasta do futebol — desde agora esqueceu as preferências clubísticas que motivaram algumas fortes críticas aos preparadores e dirigentes da nossa representação e estará vibrando unificado pelo êxito dos nossos craques. Com ela fazemos côro e dizemos a Pelé (foto) e seus companheiros: "Boa sorte, brasileiros".

CRUZEIRO VALE MENOS PARA O EXPORTADOR DE CAFÉ GANHAR MAIS

Leia "Nota Econômica", na 3ª página

CINEMA NÔVO É O ASSUNTO: DEBATE DE NR COMEÇA COM A OPINIÃO DE ALEX VIANY

Texto na 5ª página

O NOROESTE, A SUDENE E O IMPERIALISMO

A Indústria da Miséria no Nordeste Brasileiro

Primeira de uma série de reportagens de Fragmon Carlos Borges, enviado de NR ao Nordeste

Texto na 7ª página

Fibra Dos Trabalhadores Derrota Nas Ruas Polícia de Lacerda e Faz a Passeata da Vitória Dos Barnabés

Reportagem de **Nilson Azevedo**

Nove meses após a gloriosa jornada em defesa da legalidade constitucional, marítimos, portuários, ferroviários e estivadores voltaram a enfrentar vitoriosamente a polícia do governador Carlos Lacerda, que lançou-se às ruas da Guanabara, na tarde do último dia 17, para violar afrontosamente as liberdades constitucionais, interditar organizações sindicais, prender e massacrar trabalhadores que se dirigiam pacificamente em passeata às escadarias do Palácio Tiradentes, para comemorar a vitória do funcionalismo civil e militar no Senado, com a aprovação do aumento de 40% e a elevação do salário família.

Com mais de 30 dias de antecedência, os membros do Pacto de Unidade e Ação encaminharam um memorial ao Congresso Nacional expondo as reivindicações básicas do funcionalismo civil e militar, particularmente dos marítimos, portuários e ferroviários, vítimas de sorrateira campanha dos defensores da política do Fundo Monetário Internacional, que preconiza o congelamento dos salários e vencimentos. No referido memorial, os trabalhadores já salientavam que realizariam uma assembléia intersindical, em Praça Pública, na noite do dia 17 de maio, para comemorar a vitória de suas reivindicações ou, no caso de não haverem sido atendidos, até o dia anterior, deliberar o que fazer em defesa de suas justas pretensões. Poucos dias depois, uma nova nota era lançada, dando conta de que a concentração seria na Cinelândia, precedida de passeatas, que partiriam do Cais do Pôrto, do Largo dos Estivadores e da Estação Barão de Mauá e da Praça 15.

A EMBOSCADA

Vinte e quatro horas antes da concentração com tanta antecedência programada, o Chefe da Polícia lacerdiana se dirigiu aos membros do Pacto para lhes comunicar que o ato não podia se realizar na Cinelândia. Pacientemente os líderes sindicais concordaram em transferi-lo para as escadarias do Palácio Tiradentes. E não se diga que tratava-se de um ato, como é costume dizer-se, de coação ao Congressos. Pois o Senado, exatamente na noite do dia 16 de maio, atendia, em grande parte, ao apêlo dos trabalhadores.

Mas o pior estava para vir: era a traiçoeira emboscada contra as liberdades sindicais e democráticas. Era o massacre premeditado de milhares de trabalhadores, a fim de evitar que os mesmos chegassem ao local da concentração central. Já às 16 horas do dia 17, guarnições da polícia civil e militar, armadas até os dentes, ocupavam os locais onde os trabalhadores se reuniam para caminhar pacificamente, em passeata, rumo às escadarias do Palácio Tiradentes. Era mais um ato covarde do governador Lacerda que, ao proibir o ato na Cinelândia, nada dissera sôbre as passeatas programadas. Seu traiçoeiro plano consistia justamente em surpreender os trabalhadores nos pontos de partida das passeatas e impedi-los de desfilar com suas faixas, cartazes e bandeiras até o Palácio Tiradentes.

OS COMBATENTES

Mas os trabalhadores, aquêles mesmos que nos dias conturbados de agôsto de 1961 assumiram papel de destaque na luta pela legalidade, não se curvariam, como não se curvaram, às violências do governador golpista. A polícia de Lacerda tinha uma missão: pisotear as liberdades constitucionais e impedir as passeatas. Os trabalhadores tinham outra: caminhar até o Palácio Tiradentes, defendendo os direitos constitucionais. E travou-se a luta. E marítimos, portuários, ferroviários e estivadores voltaram a escrever, com o vigor de sua consciência e com o seu próprio sangue, mais uma bela página da história das lutas do proletariado brasileiro.

NA BASE DA CHACOTA

O primeiro entrevero foi entre os policiais e os portuários, que iam se concentrando na rua Barão de Tefé, em frente ao Armazém 3 do Cais do Pôrto, com suas faixas, bandeiras e cartazes multicoloridos. E foi na base da chacota. O comandante do contingente policial berrou para os portuários que estava proibida a aglomeração e a passeata.

— Mas estamos saindo do trabalho, seu comandante, e vamos para o Palácio Tiradentes, não podemos?

— Podem, mas cada um por sua conta própria. Nada de aglomeração.

— Mas nós vamos mesmo e por conta própria, seu comandante. Só que está havendo uma coincidência, e que vamos todos na mesma hora...

E enquanto se processava o diálogo, os portuários iam se aglomerando, erguendo suas faixas, seus cartazes, suas bandeiras.

NA BASE DO PAU

Aí a coisa engrossou: o número de portuários já era maior que o de policiais. A pequena massa de trabalhadores do Pôrto começou a caminhar para o Largo dos Estivadores, onde se encontraria com parte dos marítimos. Os policiais investiram contra os que empunhavam faixas e cartazes. E começou o corpo-a-corpo. Embora desarmados, os portuários enfrentaram valentemente os cassetetes dos brutamontes da polícia e a ameaça de fuzilamento. E foram abrindo caminho, até se juntarem aos seus companheiros marítimos.

Na Praça dos Estivadores os policiais cercaram os trabalhadores que, mais uma vez, romperam a barreira e continuaram sua caminhada. Os policiais se reagruparam e voltaram a interceptar a passeata, na rua Camerino. Já os trabalhadores haviam avançado mais de um quilômetro, levando a melhor nas refregas. E nova luta se travou. Fragmentos de faixas e cartazes espalhados pela rua, tinta de sangue, assinalavam a brutalidade da polícia. E a massa continuava caminhando, com suas bandeiras intactas e os cartazes e faixas que lhe restavam.

Ao desembocarem na Avenida Passos, já há pouco mais de 200 metros do Palácio Tiradentes, a polícia voltou a atacar os manifestantes com ferocidade indescritível. Seu grande objetivo, já a essa altura, era impedir que os trabalhadores chegassem ao local da concentração empunhando as suas bandeiras. E travou-se a mais cruenta batalha. A camareira Elza Acioli, heroína da greve pela paridade, caminhava garbosa e resoluta com a bandeira do seu Sindicato, quando foi violentamente atacada por um bando de policiais. Elza resistiu. Lutou. Caiu sangrando, mas um pedaço de bandeira da sua entidade ficou em suas mãos. O resto, os policiais estraçalharam. Durou nada menos de 15 minutos o último choque com a polícia. O Pavilhão Nacional, em frangalhos, continuou nas mãos do portuário Hilário Neves, que foi prêso com a bandeira e só com ela se retirou das masmorras da polícia. Caminhando sob o asfalto tinto de sangue, os manifestantes conseguiram chegar, na hora estabelecida, às escadarias do Palácio Tiradentes, onde se encontraram com a imensa massa de operários navais, que haviam chegado em passeata, da Praça 15. Mais uma vez a fibra dos trabalhadores vencia o governador golpista.

NA BASE DA GREVE

Também contra os ferroviários da Leopoldina, que se concentraram em frente a Estação Barão de Mauá, voltou-se o ódio do arbitrário governador. Já às 16,30, guarnições da polícia militar e civil cercavam a Estação, para impedir a passeata dos trabalhadores, que iam chegando com seus cartazes e faixas, exigindo medidas contra a alta do custo da vida, reclamando a reforma agrária, reivindicando seus direitos. A polícia apertava o cerco. Às 17,30 chegaram os líderes da classe — Demistóclides Batista, Erval Arueira, Rafael Martinelli, Geraldo Matos e outros. Dirigiram-se êles ao coronel Diretor da Leopoldina. Colocaram-no a par da situação: tinham um compromisso de honra — chegar ao Palácio Tiradentes, às 18 horas. Pediram-lhe que providenciasse a retirada da polícia da Estação. O Coronel atendeu-os. Fêz diversas ligações para o comando da polícia militar e civil, para o Palácio do governador. A resposta foi o envio de mais uma guarnição da Polícia Militar. Os trabalhadores estavam decididos a sair em passeata. A situação era tensa. O fato foi comunicado ao comando do I Exército e a um coronel do Conselho de Segurança Nacional, que já estava a par da situação e parecia haver tomado providências para fazer assegurar as garantias constitucionais. Por telefone, Batista, manteve com êle cordial palestra:

— Coronel, temos programada uma passeata pacífica, e a polícia não nos deixa realizá-la. Solicitamos a sua interferência. Não queremos choque com a polícia, mas trata-se da defesa das liberdades constitucionais.

O coronel respondeu que já estava a par da situação e que providências estavam sendo tomadas. Batista salientou:

Coronel, esperamos que tudo saia bem. Nossa situação é a seguinte: se a passeata não sair, os trens também não sairão. É um direito nosso.

Como a polícia continuasse impedindo a passeata, uma velha locomotiva, cinco minutos depois, começava a apitar, dando o sinal para que os trens também não saissem. Iniciava-se a greve ao longo de tôda a Estrada. Imediatamente foram fechados os portões da Estação Barão de Mauá. Era uma nova «parede» pela legalidade.

Dois minutos após a eclosão do movimento, o chefe da Turma da Divisão de Polícia Política subiu ao Gabinete do Diretor da Leopoldina, onde se encontravam os líderes ferroviários para comunicar-lhes, sinceramente, que a passeata podia sair, que não havia nenhuma proibição, que tudo não passara de lamentável equívoco...

Liberada a passeata, os ferroviários liberaram os trens. E a imensa massa de trabalhadores, empunhando faixas, cartazes e a bandeira do seu Sindicato, saiu vitoriosamente pelas ruas da cidade, onde foram se juntar àqueles que, também por sua combatividade e bravura, já se encontravam nas escadarias do Palácio Tiradentes, e os receberam nas calorosas manifestações.

LIBERDADE AOS PRESOS

Na grande assembléia ao ar livre, a imensa massa ouviu os seus oradores e reafirmou o seu propósito de deflagrar a greve geral caso a Câmara modificasse, para pior, o projeto aprovado no Senado, que já contava com o apoio do funcionalismo civil e militar.

O lance final das lutas do dia 17 verificou-se entretanto, quando os manifestantes elegeram uma comissão para ir a chefatura de polícia, reclamar a liberdade dos trabalhadores presos, sob pena de ser deflagrada, no dia seguinte, a greve geral de marítimos, portuários, ferroviários e estivadores. Acompanhados dos deputados Hércules Corrêa, Roland Corbisier, Valdemar Viana e Aarão Steinbruch, foram ao Chefe de Polícia os líderes sindicais Osvaldo Pacheco, Álvaro Ventura, Rubens Teixeira e Rafael Martinelli. Na chefatura de polícia, os líderes sindicais foram informados de que os detidos já tinham sido postos em liberdade, há muito tempo. Na verdade, só ao saber da inabalável decisão dos trabalhadores, é que a polícia soltou os operários. Era o golpe de misericórdia na provocação do reacionário governador da Guanabara.

OS POLICIAIS

Cometeríamos uma injustiça, se não salientássemos, ao encerrarmos essa reportagem, a conduta de rebeldia quase ostensiva de inúmeros membros da polícia civil e militar, nos acontecimentos que relatamos. Muitos dos policiais revelaram ter plena consciência que a luta daqueles trabalhadores era a sua própria luta. Compreenderam que também o aumento dos seus soldos e vencimentos dependia do êxito da campanha de marítimos, portuários, ferroviários e estivadores. E revelaram essa compreensão, evitando participar do covarde espancamento de trabalhadores, que era efetuado pelos mais raivosos e desclassificados beleguins da polícia que experimentaram, por sua vez, a enérgica reação dos trabalhadores e do povo carioca.

DEPOIS DA REFREGA

A polícia havia decretado "proibida" a passeata que marítimos, ferroviários e portuários programaram para comemorar a vitória do aumento do funcionalismo. E tentou fazer valer a sua "proibição". Os operários, porém, acham que as liberd[illegible] democráticas inscritas na Constituição devem ser respeitadas. E à agressão policial responderam com a fôrça dos seus braços enrijecidos pelo trabalho, pondo a fugir os policiais do governador provocador e golpista. Após o que, usaram da praça para manifestar seu contentamento pela vitória obtida e para reivindicar com firmeza o atendimento de seus direitos.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves
Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe
Fragmon Borges
Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 278
8º andar S/827
Tel.: 35-0153
Endereço telegráfico «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual	Cr$ 500,00
Semestral	» 250,00
Trimestral	» 130,00
Número avulso	» 10,00
Número atrasado	» 16,00

ASSINATURA AÉREA

Anual	Cr$ 1.800,00
Semestral	» 900,00
Trimestral	» 500,00

TRABALHADORES PAULISTAS REPELEM O DIVISIONISMO

Geraldo Rodrigues dos Santos

As fôrças interessadas em dividir os trabalhadores estão cada vez mais procurando cobrir-se com [illegible] cristianismo". Assim é que o "Movimento Democrático", organização divisionista [illegible] norte-americana e do governador Carvalho Pinto, promoveu um 1º de Maio, no Largo da [illegible] o santo protetor do cardeal e de Nossa Senhora, com procissão e faixas.

Não há, evidentemente, o que estranhar na [illegible] da Igreja Católica promover a [illegible] maneira que melhor [illegible] ção e o fato de, em [illegible] faixas e cartazes contra [illegible] os comunistas.

No 1º de Maio, os [illegible] memoram os mártires de Chicago [illegible] reação do capitalismo [illegible] uma reivindicação justa [illegible] trabalho. É uma manifestação [illegible] dências operárias que [illegible] reivindicações justas e humanas [illegible] o peso da exploração e da [illegible]

Por isso mesmo, as [illegible] todas as organizações [illegible] uma data fundamental [illegible] dores passam em revista [illegible] as novas batalhas que [illegible]

O fato de a Igreja Católica [illegible] manto um movimento divisionista [illegible] mado "Movimento Sindical [illegible] mesmo, os protestos de [illegible] cais católicos, mas que [illegible] do sr. Antônio Pereira [illegible] dêles que ouvimos a seguinte [illegible] que o cardeal, o bispo de [illegible] que afirmam constantemente [illegible] lado dos trabalhadores [illegible] tão vilmente traíram a [illegible]

Há mais: Os Macedo [illegible] são para exaltar o [illegible] como o seu pupilo, o sr. João [illegible] Pinto e o mesmo que [illegible] triotas que lutavam em [illegible] ano passado, é o mesmo que [illegible] lhadores que lutavam pela [illegible] prender, processar e massacrar [illegible] bana, também em luta [illegible] pão. É o mesmo que, ainda [illegible] lência a heróica luta [illegible] Cubatão. O sr. Carvalho Pinto [illegible] anti-primeiro de Maio.

Os trabalhadores de São Paulo, [illegible] lutam contra os divisionistas [illegible] os trabalhadores de todas as [illegible] pela conquista de suas reivindicações [illegible] marcham confiantes para a [illegible] cional, reivindicando a aprovação [illegible] lei que institui o 13º mês [illegible] milia, mas também o reinício [illegible] vação do projeto de lei que [illegible] o exterior e pela encampação [illegible] blicos estrangeiros [illegible] bamento dos seus bens [illegible]

As manobras divisionistas [illegible] terminação unitária dos trabalhadores [illegible] bem que a unidade e o fator [illegible] dessas aspirações e por isso mesmo [illegible] a unidade de católicos, protestantes, [illegible] socialistas, comunistas e de trabalhadores [illegible] sem credo religioso. E, [illegible] conquista dessas reivindicações [illegible] sionistas.

Livros Soviéticos

Sôbre Ciência, Filosofia, [illegible]
Pedagogia e outros [illegible]

EM RUSSO OU ESPANHOL

À venda: Em São Paulo — [illegible]

AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL
JURANDIR QUINTERES
Rua dos Estudantes, 84 — S. 20
Telefone: 37-4903

S. ROZNOV
Rua São Bento, 217 — S. 155

XXX

No Rio de Janeiro — Guanabara

LIVRARIA INTOURIV
Rua Senador Dantas, 93 — S. 3
Telefone: 42-0423

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

MATEMÁTICA, FÍSICA — Engenheiro José Lins, leciona para ginasial e científico. Rua Djalma Ulrich, 210 - apto. 703 - Copacabana.

ADVOGADO — Rubens Pereira Pinto — Horário: das 2as. às 6as. feiras, das 16,30 às 18,30 horas. Rua Silveira Martins, 70 — 2º andar — s/210. Tel.: 32-6822 — S. Paulo.

Brizola no CACO: é Hora de Dizer Basta Aos Norte-Americanos

— "Não há alternativas, nem contemporizações ou delongas. As reformas de base precisam ser feitas já. E a primeira delas é acabar com o processo espoliativo a que estamos sendo submetidos pelos Estados Unidos da América do Norte. Precisamos agir com mão de ferro contra os espoliadores, dizendo-lhes cara a cara: chega, a porta da rua está aí!" — afirmou o governador Leonel Brizola, em meio a ensurdecedores aplausos, no discurso que pronunciou na noite de têrça-feira última na Faculdade Nacional de Direito. O governador gaúcho falou a convite do CACO para uma enorme multidão que se comprimia no salão e nos corredores da FND e se espalhava pela Praça Monteiro Filho. As palavras do líder nacionalista foram transmitidas a todo o país por uma vasta rêde de emissoras de rádio e, no Rio, pela TV Tupi. Entre as personalidades presentes estavam o sr. Francisco Mangabeira, presidente da Petrobrás, o almirante Aragão, comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, e vários parlamentares.

«TEMPO DE AÇÃO»

De início, Brizola advertiu para a gravidade do momento atual em nosso país afirmando: "O nosso tempo é de ação, as decisões têm que ser imediatas e corajosas." Aos que procuram mistificar a opinião pública pondo em dúvida a necessidade e urgência da luta contra o imperialismo, fêz então uma série de perguntas: por que o nosso comércio exterior cai, cada vez mais, sob o domínio das corporações ianques; por que as nossas relações de troca com os EUA perdem substância dia a dia; por que uma emprêsa nacional em cada 24 horas é transferida para o contrôle norte-americano; por que setores cada vez mais numerosos de nossas classes dominantes associam os seus interêsses aos dos trustes do EUA; por que vêm para o Brasil cada vez em maior número gerentes, "experts" e militares ianques; por que aumentam diàriamente a corrupção e o subôrno dirigidos pelas agências jornalísticas e de publicidade americanas; por que são firmados com os EUA acôrdos e convênios os mais lesivos aos interêsses nacionais; por que é dia a dia maior a pilhagem dos frutos do trabalho de nosso povo pelos trustes e "holdings" estadunidenses?"

"O que vem ocorrendo não é outra coisa senão o processo de ocupação de nossa pátria pelos Estados Unidos. É uma ocupação lenta e insidiosa, ardilosamente disfarçada, mas nem por isso menos ocupação", disse Brizola, acrescentando que o Brasil vem se tornando o lugar preferido "para as atividades de um número crescente de militares norte-americanos e agentes do Pentágono, dos serviços secretos e do Departamento de Estado especializados em maquinações de caráter político e social. Em meu próprio Estado encontrei alguns dêles que nem sequer passaporte possuíam".

«NÃO NOS ENGANAM»

Mencionando as tradições de luta do nosso povo pela soberania nacional, declarou que os traidores e a quinta-coluna econômica desfiguram e traem essa herança, colocando a pátria sob fatal ameaça. "Mas estamos de consciência despertada e ninguém mais nos iludirá. A traição e os traidores recorrem a teorias engenhosas que não visam senão dar cobertura à espoliação imperialista, ao processo de ocupação de nossa terra pelas corporações norte-americanas. Os quislings, os agentes da quinta-coluna, podem pretender dissimular essa cruel verdade, mas não o conseguirão mais porque aí estão as marcas, muito profundas, no organismo nacional. Para os traidores a América do Norte é como se fôsse a sua própria pátria. Conspiram contra o presente e contra o futuro de nossos filhos. Mas não nos enganarão".

Depois de esclarecer que um país pode perder a sua soberania não sòmente através de invasões armadas, mas também da penetração econômica lenta e insidiosa, afirmou o governador Brizola: "Todos os males que nos vêm atingindo são, fundamentalmente, comuns a todos os países da América Latina. Sua origem é a mesma: o poderio dos Estados Unidos e sua política imperialista." Explicou então de que modo os trustes ianques se aproveitaram na Império Romano." para construir "essa nova versão contemporânea do Império Romano.

"Acreditávamos em Roosevelt quando êle anunciava um "mundo melhor" e inclusive ajudamos, com o nosso sacrifício, os EUA a conseguirem seu poderio atual. Mas enquanto passávamos e passamos tôdas as vicissitudes o antigo irmão do Norte o que faz é carrear do Brasil e da América Latina os nossos recursos, o trabalho de nosso povo e os capitais aqui formados. Os Estados Unidos decidiram fazer do Brasil e da América Latina uma espécie de fundo de quintal, de fornecedores de iguarias para o banquete de suas classes dominantes. Passamos, então, a nos descapitalizar, a nos empobrecer, enquanto os trustes aumentam as suas fortunas."

Denunciou, nessa altura, o saque que aqui realizam as sucursais e subsidiárias das emprêsas imperialistas. "No Rio Grande peguei duas dessas subsidiárias em flagrante, roubando e extraindo lucros ilícitos." Essa sucção dos valôres aqui criados, dos frutos de nosso trabalho, é a causa principal da miséria e dos sofrimentos de nosso povo. A inflação é, antes de tudo, resultado dêsse processo espoliativo, que é causa decisiva da carestia de vida, da queda incessante do poder aquisitivo das massas trabalhadoras.

Referindo-se à "Aliança para o Progresso" e ao papel desempenhado pela Embaixada Norte-Americana, denunciou Brizola que essa Embaixada está convertida num centro de corrupção e subôrno, manipulando enormes recursos financeiros contra os legítimos interêsses nacionais.

E lembrando a Carta-Testamento de Getúlio Vargas afirmou ser êsse histórico documento "uma convocação à rebeldia, um tremendo libelo contra o processo espoliativo de nossa pátria, uma condenação contra os antigos irmãos do Norte". Acrescentou: "Quanto a nós, como milhões de outros brasileiros, estamos decididos a fazer da luta contra a espoliação imperialista a própria razão de ser de nossa vida".

ELEIÇÕES

Depois de acentuar que os direitos concedidos ao povo na Constituição permanecem como letra morta, num verdadeiro esbulho aos interêsses populares, afirmou Brizola que a atual estrutura política do país não tem feito senão "dar cobertura ao processo espoliativo". Afirmando que é preciso crer que "no desenrolar da luta a democracia possa se restaurar", acrescentou que essa crença era um último crédito de confiança. "As eleições próximas são a última oportunidade de solução pacífica para a situação brasileira". Mostrou então a necessidade de mudar radicalmente a composição do Congresso e constituir-se um govêrno que fale clara e corajosamente aos norte-americanos. "Um govêrno que lhes diga, cara a cara: chega de mandar dólares para o seu país. Se quiserem vir venham, mas trazendo mulher e filhos para viver aqui em cruzeiros, cortando o cordão umbelical com Washington. Um govêrno que diga a êsses militares que não aceitamos os seus acôrdos a não ser em igualdade de condições. Que diga a êsses militares ianques que esta terra tem dono. Assim terão de começar as reformas".

REFORMAS E REVOLUÇÃO

Por fim, afirmou Brizola: "Devemos ter bem claro o dilema que a hora nos impõe: ou reformas corajosas e imediatas ou a explosão revolucionária. Devemos perseguir, uma a uma, as etapas legais para que os nossos [illegible] permanentemente não tenham argumentos. Mas se a deliberação de que dispomos continuar sendo uma espécie de cobertura legal para o esbulho do nosso país e para o processo de [illegible] do nosso país por uma potência estrangeira, seja ela qual fôr, aqui [illegible] denunciaremos o sistema [illegible] de opressão e de domínio de nossa pátria e [illegible] para as tarefas de luta ao nosso alcance. Um dia expulsaremos os [illegible] de nosso povo. Mais vale perder a vida lutando que perder a razão de viver".

EQUÍVOCOS DO GOVERNADOR BRIZOLA

É lamentável que em seu vigoroso discurso da última têrça-feira, denunciando a espoliação de nosso país pelo imperialismo norte-americano, o governador Brizola tenha cedido ainda aos preconceitos anticomunistas e antisoviéticos. Afinal, não passa de uma velha calúnia ou um êrro elementar considerar o comunismo como uma 'forma de escravidão", quando a verdade é que o comunismo liberta o homem de tôdas as formas de opressão. Por outro lado, não tem qualquer sentido admitir-se que haja na Europa povos espoliados pela URSS, quando, como revelou compreender o próprio governador gaúcho, só um país imperialista — e jamais a URSS, a grande potência socialista, que não exporta capitais nem extrai lucros de outros países — espolia povos estrangeiros.

Preconceitos ou equívocos dessa natureza só podem dificultar ao governador uma visão mais lúcida do mundo atual.

PORTUÁRIOS, FERROVIÁRIOS E MARÍTIMOS VOLTAM À PRAÇA: QUEREM SANÇÃO DO AUMENTO

Vigorosas manifestações pela aprovação imediata do aumento para os servidores civis e militares e contra a violação as liberdades constitucionais e a onda de terrorismo que impunemente se desencadeia na Guanabara, serão realizadas, na tarde de hoje (quinta-feira), por marítimos, portuários, ferroviários, estivadores, servidores federais e autárquicos e demais trabalhadores cariocas.

As manifestações, programadas pelo Pacto de Unidade e Ação e apoiadas pela Comissão Permanente das Organizações Sindicais da Guanabara, visam ainda a desagravar o Senado e a Assembléia Legislativa, atingidos pelas violências cometidas pela polícia do governador Lacerda, na tarde do último dia 17.

PASSEATAS E CONCENTRAÇÃO

Decididos a se utilizarem das liberdades constitucionais e a defendê-las, com o apoio de todos os patriotas civis e militares, os trabalhadores voltarão a desfilar pelas ruas da cidade, empunhando as bandeiras das suas entidades e o Pavilhão Nacional, violentados pela polícia carioca, durante as manifestações da última quinta-feira.

A fim de marcharem com destino às escadarias do Palácio Tiradentes, na tarde de hoje, dia 24, os marítimos, portuários, estivadores, ferroviários e demais trabalhadores se concentrarão, às 17 horas, na rua Barão de Tefé, em frente ao Armazém 3, do Cais do Pôrto. Os operários navais, que vêm de Niterói, se concentrarão na Praça 15, para depois partirem para o Palácio Tiradentes, onde haverá a grande assembléia intersindical. Na manifestação, os trabalhadores serão esclarecidos sôbre o projeto de aumento do funcionalismo. Protestos contra a onda de violências determinadas pelo governador Lacerda também serão formulados.

Na mesma ocasião, os trabalhadores prestarão significativa homenagem ao I Exército pela maneira como se conduziu durante os acontecimentos do último dia 17, e ao ministro da Guerra, general Segadas Viana, que emitiu nota pública, exigindo do governador da Guanabara a punição (prevista em lei) para os culpados pelo crime de ultraje à Bandeira Nacional.

MEMORIAL À CÂMARA

Na nota oficial nº 7, os membros do Pacto de Unidade e Ação endereçam um veemente apêlo à Câmara Federal para que ratifique as emendas nº 1, 6, 16 e 23, aprovadas pelo Senado, corrigindo falhas do projeto de aumento para o funcionalismo, que eram prejudiciais aos trabalhadores.

A nota salienta mais que "ainda em cumprimento das deliberações das massas obreiras e do funcionalismo, programaram para o dia 24 (hoje), às 18 horas, uma passeata e concentração nas escadarias da Assembléia Legislativa da Guanabara, para os quais convidamos VV. Excias., onde também serão prestados esclarecimentos aos trabalhadores, sôbre a marcha de tão almejado projeto."

"Sentiríamo-nos felizes — prossegue a nota — se nessa data a mensagem já tivesse sido transformada em lei, com sanção do govêrno, pois o alto custo da vida vem asfixiando os lares dos trabalhadores de tal forma que impossível é prever o seu desfêcho."

"Aproveitamos a oportunidade — conclui a nota — para solicitar a urgente aprovação dos demais projetos de lei de interêsse das nossas categorias, como o 850/55 e outros, bem como os referentes às reformas de base que a Nação está a exigir."

TIRANO FRANCO NÃO VENCE A RESISTÊNCIA OPERÁRIA: UNIDADE CONTRA DITADURA

Nem a obstinação dos patrões, recusando-se a atender as reivindicações salariais, nem as violências da polícia de Franco por todo o país, conseguiram amortecer a onda de greves que nas últimas semanas sacode a Espanha.

Iniciadas pelos tradicionalmente valorosos mineiros das Astúrias, a fina flor do proletariado revolucionário da Espanha, as greves estendem-se a numerosos outros setores das indústrias e do transporte. Abrangem esta semana cêrca de 90.000 operários.

É uma fôrça e um desafio à ditadura sangrenta do franquismo.

Do plano econômico o movimento grevista passou naturalmente ao plano político. Os baixos salários a que está sujeito o proletariado espanhol, suas condições econômicas extremamente precárias resultam de uma situação política dada, a política imposta pelos grandes industriais espanhóis através da ditadura de Franco. A ditadura de Franco é o govêrno de uma minoria de privilegiados, de sanguessugas, de exploradores, sôbre a classe operária e o povo espanhóis.

Contra essa política, e portanto contra essa ditadura fascista que com a ajuda das potências imperialistas conseguiu sobreviver ao extermínio do nazismo, levantam-se hoje as massas mais conscientes e combativas dos trabalhadores da Espanha. A greve os uniu a todos, republicanos, liberais, monarquistas, socialistas e comunistas, numa ação poderosa que estremece as bases do regime franquista. Já não reclamam os trabalhadores das diferentes tendências políticas apenas os aumentos salariais. Reclamam, ao mesmo tempo, a redemocratização do país. Num desafio aberto às autoridades franquistas, a sanguinária polícia de Franco, os trabalhadores distribuem seus panfletos denunciando a ditadura. E, segundo as próprias agências telegráficas ocidentais, "revelam idênticos princípios básicos, fazendo com que sua atuação se apresente totalmente unificada, especialmente quanto à liberdade de informação, respeito ao direito de greve, liberdade sindical e outras exigências de caráter eminentemente político.

Pode não ser ainda o fim do odioso regime de Franco, mas é o prenúncio do fim. De tal forma que até mesmo fôrças que até agora compactuavam com o regime franquista, como a Igreja Católica, passam a apoiar os operários em greve, embora ainda fazendo restrições a algumas de suas exigências.

Como não podia deixar de ser, o Partido Comunista da Espanha, partido de gloriosas tradições de luta, heroísmo e resistência, algumas vêzes a única fôrça a enfrentar o negregado regime franquista, acaba de lançar um apêlo para a formação de uma frente popular contra Franco. Os comunistas serão a viga mestra de qualquer coligação destinada a encabeçar as lutas decisivas contra o fascismo espanhol. A união de outras fôrças será sempre limitada e débil sem a sua participação, como representantes de uma parcela considerável do que há de mais combativo e provado na luta entre o povo espanhol, desde as lutas pela República e sua defesa na guerra civil. As greves atuais, não há dúvida, ajudarão a forjar essa unidade.

FRONAPE ESTÁ CONTRA A ABSURDA PRETENSÃO

Nova Investida de Capuava Contra a Economia do País

A refinaria de Capuava, que tantos e tão grandes prejuízos tem causado à Petrobrás e à economia [illegible], neste momento, [illegible] uma nova investida no sentido de ficar com as mãos livres para a prática de fraudes cambiais no transporte de petróleo. Assim, em carta enviada à direção do Banco do Brasil, pleiteia aquela refinaria que o estabelecimento [illegible] apreciação da permissão da Frota Nacional de Petroleiros para a realização de importação de óleo cru destinado à refinaria de Capuava. [illegible] o sr. Alberto [illegible] Sampaio, presidente da mencionada refinaria, na suposição de que a supressão do câmbio de custo pela Instrução 208 da SUMOC dispensaria aquela exigência.

A respeito do assunto, a Frota Nacional de Petroleiros (FRONAPE), dirigiu à Refinaria "União", de Capuava, uma carta em que põe as coisas nos seus devidos têrmos. Inicialmente a FRONAPE recorda ter enviado, em janeiro deste ano, uma carta à refinaria de Capuava, na qual a frota estatal de petroleiros manifestava sua intenção de realizar o transporte do petróleo. Entretanto, a atitude da FRONAPE foi repelida pela refinaria "União" que [illegible] dois pareceres de juristas em apoio às suas pretensões. Diz, então, a carta da FRONAPE: "Ocorre, contudo, que embora reconhecendo o brilhantismo da argumentação jurídica contida nos citados pareceres, são êles insuficientes para derrogar, por si só, a Instrução 181 e o Decreto [illegible] 47.225, que permanecem em vigor, como os têrmos de sua carta, em epígrafe, o confirmam. No nosso entender, situa-se neste particular o aspecto capital da questão: vossas senhorias, deliberadamente, pretendem desatender as decisões governamentais sôbre o transporte de mercadorias importadas, gozando de favores dêsse mesmo govêrno, as razões que vossas senhorias possam ter não nos cabe julgá-las, muito menos aprová-las, meros executores da política nacional de transporte que somos; entendemos que tal tarefa cabe, precìpuamente, à CMM, órgão governamental responsável pelo cumprimento do decreto supramencionado. De acôrdo com o exposto acima, esperamos ter deixado claro não ser intenção [illegible] com vossas senhorias para descumprimento da regulamentação vigente concedendo liberação dos embarques nos têrmos da alínea "b" do item IV da Instrução 181, que representa exatamente a única exceção aberta à regulamentação geral. Não temos [illegible] para compelir vossas senhorias a transportar em nossos navios, mas, igualmente, falece a essa Companhia o direito de requerer à FRONAPE uma carta liberatória contra a nossa vontade."

POR QUE A PRETENSÃO?

A resposta da **FRONAPE** à solicitação da **refinaria "União" é um documento que vem confirmar, uma vez mais, o permanente empenho dessa refinaria em avançar nos direitos da Petrobrás, como já vem ocorrendo nas cotas de refino, por exemplo. Como se sabe, apesar de ter autorização legal para processar 20 mil barris por dia, a refinaria "União" vem, há vários anos, processando mais de 35 mil, tendo até mesmo, obtido autorização especial nesse sentido, embora neste momento tal fato esteja prejudicando as refinarias da Petrobrás.**

No caso em aprêço, a refinaria de Capuava deseja ter liberdade para escolher os transportadores do óleo que importa (note-se que não se trata de estabelecer a fonte de suprimento nem o preço do óleo, mas apenas o seu transporte), pois assim poderá praticar as fraudes cambiais tão conhecidas nesse domínio.

A atitude da FRONAPE, ramo da emprêsa estatal, visa a defender os interêsses da economia nacional, impedir que a receita cambial do país sofra novos desfalques.

Por fim, o episódio vem confirmar a procedência da reivindicação nacionalista de encampação das refinarias particulares, e, em primeiro lugar, da refinaria de Capuava, que é a que maiores prejuízos causa à economia brasileira.

BRASIL-POLÔNIA: ACÔRDO PELA PAZ E O DESARMAMENTO

Mais um resultado positivo foi alcançado pela atual orientação de nossa política exterior com a assinatura de um importante acôrdo assinado em Varsóvia pelo ministro San Thiago Dantas e pelo chanceler polonês Adam Rapacki, no dia 17 de maio.

Não se trata de um acôrdo para fins puramente comerciais, embora o aspecto comercial seja o sobressalente. As nossas transações com a Polônia, no próximo ano comercial, devem elevar-se à considerável soma dos 70 milhões de dólares — 35 milhões para cada uma das partes.

O Brasil levará uma grande vantagem com a instalação, por técnicos poloneses, de uma usina de ácido sulfúrico, utilizando a pirita no Rio Grande do Sul, com capacidade de 150 toneladas por dia. Comprometem-se ainda os poloneses a instalar uma usina termelétrica, de 200 mil kilowatts e a fornecer equipamentos para minas de carvão no sul do Brasil, a instalar uma fábrica de montagem de tratores, uma usina de alumínio no Rio Grande do Sul e uma fábrica de cimento celular em São Paulo.

E ainda outra vantagem para o Brasil o compromisso, por parte da Polônia, de aumentar suas importações de café, minério de ferro, cacau, fibras e óleos vegetais do Brasil.

Este o aspecto econômico do Protocolo assinado em Cracóvia.

Mas deve-se destacar também, neste acôrdo San Thiago Dantas — Rapacki, a identidade de pontos de vista, que aproximam ainda mais os dois países, no que se refere a transcendentais problemas políticos da atualidade.

Assim, do texto do comunicado sôbre a visita do chanceler brasileiro à Polônia, entre 14 e 17 de maio, conclui-se que o Brasil e a Polônia concordaram em que "as relações de coexistência e cooperação entre Estados podem e devem basear-se no respeito ao sistema social, ideológico, político e econômico de cada um dêles e no mais amplo desenvolvimento da cooperação internacional, observados os seguintes princípios: respeito à soberania e não intervenção nos negócios internos dos Estados, extinção do colonialismo sob tôdas as suas formas, solução das divergências através das negociações e dos meios pacíficos.

Outro ponto significativo do acôrdo Brasil-Polônia é o que se refere ao "desarmamento completo e geral, sob contrôle eficaz, para assegurar a preservação da paz". Ainda outro: "Os dois ministros vêem na aceleração da corrida aos armamentos atômicos o mais grave perigo para a humanidade". E, conseqüentemente, são favoráveis a um acôrdo internacional para a cessação definitiva das experiências com armas nucleares e termonucleares. Os dois governos declaram-se também contrários à disseminação das armas de destruição em massa e advogam a criação de zonas desatomizadas. Afirmam que a idéia de se concluir um pacto de não agressão entre os países signatários do Tratado do Atlântico Norte e do Tratado de Varsóvia "contribuiria para a eliminação da tensão internacional".

Aí estão importante contribuições de um país capitalista e outro socialista, juntos, em favor da paz mundial.

O acôrdo de Cracóvia é uma reafirmação pelo Brasil de sua política independente no campo internacional. Trata-se de uma política que baseada em compromissos como êstes, corresponde aos interêsses vitais do povo brasileiro. Uma política externa condizente com os anseios de paz de todos os povos e do povo brasileiro em particular contribuirá também para a colaboração frutífera no campo internacional, impulsionando o nosso progresso econômico, criando condições para melhorar as condições de vida do nosso povo.

PROVEITOSA A VISITA DE POPOVIC

Um importante passo para o estreitamento das relações entre o Brasil e a República Popular da Iugoslávia foi dado com a recente visita do ministro do Exterior daquele país, sr. Koca Popovic. Nos contatos mantidos com as autoridades, com a imprensa e expressivos círculos da opinião pública brasileira, pode certamente o ilustre visitante constatar os anseios de paz do nosso povo e seu desejo de viver em boas relações com todos os demais países. Por seu turno, o ministro do exterior da Iugoslávia reafirmou com grande ênfase a política de coexistência ativa seguida pelo seu país.

Das negociações mantidas com o govêrno brasileiro pelo estadista visitante resultaram proveitosos entendimentos no sentido de uma cooperação mais estreita entre o Brasil e a Iugoslávia, tanto no plano político e cultural, como no terreno das relações econômicas. Entre as deliberações tomadas, figura a viagem de técnicos da Petrobrás à Iugoslávia para a compra de petroleiros fabricados lá e destinados à nossa empresa estatal.

Nota Econômica

Josué Almeida

Cruzeiros continuarão adubando cafezais

"Deverá ser conhecido a qualquer momento o esquema financeiro estabelecido pela Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café para a safra que se inicia a 1.º de julho próximo e vai até 30 de junho de 1963. Até o momento em que redigimos esta nota, sabe-se que existe um impasse nas deliberações em tôrno da proposta do Govêrno, que não é aceita pelos representantes dos cafeicultores. Não se trata, de negativa governamental em conceder novos privilégios aos barões do café; não, é que êstes ainda estão achando pouco o muito que o Govêrno lhes oferece.

De acôrdo com o que adiantam os jornais, o Govêrno se propõe a garantir a compra de 40 por cento da safra no Interior a preços que variam de 6 mil cruzeiros (tipos 5 para melhor) a 8.700 cruzeiros (tipos 2 e 3), concedendo, ademais, uma bonificação de 500 cruzeiros por cada saca exportada. Além disto, no quadro mais geral da política de câmbio, já decidiu o Govêrno elevar de 310 para 350 cruzeiros o dólar no chamado mercado livre, com o que, automàticamente, serão beneficiados os exportadores de café. Ao lado destas concessões, limitar-se-ia o Govêrno, em contrapartida, a manter a "quota de contribuição", de 22 dólares por saca, à qual seria acrescentado 1 dólar a título de aplicação pelos governos estaduais, em obras de infra-estrutura.

Que representa, em cruzeiros, a proposta governamental para os exportadores de café? Uma saca de café está sendo exportada, atualmente (segundo estatísticas oficiais do IBC para o mês de março), a um preço médio de cêrca de 40 dólares. Pelo esquema vigente para a safra em curso, 22 dêsses 40 dólares ficam retidos pelo Govêrno para a defesa dos preços do café e os 18 dólares restantes são trocados à taxa do chamado mercado livre de câmbio, que até a semana passada era de 310 cruzeiros, por dólar. Significa, pois, que o exportador recebe, imediatamente, uma quantidade média de 5.580 cruzeiros por saca. Com o esquema agora proposto pelo Govêrno, em vez de 22 seriam 23 os dólares retidos, restando, assim, com o exportador, 17 dólares (supondo, por hipótese, que o preço internacional não continue a cair). Trocando cada um dêsses dólares pela nova taxa — 350 cruzeiros — o exportador receberá 5.950 cruzeiros, aos quais devem ser somados os 500 de bonificação por saca exportada, o que totaliza 6.450 cruzeiros. De tal maneira, o acréscimo mínimo de ganho por saca para o exportador será de 870 cruzeiros em comparação com o que êle recebe agora. Dizemos mínimo porque através de medidas paralelas as autoridades abriram novas facilidades aos exportadores para ampliar seus lucros, através de fraudes cambiais, manobras especulativas, etc.

Se compararmos o que o Govêrno oferece agora aos homens do café com a situação que desfrutavam um ano atrás evidencia-se o privilégio de que gozam neste país. Em maio de 1961, quando ainda vigorava o regime do câmbio de custo e o dólar-café era de 90 cruzeiros (negócio magnífico, como atesta a proliferação das plantações de café) o preço médio da saca exportada era cêrca de 43 dólares, o que, correspondia a um preço médio de 3.870 cruzeiros. Portanto, entre maio de 1961 e maio de 1962 (se não se fôr além da proposta governamental) os exportadores de café terão tido um aumento de receita da ordem de 66,6 por cento. Entre abril de 1961 e março do corrente, o aumento do índice geral de preços foi de cêrca de 45 por cento, segundo a revista "Conjuntura Econômica".

E' evidente que essa política não é nem pode ser desestimulante da expansão dos cafezais; pelo contrário, é um incentivo à formação de novos estoques nos armazéns do Govêrno, na mesma medida em que favorecerá as manobras baixistas contra o café nos mercados internacionais. E quem paga tudo isso é o povo, com o qual os prejuízos são socializados. — Política perigosa, como se vê.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

No Brasil devemos ter especial cuidado com a anedota. Ela nos persegue e nos aponta como país descoberto por acaso, por um almirante português, num tempo em que, segundo os especialistas, ainda não havia êsse pôsto nem mesmo para a reserva remunerada.

A provocação lacerdeana do Campo de São Cristóvão, tem lados anedóticos. Lacerda, com "seu" filho e "seu" carro, expondo assim parcelas consideráveis da família e da propriedade, chegou à Exposição Soviética à procura de uma bomba que ia explodir. Segundo um depoimento, estava nervoso e suava em bicas. O governador ligou-se à tiragem de Borer e evacuou a Exposição. A polícia procurou a bomba e não achou. Os funcionários soviéticos é que a encontraram.

A maior bravata de Lacerda, nesse caso, não foi essa. Foi a entrevista que concedeu ao vespertino "O Globo". Por sinal, "O Globo", há tanto tempo comprometido, através de relações meio secretas, com os norte-americanos, agora vai legalizar a situação, já sem véu nem grinalda, ligando-se oficialmente a uma cadeia jornalística ianque. Lacerda, o primeiro a saber que Lameirão colocara uma bomba em São Cristóvão, alerta o povo, no jornal do comendador Marinho, a respeito do trabalho de "monstruosa máquina de propaganda que está sendo preparada para a subversão da ordem". Não há na advertência nenhuma alusão aos responsáveis pela montagem da máquina que se liga ao atentado terrorista.

Sabe-se porém, que nesse caso se envolvem, além de Lameirão, o coronel Ardovino, em cujo escritório do Edifício Avenida foi encontrado um estoque de explosivos e mais alguns herois do golpismo e da MAC, amigos do governador. Ao lado do depósito de explosivos da sala de Ardovino funciona um escritório do Almirante Sílvio Heck, também companheiro de Lacerda nas aventuras do "Tamandaré" e da tentativa de impedimento da posse do Presidente João Goulart.

Lameirão, depois de colocar a bomba na Exposição Soviética, telefonou a dois próceres golpistas: Lacerda e o brigadeiro Adil. Em sua entrevista ao vespertino americano que se publica no Rio, Lacerda exercita sua velha habilidade de policial. Descobre na Exposição um funcionário russo que lhe disse ter aprendido português em dois meses e que falava fluentemente nossa língua. Outro funcionário também soviético portou-se diante do governador-de-araque de maneira ainda mais suspeita: começou a se expressar sùbitamente no idioma de Camões, sem o haver estudado nem dois meses. Mas a sucessão de fenômenos não fica por aí. O próprio Lacerda, fazendo a barba numa dependência do gabinete do chefe de polícia (ambiente preferido do Corvo) começa de repente a compreender o russo, ouvindo que alguém gritava, ao lado, duas palavras terríveis: "Tovarich kommunist". Se mais não ouviu é porque mais não sabe, pois sua aprendizagem, muito fugaz, já se perde através do tempo, acompanhando a decomposição de seu caráter, decomposição que por sinal começou em 1937, na Bahia, quando o então estudante Lacerda, preso, denunciou a pessoa que o escondia.

Kruschiov Adverte Contra o Perigo de Guerra na Ásia: EUA Responsáveis

A 18 de maio, antes de regressar a Moscou de sua visita à Bulgária, o primeiro-ministro soviético Nikita Kruschiov pronunciou, na cidade búlgara de Ob[illegible] um importante discurso no qual tratou de problemas internacionais do momento. Damos a seguir uma síntese das passagens mais importantes dêsse discurso segundo transmissão de agências telegráficas ocidentais.

O PROBLEMA DO LAOS

Kruschiov se referiu ao agravamento da crise no pequeno reino asiático do Laos, na ex-Indochina francesa, onde neste momento devido à intervenção dos Estados Unidos, existe o perigo de um foco de guerra que ameaça a Ásia e o mundo. O chefe do govêrno soviético [illegible] Tailândia [illegible] Kruschiov:

"Os norte-americanos meteram mais um [illegible] comunistas [illegible] efetuando [illegible] uma questão de tempo. A melhor [illegible] americanos fariam [illegible] renunciar ao jôgo de [illegible] papel de gendarme internacional. No Vietnã os [illegible] lutaram sete anos [illegible] os norte-americanos [illegible] venham pelejar 15 anos mas haverão de sair dali. No Vietnã do Norte, onde o povo exerce o Poder, efetua-se um trabalho criador. No Vietnã do Sul onde estão os norte-americanos, o sangue é derramado".

Ao referir-se à posição da União Soviética em relação à paz entre os povos e às lutas internas nos países, Kruschiov precisou que, neste caso, trata-se da luta anticolonialista, e sublinhou: "Que fazer se um bandido nos ameaça com um punhal? Suplicar-lhe em nome de Cristo, que não nos mate, ou tomar-lhe o punhal à fôrça?"

Kruschiov acrescentou que nenhum direito tinha o chanceler da Tailândia de pedir o envio de tropas dos Estados Unidos para aquele país, uma vez que, não tendo sido eleito por voto popular, não pode falar em nome do povo.

APOIO ÀS LUTAS DE LIBERTAÇÃO

Kruschiov reafirmou o apoio que presta a União Soviética àqueles povos que lutam por sua libertação nacional, salientando: "Não necessitamos de guerra para que o comunismo triunfe. Defendemos a não intervenção nos assuntos internos dos outros países, mas apoiamos as lutas de libertação nacional dos povos por seus próprios esforços. Louvamos os que se levantam contra os colonialistas. Saudamos as sublevações argelina e vietnamita. Saudamos neste momento a luta do povo tailandês. Os tailandeses contam com a nossa simpatia".

Kruschiov referiu-se às contradições próprias do capitalismo e disse a propósito: "Nos Estados Unidos também há uma classe operária que terminará derrotando o capitalismo e levando à vitória o comunismo".

O VIETNÃ DO NORTE

Ainda em relação à situação na antiga Indochina onde hoje existem as Repúblicas do Vietnã do Norte, Vietnã do Sul e os reinos do Laos e Cambodja, Kruschiov disse [illegible] o Vietnã do Norte continua [illegible] enquanto o Vietnã do Sul [illegible] "Isto prova a superioridade do sistema socialista e da teoria marxista. Sôbre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) [illegible] da Ásia (SEATO) [illegible] A bandeira vermelha [illegible]"

RELEMBRANDO DULLES

[illegible]

Uma vez em cada século [illegible] Dulles, que falava de posições de fôrça de forma tão [illegible] que não houve necessidade de nossa parte [illegible] propaganda [illegible] contra sua pessoa. Ele pessoalmente [illegible] de revelar a brutalidade de sua política [illegible] e isto nos ajudou."

SOBRE STALIN

Numa referência à época de Stalin, Kruschiov disse que a polícia secreta da União Soviética foi criada nos tempos de Lenin como instrumento contra os inimigos da Revolução. No entanto, Stalin dirigiu êsse instrumento contra a classe trabalhadora e contra o Partido. E disse:

"Repito as palavras de Puchkin em sua obra "Mozart e Salieri". Quando Salieri envenena Mozart, por ciúme, o autor escreve: "O criminoso e o gênio são duas noções incompatíveis". Sim, eis aqui Kruschiov que se põe a condenar Stalin, não por suas crueldades, mas por sua atuação geral. Lenin também havia instaurado a ditadura do proletariado. Isto era indispensável, e por isso não o condenamos. Mas Stalin merece a nossa condenação porque desembainhou a espada contra sua própria classe, contra seu Partido. Por isto o denunciamos".

Disse ainda: "Isto basta. O mundo inteiro nos está ouvindo. De certa maneira revelei alguns segredos. Fui um tanto ou quanto indiscreto. Os que compreenderem êstes segredos como estou certo, compreenderão nossa política e isto será útil para êles e para nós."

AS PROVAS ATÔMICAS

Passando a tratar dêste outro aspecto importante da situação internacional contemporânea, num instante em que os Estados Unidos realizam experiências nucleares em terra e na atmosfera, Kruschiov observou:

"Fizemos explodir um certo número de armas nucleares e certo número foi feito explodir pelos Estados Unidos. Os norte-americanos acabam de reiniciar suas provas nucleares. Nós reiniciaremos as nossas. É possível que os norte-americanos tenham reiniciado as provas para demonstrar sua fôrça [illegible] que eram mais [illegible] por que [illegible] agora suas experiências [illegible]"

[illegible] União Soviética [illegible] armados [illegible] que podemos [illegible] Não iniciaremos [illegible] porque acreditamos [illegible] E admitiu [illegible] que os representantes dos países imperialistas façam o mesmo".

Quanto à situação atual no mundo, acrescentou que, apesar de tudo, o que se pode vislumbrar é bom.

UMA ENTREVISTA

Depois de regressar a Sofia, de volta do interior da Bulgária Kruschiov, durante uma recepção, falou aos jornalistas ocidentais, e ainda a respeito da situação do Sudeste da Ásia, declarou:

"Estou assombrado com a forma como os norte-americanos caíram nas malhas do problema da Tailândia. [illegible] A guerra [illegible] na Coréia quando os norte-americanos chegaram."

[illegible] a respeito da Tailândia [illegible] desembarque americano naquele país, [illegible] "Acreditam [illegible] que êles foram ali para [illegible] Levaram armas. Vão utilizá-las. Vão disparar aquelas armas, e aquêles sôbre os quais dispararem, revidarão".

«Pravda» tem meio século

Representantes de jornais revolucionários e progressistas de todo o mundo estiveram em Moscou, neste mês de maio, para participar das festas comemorativas do cinqüentenário de "Pravda", o glorioso jornal fundado por Lenin, órgão central do Partido Comunista da União Soviética. Numerosas comemorações assinalaram os 50 anos de "Pravda". No Teatro do Congresso, no Kremlin, teve lugar, perante milhares de pessoas, um ato solene durante o qual "Pravda" foi mais uma vez distinguida com a Ordem de Lenin. Kruschiov, Mikoian, Suslov e outros líderes do Partido e do Estado soviéticos estiveram presentes à solenidade. No dia seguinte os dirigentes soviéticos ofereceram uma recepção aos convidados estrangeiros, no Salão São Jorge, no Kremlin. Os jornalistas de diversos países fizeram, incorporados, uma visita à redação de "Pravda", sendo saudados pelo diretor dêsse jornal, Satiukov. Durante essa visita foram feitos vários presentes à "Pravda". A foto fixa um momento dêsse encontro entre representantes da imprensa revolucionária de quase todo o mundo.

Portugal Livre Terá Relações Com Todos os Povos do Mundo

"Portugal livre, com a breve liquidação do salazarismo, manterá uma política externa de real independência e terá relações com todos os povos do mundo" — afirmou sob aprovadores aplausos do líder das oposições portuguêsas, general Humberto Delgado, e de centenas de pessoas presentes no auditório da União Nacional dos Estudantes, sábado, dia 19, num ato público de solidariedade aos estudantes portuguêses presos e seviciados pela famigerada PIDE de Salazar durante os últimos movimentos de protesto contra a ditadura lusitana, o jornalista e professor Paulo de Castro, principal orador da solenidade. A reunião foi presidida pelo embaixador Álvaro Lins, e estiveram sentados à mesa dirigente dos trabalhos, além do general Delgado e de outros combatentes anti-salazaristas, o presidente da UNE, universitário Aldo Arantes e o presidente da União Fluminense dos Estudantes. A manifestação constituiu-se igualmente num protesto contra a repressão franquista à greve que há oito semanas os mineiros do norte da Espanha vêm mantendo por melhores salários e por condições humanas de trabalho. Falaram também durante o ato um exilado espanhol no Brasil, o presidente da União Fluminense dos Estudantes e, em nome de cento e vinte mil universitários brasileiros, o vice-presidente de Intercâmbio Internacional da UNE, acadêmico Clemente Rosas Ribeiro.

UM GOIANO EM MOSCOU

O sr. Basilio Pires Leal, residente em Anápolis, Goiás, premiado com uma viagem a Moscou e Pequim, com tôdas as despesas pagas, durante 30 dias, viajou para a capital soviética. Declinou, no entanto, o sr. Basilio da viagem a Pequim, preferindo permanecer por mais tempo em Moscou, onde um de seus filhos estuda (Universidade Patrice Lumumba).

Museu Marx e Engels

Inaugurou-se êste mês em Moscou o Museu Marx-Engels. A inauguração teve lugar num ato solene, com a presença de membros do Comitê Central do PCUS e delegações de jornalistas que se encontravam na capital soviética participando das comemorações do cinqüentenário de "Pravda". O Museu consta de farta documentação relacionada com a vida e a atividade revolucionária dos fundadores do socialismo científico, bem como numerosas edições de suas obras em diversos países, inclusive o Brasil.

DECLARAÇÃO DOS COMUNISTAS ARGENTINOS

Unidade de Ação Para Derrubar Ditadura a Serviço do FMI

"Sòmente através da unidade e da luta, será possível evitar que a ditadura que acaba de implantar-se sob a forma "legal" possa consolidar-se, fechar definitivamente o nefasto ciclo dos golpes e contragolpes de estado e abrir uma perspectiva de prosperidade e de bem-estar social para nosso país e nosso povo", afirma o Comitê Central do Partido Comunista da Argentina, em declaração de 2 de abril, em que analisa os últimos acontecimentos naquele país.

O documento acusa frontalmente os altos chefes militares, os setores mais reacionários das fôrças armadas, e os defensores dos interêsses dos latifundiários, grandes capitalistas e monopólios estrangeiros, norte-americanos em primeiro lugar, de terem anulado as eleições de 18 de março, com o objetivo de "intensificar a aplicação do plano antipopular e antinacional de Frondizi, ou seja, do Fundo Monetário Internacional."

MÁSCARA LEGAL

Depois de mostrar o caráter de títere de Guido, que a tudo se submeteu, a declaração afirma que a "solução" encontrada teve como causa o repúdio unânime do povo argentino à instauração de uma ditadura militar, expresso através do pronunciamento de inúmeros partidos, sindicatos e várias outras organizações que dirigiram greves, manifestações e outros atos em que a população mostrava sua indignação com o golpe.

Contradições entre altos chefes militares, que lutavam pela hegemonia no govêrno, bem como a resistência de setores ponderáveis da oficialidade, também contribuíram para a "saída legal" que foi encontrada. No entanto, diz o documento que "os fios que dirigem o títere civil são bem visíveis".

DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

A situação no país se agrava dia a dia, assinala o documento. Com a intensificação na aplicação da política do FMI, se tornará mais aguda a crise financeira e econômica, o que criará mais desempregados e trará mais miséria aos trabalhadores. Embora defendam hipòcritamente os princípios republicanos, ao anular as eleições e adotar como norma de govêrno o chamado plano Martinez, os golpistas mostram que são inimigos jurados da verdadeira democracia.

"Os representantes da oligarquia latifundiária, do grande capital intermediário e dos monopólios ianques e inglêses, assim como os setores reacionários das fôrças armadas e do clero, querem uma democracia representativa de seus interêsses, não dos interêsses do povo". Por isso, prossegue, não suportam a vigência das liberdades democráticas.

"Êste é o modêlo de "democracia representativa ocidental", tão decantada pelos norte-americanos e seus agentes em nosso país", acrescenta a Declaração do P.C.A.

IANQUES E INGLÊSES

A declaração analisa a seguir, as tramas dos grupos que golpearam a democracia no país, até a deposição de Frondizi e a colocação de Guido no "poder". Afirma que participaram das manobras, além dos chefes reacionários das fôrças armadas, os embaixadores norte-americano e inglês, particularmente o primeiro; a cúria, atuando através de certos dirigentes sindicais; e grupos políticos direitistas, claramente minoritários.

E, pergunta o documento, o que levou os representantes diplomáticos dos EUA e da Inglaterra e intervir abertamente no processo golpista?

"A salvaguarda dos respectivos interêsses monopolistas e, muito notadamente, o petróleo.

"A Marinha — esclarece a Declaração do PCA — ou sua maior parte, tradicionalmente pró-inglêsa, atuou de acôrdo com o embaixador britânico movido pela Shell, queixosa de que se tenham feito demasiadas concessões aos monopólios ianques e à ENI italiana. O embaixador do EUA interveio ativamente na crise com o objetivo, primeiro, de defender o govêrno de Frondizi, cuja política econômica, particularmente em relação com a chamada "Aliança para o Progresso", era exposta por seu govêrno como exemplo aos demais países da América Latina; e, já deposto Frondizi, para que se constituísse um govêrno que continuasse a mesma política econômica e a mesma orientação em política exterior".

BANDEIRA SUJA

"Como nos golpes anteriores — prossegue a nota do PCA — os autores do atual tratam de justificar sua atitude agitando histèricamente a suja e desprestigiada bandeira do anticomunismo".

Têm êles o propósito, como sempre, de "levantar uma cortina de fumaça que oculte suas sinistras atividades, destinadas a conter o ascenso do movimento operário, camponês, popular, que se desenvolve no país na base da unidade de ação de comunistas, peronistas, socialistas, populares argentinos e outras correntes democráticas e patrióticas, em defesa dos interêsses econômicos e sociais da classe operária e do povo, contra a política entreguista e pela liberdade e independência nacional".

Desejam, em seus planos, entregar as bases da economia nacional aos monopólios estrangeiros, sobretudo aos norte-americanos. E, como é sabido — acrescenta — os que entregam a economia entregam também a soberania nacional.

Referindo-se à experiência da vida política argentina, acrescenta o PCA que os setores reacionários civis e militares sempre tentaram cortar violentamente qualquer processo de desenvolvimento da unidade de ação das fôrças operárias, democráticas e patrióticas.

UNIDADE DE AÇÃO

Diz a Declaração do PCA que Frondizi foi derrubado porque não estava mais em condições de impedir o avanço das fôrças populares. Seu govêrno era odiado.

Por essa razão, o povo não o defendeu, depois de constantes recuos e traições ao seu programa. Tanto pela sua política externa, como pela interna, Frondizi era odiado por tôda a população trabalhadora.

Mas, a instalação de uma ditadura civil-militar só foi possível devido "à insuficiente unidade da classe operária e do povo". E porque, à frente do povo, não se colocaram decididamente as organizações sindicais, tal como propõe, e por isso lutam, os comunistas".

A crise se aguça na Argentina. Não há, segundo a Declaração, outro dilema: ou soluções de base, ou bancarrota do país. O PCA assinala que essas reformas de base e o atendimento de importantes reivindicações essenciais, estão consubstanciadas no seu programa, no programa da Revolução agrária e antiimperialista.

A unidade de ação é ressaltada como necessidade fundamental para a derrota dos golpistas e a conquista das liberdades democráticas, O PCA sublinha, em seu recente documento:

"Ante a gravidade da situação que se criou no país, nosso Partido propõe uma vez mais a tôdas as organizações operárias e populares, democráticas, progressistas, e patrióticas, lutar em comum para impedir a consolidação do govêrno de ditadura civil-militar imposta e pela formação de um govêrno verdadeiramente democrático, integrado por representantes das organizações operárias e camponesas e de todos os partidos políticos de organizações sociais democráticas e progressistas, sem exceção."

PROGRAMA MÍNIMO

Os comunistas exortam, a seguir, tôdas as organizações políticas e sindicais a somar seus esforços e esquecer divergências passadas, caminhando para a criação de uma direção única, e partindo do princípio de que a unidade de ação não afetará a independência política e orgânica de cada partido e organização que a integre.

Acrescenta que o PCA está disposto a participar de um govêrno democrático ou apoiá-lo; mesmo que êsse govêrno não resolva todos os problemas da revolução agrária e antiimperialista, mas que, no entanto, esteja disposto a realizar um programa mínimo. Nesse programa, estão relacionados, em resumo: o restabelecimento das liberdades e retôrno dos militares aos quartéis; levantamento do estado de sítio e liberdade dos Partidos Comunista e Peronista; ampla anistia; aumento de salários e rebaixa de preços; medidas contra o desemprêgo; Reforma Agrária; revisão das concessões a emprêsas estrangeiras; nacionalização do petróleo e outras fontes de energia, bem como de emprêsas em mãos de monopólios e que sejam decisivas para o desenvolvimento independente da economia nacional; proteção à indústria e ao comércio nacionais; ampliação dos laços comerciais, técnicos e culturais com todos os países, na base da reciprocidade; defesa do princípio de autodeterminação dos povos e de não-intervenção; restabelecimento das relações com Cuba e solidariedade a todos os povos que lutam pela libertação nacional e social e pela paz; política exterior de paz e amizade com todos os povos do mundo, sem exceção; apoio a qualquer iniciativa que vise o desarmamento universal e completo.

COMO LUTAR

Diz a nota do PCA que uma onda de indignação varre o país. Mas que ela, por si só, não mudará o curso reacionário, oligárquico e imperialista por outro democrático e popular.

"Não há pior atitude — assevera o documento — que a da passividade. Os que a fomentam, queiram ou não, fazem o jôgo do inimigo". E' preciso lutar, e a experiência nacional e mundial ensina que as ditaduras devem ser combatidas no seu início, e não quando estão consolidadas.

E' preciso forjar a unidade de ação, desde as bases. Unidade operária e popular. O documento conclama o povo argentino a formar comitês unitários de luta em todo o país, nas fábricas — por seções e turnos, — nos campos, nos bairros, nos escritórios, nas escolas e universidades, nos institutos e laboratórios, em tôdas as partes onde haja trabalho criador.

"Êsses comitês — prossegue — permitirão materializar as palavras-de-ordem de "Nem govêrno do Fundo Monetário Internacional, nem ditadura civil-militar!" — "Govêrno do povo, pelo povo e para o povo!"

Mostra a Declaração que os golpes de estado não são um sinal de fôrça, mas uma demonstração de debilidade dos latifundiários, dos grupos reacionários, dos monopólios estrangeiros, "que já não podem mais governar com os clássicos métodos da democracia burguêsa e por isto são vulneráveis à ação das massas".

Depois de acentuar que a correlação de fôrças é cada vez mais favorável ao mundo socialista, conclui a Declaração do Partido Comunista Argentino:

"Por tudo isso, a causa da paz, da democracia e do socialismo em nosso país — sejam quais forem as condições em que devam lutar seus defensores — há de triunfar.

PARA BREVE A DERROCADA DO FASCISMO EM PORTUGAL. A VERDADE E O MARXISMO.

Em artigo publicado no n.º 3/62 de PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, que acaba de sair, Alvaro Cunhal, patriota português, líder revolucionário provado em duras lutas contra a ditadura em Portugal, examina a nova fase da luta contra o salazarismo e demonstra que o terror fascista não salvará Salazar. No mencionado artigo, que abre a presente edição de PPS, Cunhal prevê para breve a queda do fascismo e a restauração da democracia portuguêsa. Êsse trabalho assume grande atualidade, em face dos últimos acontecimentos políticos e das manifestações de rua no Pôrto, em Lisboa e Coimbra e manifestações grevistas em várias cidades. Leia ainda no mesmo número, os artigos de S. Ryerson, demonstrando que a propaganda do decantado "estilo de vida americano" destina-se a encobrir a realidade da miséria das massas trabalhadoras de todo um continente; os debates sôbre os reflexos da crise do capitalismo na vida dos trabalhadores do chamado "mundo ocidental", e o importante comentário da Redação de PPS com respeito à busca da verdade à luz do marxismo e à base das questões práticas ligadas à própria vida. PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO (n.º 3/62) já se encontra à venda nas principais livrarias do país, nas bancas e "stands" de jornais e revistas. Ou nos seguintes endereços: Rua da Assembléia, 34, sala 304, Rio — GB; Otário Sagebin S.A. R. Gal. Andrade Neves, 90, s/2 em Pôrto Alegre, R. G. Sul; Livraria Farroupilha Ltda, R. Andrade Neves, 115, Sala 32, Pôrto Alegre, R. G. Sul; Livraria Anita Garibaldi, em Florianópolis Sta. Catarina; Distribuidora Nova Cultura, Av. Sete, n.º 1 — Edifício Sulacap — Sala 215, em Salvador, Bahia; Distribuidora de Publicações Souza S/A. R. Saldanha da Gama, 6, em Salvador — Bahia; Av. Afonso Pena, 324, s/40, em Belo Horizonte, M. Gerais; Praça Zacarias, 36, s/901, em Curitiba, Paraná; R. Duque de Caxias, 269, em Vitória, Espírito Santo; R. da Assembléia, 67, sala 12, em Recife, Pernambuco; Rua Floriano Peixoto, 85, sala 326, em Recife, Pernambuco; R. Almirante Tefé, 632, s/403, em Niterói — Estado do Rio; Rua do Comercio, 9, 2.º andar, s/4, em Santos, São Paulo, e Livraria das Bandeiras Ltda. R. do Riachuelo, 342, loja 2 em São Paulo (Capital).

COM A PALAVRA O LEITOR

Como Melhorar NOVOS RUMOS?

Quando NOVOS RUMOS completou um ano de existência, constatada a necessidade de melhorar o jornal, consultamos os leitores para que opinassem sôbre as modificações capazes de aprimorar nosso semanário. A experiência foi excelente. Grande número de leitores respondeu à enquete, muitas de suas opiniões foram aproveitadas, e NR entrou em nova fase, bem melhor que a anterior. Agora, já em pleno quarto ano de existência do jornal, vamos recorrer novamente aos leitores, reeditar a experiência. Publicamos, por isso, o questionário abaixo, pedindo que as respostas sejam enviadas, com a urgência possível, à nossa redação.

1 — Qual a seção de NOVOS RUMOS que mais aprecia? Por quê?
2 — Qual a seção que menos aprecia? Por quê?
3 — Que seção ou seções acha desnecessárias?
4 — Que novas seções sugere?
5 — Que opinião e sugestões tem sôbre a feição gráfica do jornal?
6 — Qual a sua opinião sôbre a linguagem do jornal?
7 — Que críticas mais freqüentes tem ouvido a NOVOS RUMOS?
8 — Indique matérias que na sua opinião não deviam ter sido publicadas.
9 — Indique matérias que na sua opinião deviam ter sido publicadas, e não foram.
10 — Indique as matérias que julgou melhores.
11 — Que matérias lê habitualmente em NOVOS RUMOS?
12 — Que matérias não lê habitualmente em NOVOS RUMOS?
13 — Qual a sua opinião geral sôbre o jornal? Como melhorá-lo?

Observações — Não é obrigatória a indicação do nome do leitor. Mas julgamos necessárias as seguintes indicações: sexo, idade, profissão e cidade em que reside.

CINEMA NÔVO EM DEBATE

Alex Viany: Cinema Sem Fórmulas e Que Veja a Realidade Brasileira

Alex Viany inicia a série de depoimentos que estamos colhendo a respeito do cinema brasileiro atual. Sua posição de crítico que sempre batalhou na arena onde se trava uma verdadeira luta entre os que desejam realizar um cinema nosso, autêntico e bom, e os que aliados a condições ingratas do meio realizavam uma obra fácil e inconseqüente, e conhecida de todos os que se interessam por cinema. Já tendo praticado a realização de três películas (*Rua sem Sol*, *Agulha no Palheiro*) e o episódio brasileiro da película internacional *Die Windrose* (*A Rosa dos Ventos*), êste até hoje desconhecido entre nós) e escrito um livro importantíssimo para a história de nossa arte cinematográfica (*Introdução ao Cinema Brasileiro*) Alex Viany reúne experiência e saber que o credenciam como um dos elementos mais aptos a contar para os leitores aquilo em que se constitui e a que se propõe o Cinema Nôvo.

A êste depoimento seguir-se-ão outros, principalmente de críticos e cineastas empenhados na realização da nova cinematografia brasileira, que surge como a *verdadeira* cinematografia brasileira, em decorrência dos problemas que aborda, da técnica e dos recursos industriais de que se vale.

A controvérsia, os debates suscitados pelo filme *Os Cafajestes*, e os recentes aplausos que interromperam a exibição, culminando com uma apoteose de palmas ao final, da obra *O Pagador de Promessas* em Cannes, representam uma espécie de fanfarra entusiástica que anuncia o Cinema Nôvo, com tôda a sua fôrça.

Seguem-se as perguntas de NOVOS RUMOS e as respostas de Alex Viany.

1. Que é Cinema Nôvo?

Ainda não é: será. Mas, como ponto de partida, aceito um princípio de definição do jovem Paulo César Sarraceni, segundo o qual o Cinema Nôvo é uma questão de verdade, e não de idade. Mesmo porque, caminhando para a metade da quadra dos quarenta, não estou disposto a aceitar ainda a classificação de "velho"; e realmente acredito que a busca da verdade, no cinema como em qualquer outra arte (e, por extensão, qualquer campo de atividade), garante a permanência da juventude. Naturalmente, para mim a verdade só será encontrada sob o prisma do materialismo dialético, tal como aplicado a realidade brasileira. Não se trata, evidentemente, de retornar à idéia do realismo socialista — de resto, uma idéia mal compreendida, tanto pelos que tentaram praticá-la como pelos que a criticaram. No momento atual do Brasil, creio que o realismo crítico é o caminho. Nada inventar, nada supor, nada adivinhar: constatar, exibir, analisar, sugerir soluções (se possível), dentro da capacidade e da visão de cada um cineasta. Não existe, para mim, o problema de personagens *positivas e negativas*; existe, isto sim, e creio que para todos, a necessidade de denunciar males e injustiças, de enfrentar direta ou indiretamente as questões (sociais, políticas, econômico-financeiras, culturais, etc.) que mais marcam a atualidade brasileira, com vistas ao futuro. Por enquanto, a noção geral de Cinema Nôvo e, para mim, uma espécie de vale-tudo: desde que, em premissa, o filme não fuja da realidade, não me impressiona muito se suas conclusões são positivas ou negativas, se seu estilo é acadêmico ou revolucionário. A existência de um Cinema (verdadeiramente) Nôvo dependerá do sumo que pudermos tirar, daqui a 2 ou 3 anos, das experiências de agora. Por isso, parecem-me tão válidas as tentativas de *Os Cafajestes*, com sua clara influência da "nouvelle vague" francesa, como as de *O Pagador de Promessas*, que num plano muito alto (em relação ao que antes se fazia no Brasil), põe num bom caminho o "cinema normal" — o "cinema quadrado" dos apóstolos na "nouvelle vague". Não devem também ser esquecidas as tentativas do passado, desde as mais próximas (Nélson Pereira dos Santos, Galileu Garcia, Lima Barreto, Roberto Santos) até as mais longínquas (Humberto Mauro, certamente, e talvez Mário Peixoto). Há muitas lições que não devem ser esquecidas ou desprezadas; e elas tanto podem estar em *Rio, 40 Graus* e *O Cangaceiro*, *Cara de Fogo* e *Mandacaru Vermelho*, *O Grande Momento* e *Ganga Bruta*, como nos infelizmente perdidos *João Ninguém* e *Favela de Meus Amôres*, e mesmo nas chanchadas ou nos filmes carnavalescos (*Alô, Alô, Carnaval*, *Tudo Azul*, *Absolutamente Certo*, etc.). O Cinema Nôvo terá de procurar os gêneros do cinema brasileiro, e não será, necessariamente, um cinema de cara fechada: poderá resolver-se na comédia urbana como no drama rural, na inquieta obra de um jovem como na mais equilibrada manifestação de um veterano. Para definir-se, para existir, porém, creio que, de saída, deva prometer a si próprio não ser jamais um cinema de elite, para elites inexistentes. E, neste ponto, quero ressaltar um fato obvio: que estamos no Brasil e (por mais que sonhemos com os mercados e os prêmios do estrangeiro) nossa primeira obrigação é para com o público brasileiro. Ainda nos resta, neste finzinho da fase heróica de nosso cinema, a conquista total e definitiva do mercado (isto é, do público) brasileiro. Parece-me, então, que nossa tarefa, agora — por maiores que sejam nossas ânsias de inovar em estilo e técnica —, é fazer filmes capazes de realmente conquistar êsse público imenso, essa imensa torcida (até aqui desarvorada) do cinema brasileiro. E, aqui, um perigo assusta-me: o perigo de que, na intenção de refletir tanto quanto possível as inovações e as experiências do mais avançado cinema estrangeiro, alguns jovens tendam a copiar também a problemática decadente da "nouvelle vague" ou seja lá o que fôr. Mas, em última instância, pensando melhor, nem isso chega a ser um susto de arrepiar cabelo: tamanha é a fôrça de assimilação do Brasil que nenhuma idéia exótica, nenhuma influência perniciosa, resistirá por muito tempo a uma completa e final abrasileiração. Aí finalmente, poderemos pensar em definir o Cinema Nôvo. No momento, tratemos de construí-lo, cada qual dentro do estilo e do rumo que escolher.

2. Quais as perspectivas de colocar o cinema brasileiro entre os grandes cinemas do mundo?

Já virou anedota o tal "Cinema Brasileiro para o Mundo", assim mesmo, em maiúsculas; mas a verdade é que só poderemos duvidar de um cinema brasileiro de plena categoria universal se resolvermos fechar os atlas e as estatísticas. Já somos "os maiores" em futebol, e temos craques mundiais em pintura, escultura, música, arquitetura, literatura, poesia. Crescendo como crescemos — e muito nos resta crescer —, teremos sempre mais craques, em todos os setores da atividade humana. Por que, então, não teremos um cinema de alto nível? Talvez, para que todos acreditem na idéia, seja necessário que ganhemos um campeonato mundial qualquer, tal como no futebol. Se *O Pagador de Promessas* não sair vencedor em Cannes — e poderá perfeitamente sair —, outro filme qualquer conquistará dentro em pouco um prêmio equivalente. E mais prêmios virão para o cinema brasileiro. Basta que façamos bons filmes brasileiros; ou, mais claramente, filmes bons e brasileiros.

3. Que vantagens a indústria cinematográfica, especialmente o Cinema Nôvo oferece ao capital nacional?

Este é o momento de investir no cinema brasileiro. Quem tiver dúvidas, que acompanhe a carreira de *Os Cafajestes* e *O Pagador de Promessas*. Temos, ainda, uma das produções mais baratas do mundo: *Os Cafajestes* custou menos de dez milhões de cruzeiros, *O Pagador de Promessas* não muito mais de dez milhões. Em sua primeira semana de exibição no Rio de Janeiro, *Os Cafajestes* rendeu quase quinze milhões. *O Pagador de Promessas* pelo que tem de mais [illegible], certamente renderá mais. E os dois, sem dúvida alguma, têm carreira garantida no mundo inteiro. Mas, mesmo no mercado interno, já garantiriam um excelente lucro para seus produtores. Os homens de dinheiro que pensem um pouco — e que entrem no páreo do Cinema Nôvo.

4. Reivindicações junto ao govêrno e GEICINE.

Propositadamente, deixei de falar, nas respostas anteriores, no que o cinema brasileiro tem o direito de esperar do govêrno (federal, estadual e municipal). Num país como o Brasil, é indispensável a ajuda governamental à indústria cinematográfica; e tal ajuda poderá vir através das medidas propostas pelo GEICINE, com as quais concordo quase integralmente. Pessoalmente, não creio em grandes estúdios particulares, a [illegible] do elefante-branco da Vera Cruz; uma coisa é o estúdio da Cinédia, que a teimosia de Ademar Gonzaga ergueu em Jacarepaguá; coisa muito diferente — certamente arriscada, provàvelmente nociva — é a ocasional ameaça de êste ou aquêle grupo sair para uma Hollywood cabocla, com planos mirabolantes de iniciativa privada. No estágio atual do cinema brasileiro, estou certo de que o estúdio é a última coisa em que o produtor deve pensar. O GEICINE propõe a construção de um estúdio-modêlo na Guanabara, de tamanho médio e nível internacional. Isso virá suprir o que os pequenos estúdios particulares (para não falar na Vera Cruz) não põem à disposição do produtor. Em outros aspectos, acho urgente a regularização das co-produções do Brasil com outros países (se bem que, em tese, seja contra as co-produções internacionais) e das produções de filmes estrangeiros no Brasil, a instituição do crédito cinematográfico através do Banco do Brasil, a disseminação do chamado "adicional" pelas principais cidades do país, o estabelecimento de um sistema de fiscalização de rendas (com a instituição do ingresso único oficial), a bolação de barreiras à livre entrada de filmes estrangeiros, etc. Tenho sérias dúvidas quanto à questão das bôlsas de estudo para jovens cineastas brasileiros no estrangeiro: pelo que pude observar (exceções, espero), êsses jovens não só adquirem conhecimentos técnicos e estéticos, mas também idéias que podem conduzi-los por caminhos alienados. Mas, voltando ao final de minha primeira resposta, é bem possível que seu trabalho posterior no Brasil termine por torná-los outra vez brasileiros ativos e atuantes, sem resquícios de decadentismo ou niilismo.

5. Experiências pessoais.

Como crítico, sempre lutei por um cinema verdadeiramente brasileiro. Como cineasta (se mereço o título), pouco tenho podido fazer nesse sentido. Os dois filmes que realizei, *Agulha no Palheiro* (1953) e *Rua Sem Sol* (1954), pertencem ainda ao que chamo de "fase heróica" de nosso cinema: foram produzidos nas piores condições possíveis, constituindo, pràticamente, um curso completo De Como Não Fazer Cinema. Mesmo assim, e apesar dos defeitos que minha própria inexperiência nêle imprimiu, considero *Agulha no Palheiro* como um exercício válido. Errei em muitas coisas, inclusive em tom: pretendi fazer uma comédia romântica bem carioca, parodiando certo tipo de dramalhão literário e cinematográfico, e resvalei para o melodrama amável. Agora, volto à prática através de *O Sol é Vermelho*. Nos sete anos que me separam da última experiência de cinema, o episódio brasileiro de *Die Windrose* (1955), estudei e aprendi muito mais do que em todos os anos anteriores à primeira passagem da teoria à prática; tanto que, hoje, sinto, mais do que nunca, todo o nervosismo e tôda a inquietação de um jovem cinemeiro às vésperas de seu contacto inicial com os mistérios da câmara. Não tenho a ilusão de fazer uma obra-prima ou de ensinar cinema a jovens ou velhos. Quero, apenas, dentro das possibilidades que me são oferecidas, dentro de meus conhecimentos, tentar contribuir para o Cinema Nôvo do Brasil. Ainda desta vez, não terei contrôle completo, já que a idéia partiu de meu amigo baiano João Palma Neto. Mas é uma idéia que me atrai (ou não faria o filme), e creio que poderá resultar numa obra de bom cinema brasileiro. Em seguida, se tudo correr como espero, gostaria de levar à tela a peça *A Invasão*, de Dias Gomes. Mais além, não quero pensar, já que o Cinema Nôvo corre desabaladamente, como o próprio Brasil, e não adianta fazer planos com muita antecedência. O que não quero é ficar para trás.

Canto de Página

Eneida

CORONEL CORTES NA TV

Na TV Continental, programa "Mesa Redonda", o coronel Menezes Côrtes falou da sua visita à Itália. E disse que a dificuldade para resolver os problemas de trânsito em Roma resulta do gôsto dos italianos pelas construções velhas.

Se o coronel Côrtes dirigisse o Serviço de Trânsito em Roma, poria logo abaixo tôdas as velharias, a começar pelo tal de Coliseu.

TV, AINDA: ANA LETYCIA

Outra que foi à televisão foi a gravurista Ana Letycia. No programa "Roteiro das Artes" (TV Rio), a artista declarou que os pintores que quiseram fazer obra politicamente comprometida não subsistiram. A tese é difícil de ser sustentada.

Ana Letycia devia ler a **Historia Social da Arte** de Arnold Hauser.

NOTAVEL SEMELHANÇA

Hospedando-se num hotel, em Lambari, o escritor Artur Azevedo notou que uma senhora, môça e bonita, não tirava os olhos dêle. Lá pelas tantas, decidiu abordá-la e perguntou-lhe:

— Minha senhora, desde que cheguei a êste hotel, pude notar que a senhora me olha com insistência. Posso saber a causa?

A môça não se afobou:

— Vou lhe dizer francamente, cavalheiro. É que o senhor, com êste rosto raspado e gordo, é a cara da minha falecida mãe. Nunca vi semelhança tão extraordinária!

O DIVINO WILLIAM

Quando, em 1888, o ator italiano Emmanuel estêve no Brasil, Pardal Mallet escreveu um artigo louvando a categoria de intérprete shakespeareano do visitante. Dessa opinião discordou a escritora Corina Coaracy, que, encontrando Pardal Mallet, procurou polemizar com êle:

— Senhor Mallet, antes de discutirmos, quero que o senhor me diga uma coisa: que idéia faz o senhor do divino William?

Pardal Mallet, todo doçura, respondeu-lhe:

— Minha senhora, já que me pergunta, vou lhe dizer. Para mim, o divino William era uma bêsta.

UMA DE MARK TWAIN

Quiseram saber o que o grande escritor norte-americano pensava a respeito do céu e do inferno. Êle se esquivou, explicando:

— Tenho bons amigos, tanto num como no outro.

GRACILIANO RAMOS EM RUSSO

A Editôra de Literatura da URSS lançou recentemente, em russo, um dos melhores romances do nosso grande e querido Graciliano Ramos: **Vidas Sêcas**. Trata-se de uma brochura modesta, de tipo popular, mas possibilitou assim uma difusão maior, para que o leiam os soviéticos e conheçam uma das melhores obras de nossa ficção realista da atualidade. A edição russa de **Vidas Sêcas** é de 100.000 exemplares.

A tradução foi cuidadosamente preparada por uma brasileira Sattva Brandão, e por um soviético, Zarém Tchernov. A linguagem direta e objetiva de Graciliano foi fielmente traduzida por quem conhece o português e domina o russo.

A edição soviética de **Vidas Sêcas** é precedida de uma pequena biografia de Graciliano Ramos, informações úteis sôbre sua obra e apreciações em tôrno do romance, por alguém que estuda com seriedade a obra de nosso romancista: Inna Terterian.

Êste primeiro livro de Graciliano Ramos em língua russa certamente abrirá caminho para outros que merecem a atenção do grande público soviético, tais como **Angústia**, **S. Bernardo**, **Caetés**.

«SERROTE PRETO» OU FEITOS DE LAMPIÃO

Rui Facó

Aí está um livro que faltava sôbre êste fenômeno interessantíssimo e ainda pouco estudado entre nós, que é o cangaceirismo do Nordeste. *Serrote Prêto*, de Rodrigues de Carvalho, pelo seu valor como depoimento, ultrapassa em qualidades positivas as obras mais conhecidas sôbre Lampião, que são as de Optato Gueiros e Ranulfo Prata, ou a de Raimundo Nonato, que é antes uma coletânea sôbre a tentativa de assalto a Mossoró pelo famoso bandoleiro. Quanto ao que mais se escreveu a respeito, temos apenas breves passagens nesta ou naquela obra, como a de Ulisses Lins, **Um Sertanejo e o Sertão**.

Rodrigues de Carvalho tinha várias qualificações para nos dar um relato como êste: é originário da zona do Nordeste onde floresceu com maior exuberância o cangaceirismo, conheceu a própria família dos Ferreira, de onde saíram Virgulino e seus irmãos para os bandos de cangaceiros, foi testemunha presencial de numerosos episódios relacionados com a atuação de Lampião e seus asseclas. Além disso, soube guardar uma linguagem popular, rica, dos sertões nordestinos, narrando com autenticidade cenas e tipos que ganham relêvo em seu livro.

Seu ponto de vista de princípio quanto às origens do cangaço é em geral certo: trata-se de um problema social, encontrando-se entre seus fatôres "o monopólio da terra e a conseqüente exploração desumana do trabalhador rural pelo "coronel" latifundiário..."

Infelizmente, a tese, cuja aceitação se generaliza nos últimos tempos, não está devidamente fundamentada. Talvez por isso, Rodrigues de Carvalho ainda se deixa influenciar por falsas teorias que são a negação mesma daquela tese, como a do criminoso inato, o "lombrosiano", a que faz referências constantes. Quando não se podem confundir características particulares dêste ou daquele cangaceiro com uma suposta tendência 'natural' para o crime. A grande massa de fatos narrados pelo autor seriam suficientes para pôr de lado quaisquer outras explicações que não as econômico-sociais.

Rodrigues de Carvalho mostra igualmente o quanto a repressão, pelos métodos brutais das fôrças perseguidoras, serviram para exacerbar a fúria dos bandos. Entre as populações sertanejas do Nordeste, havia realmente mais temor ante a aproximação das volantes da polícia militar do que dos próprios cangaceiros. Neste ponto, o livro de Rodrigues de Carvalho é uma ata de acusação contra os *coronéis*, os chefes políticos, os comandantes de volantes da polícia, na sua maior parte homens corruptos, a serviço dêste ou daquele latifundiário e fazendo bons negócios de armas e munições com os bandoleiros.

Algumas coisas me parecem supérfluas no livro. Em primeiro lugar, o prefácio de Alberto Rangel, um aristocrata que não compreendeu absolutamente o fenômeno do cangaceirismo, cujas causas seriam "fàcilmente reparadas pela educação e pela cartilha do ABC"... Também se dispensaria perfeitamente a novelística de certas passagens, em particular do capítulo inicial, que me parece uma excrescência em obra tão objetiva e baseada em fatos tão precisos. E finalmente o livro ganharia em vigor com a eliminação de algumas passagens de "filosofia" barata, calcada em suposições que não estão absolutamente de acôrdo com a realidade local e temporal. O que poderia ter sido Lampião, o gênio militar que perdemos em Silvino. Para quê? Para ser um Góis Monteiro?

Quanto ao mais, o livro de Rodrigues de Carvalho vale por si mesmo, é o mais valioso documentário sôbre certa fase do cangaceirismo no Nordeste.

AINDA "OS CAFAJESTES" NA CENSURA

A proibição que ainda pesa sôbre a exibição da película *Os Cafajestes*, no Estado da Guanabara, tem suscitado uma série de protestos de inúmeras personalidades e entidades diversas.

Recentemente, o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio, Sr. Jairo Mendes, enviou o seguinte telegrama ao governador da Guanabara:

"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio protesta contra violência contínua contra o cinema nacional (casos do filme *Rio, 40 Graus* e, agora, de *Os Cafajestes*). Solicita do chefe de polícia providências para pôr fim à verdadeira imoralidade que é a corrupção na polícia carioca, na administração da Guanabara, a exploração do lenocínio e a prática de jogos proibidos."

SBAT TAMBEM PROTESTA

O presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), Sr. Joraci Camargo, falando em um programa de televisão, na capital mineira, lançou seu veemente protesto contra a violência consumada pela polícia na apreensão do filme *Os Cafajestes*. Regressando mais tarde ao Rio, reafirmou aqui o seu protesto e manifestou inteira solidariedade ao movimento de reação à arbitrariedade policial e de defesa da liberdade de criação artística.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Bombas e Provocações

Continuam em ação as bombas do MAC, já agora com o atestado de débil mental do Lameirão. Vejam só; se a bomba que êles pretendiam explodir na Exposição Soviética rebentasse, quantas e quantas pessoas morreriam? Outro dia, porque era preciso encontrar um culpado para o pavoroso incêndio do circo em Niterói, arranjaram um pobre diabo que, para ser salvo da ira popular, foi logo dado (êsse parece que é mesmo) como débil mental. Sendo Lameirão réu confesso, deve êle continuar vivendo sôlto e galante, mandando bombas? Ontem contra barracas de livros, hoje contra essa fabulosa, majestosa Exposição Soviética. O débil mental do circo sofreu todos os insultos da polícia, dos jornais e provocou o ódio do povo. E Lameirão? Que farão agora com êle? Vão deixá-lo com sua debilidade mental jogando bombas onde entender? Afinal o que faz êsse ministro da Justiça? Não foi Lameirão dado como débil mental para não passar a desertor no caso de Jacareacanga? Por que seu caso foi entregue ao ministro da Aeronáutica? Não é êle hoje um civil (reformado na Aeronáutica)?.

Andam soltos e ajudados (por quem?) os débeis mentais de bombas e provocações; enquanto isso, — felizmente — leio num jornal que jovens no I Congresso Mundial da Juventude Democrata Cristã, recém-reunidos em Caracas, condenaram as ditaduras fascistas "tornando claro que o catolicismo não está mais disposto a tolerar os abusos que em seu nome são perpetrados por êsses regimes de opressão e misséria". Essa foi uma atitude tomada unânimemente pelos delegados de quarenta e dois países da Europa, África e América. Bravos a êles.

Protestam os Democratas cristãos contra as ditaduras o que não impede, segundo um retrato publicado pelo "Correio da Manhã", que as freiras chamadas da Divina Providência, em Massachusetts, nos Estados Unidos, estejam treinando atirar. Aparecem na mencionada foto, sorridentes nos seus véus pretos e toucas brancas, risonhas, muito risonhas, de fuzis em punho. Diz o jornal que elas fazem "treinamento militar". E o mandamento "não matarás", entrou em exercício findo? Não é triste êsse retrato? Não eram as freiras as apregoadoras do "amai-vos uns aos outros"?

Desculpem, irmãos, se eu hoje estou em maré de interrogar. As respostas todos nós sabemos quais sejam, mas devemos perguntar por que tudo isso acontece: as bombas de Lameirão, as freiras prontas para matar e, felizmente, os democratas cristãos tomando posição humana.

No Brasil continuaremos — segundo tudo indica — vítimas de organizações de débeis mentais, com bombas e provocações. Até quando?

A QUESTÃO DA UNIVERSIDADE

A Editôra Universitária da União Nacional dos Estudantes vem de lançar no mercado o seu primeiro livro: o trabalho do professor Álvaro Vieira Pinto, diretor do ISEB e catedrático de História da Filosofia, da Faculdade Nacional de Filosofia, 'A Questão da Universidade". Ao lançamento da obra, realizado em ato público na sede da UNE, no dia 17 do corrente, compareceram centenas de pessoas, notadamente nomes ligados aos meios intelectuais e ao movimento nacionalista. Em discurso que proferiu na ocasião o professor Vieira Pinto discorreu sôbre os principais temas tratados no livro. Falaram também na oportunidade o vice-presidente da UNE para problemas educacionais e culturais, universitário Marco Aurélio Garcia, o acadêmico [illegible] cineasta [illegible] Carlos Diegues, [illegible] e o deputado Francisco Julião. A solenidade foi presidida pelo universitário Marco Aurélio Garcia, e estiveram presentes, entre outros, o deputado Paulo Alberto, o desembargador Osny Duarte Pereira, vários líderes estudantis e sindicais, um representante da Petrobrás, o adido cultural da embaixada de Cuba e o estudante chileno Patrício Fernández, membro do secretariado da Secretaria Coordenadora de Uniões Nacionais de Estudantes (COSEC). Após a reunião o professor Vieira Pinto permaneceu na sede da UNE até a madrugada do dia seguinte, autografando exemplares do primeiro livro publicado pela editora dos estudantes. Na foto, o professor recebe das mãos do vice-presidente para problemas educacionais da UNE uma medalha que lhe foi conferida pela União Internacional dos Estudantes, [illegible] ao estudo e à discussão dos assuntos educacionais.

PODE O FASCISMO RESSURGIR?

O tema é interessante e de grande atualidade. Conhecendo-se as origens do regime fascista, que em sua forma aguda floresceu na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini, sabendo-se que o fascismo é gerado pelos elementos mais reacionários do capital monopolista, é a ditadura terrorista dessas fôrças contra o movimento operário e o movimento socialista em cada país e no mundo, não é impossível o seu ressurgimento.

É verdade que até agora, neste após guerra, tem sido difícil ao capital monopolista reagrupar suas fôrças mais extremadas para implantar uma ditadura terrorista. A derrota do fascismo na última guerra mundial foi por demais tragorosa. Os chefes fascistas perderam não só o poder, mas a própria cabeça, fisicamente. Suas hostes foram esmagadas (à exceção de reduzidos focos que restaram, como Espanha e Portugal). As tentativas de grupos como o do senador norte-americano MacCarthy falharam. Mas novas tentativas se repetem. Aí está, nos Estados Unidos ainda, a famigerada Sociedade John Birch, com tôdas as características do fascismo e contando com o apoio de círculos industriais poderosos. E não é só. Na Alemanha, Adenauer deu emprêgo, em cargos importantes, a antigos colaboradores de Hitler.

O assunto é discutido — e aconselhamos a leitura do artigo — em PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, n.º 4 dêste ano, que acaba de sair.

SAUDAÇÃO A ASTROJILDO

De Rio Bonito, sua terra natal, Astrojildo Pereira recebeu o seguinte telegrama:

"Os amigos e intelectuais, seus conterrâneos riobonitenses, saúdam-no pela passagem do cinqüentenário de sua luta fecunda e ativa, como intelectual, na causa comum do povo brasileiro, ocorrido no dia 12 do corrente mês. (a.) — João Nepomuceno, José Lima, Raimundo Nonato Lopes, Lenecy Andrade da Silva, Antônio Rodrigues, Reny Cardoso, Emanoel Macedo, Leir Morais, Clóvis Corrêa."

CINEMA NÔVO REDESCOBRE CINEMA VELHO (E BOM)

Estão realizando, tôdas as segundas-feiras, no horário das 22 horas, no auditório do Cine Mesbla (Rua do Passeio) a Retrospectiva do Cinema Brasileiro. A mostra, que surge em decorrência do movimento de crítica de nosso patrimônio cinematográfico suscitado pelas atividades do Cinema Nôvo, mostrará as principais obras, ainda disponíveis, realizadas entre nós.

A Retrospectiva teve início na segunda-feira, 21 de maio, com a película de Humberto Mauro, *Ganga Bruta*.

Paraná: os Klabin Mantêm um Estado (Monte Alegre) Dentro do Estado e Impedem Autonomia de Uma Cidade

Reportagem de **Agliberto Azevedo**, chefe da sucursal de NR no Paraná

Tibagi é um município paranaense banhado de meio a meio pelo rio que lhe empresta o nome. Está encravado entre o **norte velho**, dos grandes latifúndios de café, **o Sul**, com seus imensos latifúndios improdutivos, de pequena criação e ínfima lavoura de consumo nas cercanias das cidades, e a rica e próspera zona cafeeira do **norte** do Estado, onde, como que por ironia, centenas de milhares de trabalhadores agrícolas continuam mergulhados na miséria e no analfabetismo. Tibagi é um município grande e rico, e apesar de relativamente despovoado, em consequência das grandes áreas de latifúndios improdutivos que o constituem, abriga a maior concentração operária e de assalariados agrícolas do Paraná. Ali os famosos Klabin, de tanto destaque nas colunas sociais da chamada grande imprensa e figuras de proa do mundo dos altos negócios, instalaram a maior fábrica de papel da América do Sul, em plena mata, numa região fertilíssima, rica de imensos pinheirais, carvão mineral, abundante de água e de potencial hidrelétrico: a Fazenda Monte Alegre, que é um dos maiores latifúndios do Estado, com 62 mil alqueires. Na zona está localizada Cidade Nova, centro mais populoso do município de Tibagi, que há muito vem pretendendo transformar-se em município independente, não o conseguindo porque isso contraria os interêsses políticos do consórcio Klabin.

TRANSPONDO A FRONTEIRA

Estivemos em Monte Alegre. Alcançamos a fazenda pela estrada de Ventania, um dos núcleos populacionais de Tibagi. Viajamos de ônibus, durante mais de 40 minutos, por uma estrada de barro, porém em ótimas condições, atravessando grandes áreas de matas, onde também a firma Matarazzo possui terras. Chegamos a uma porteira, num local onde o leito da estrada está obstruído por uma corrente de aço, que marca os limites do império dos Klabin. Ladeando a barreira estão postados dois guardas uniformizados. A semelhança da farda, à primeira vista, dá a impressão de tratar-se de soldados da polícia militar do Estado. O ônibus continua seu percurso. As margens da rodovia encontramos pequenos núcleos residenciais. São concentrações de trabalhadores em pinheirais, serrarias, olarias, pedreiras, plantações de arroz, milho, feijão e outros cereais destinados a abastecer a população de Monte Alegre. Após mais de meia hora atingimos o lugarejo denominado Lagoa, que tem uma população superior a 2 mil habitantes e é sede do Departamento Florestal e da Silvicultura da grande emprêsa. Ali estão concentrados os funcionários de origem européia — lituanos, poloneses, tchecos, austríacos e alemães — todos técnicos de gabarito. Além de empreitadas, em que trabalham centenas de operários, predomina nessa área o serviço rural. O sistema empregado é o de colonos, que arrendam uma certa porção de terra por um preço determinado, comprometendo-se a produzir uma certa cota de cereais. Existem ainda grandes armazéns com maquinaria apropriada para o beneficiamento de cereais e que empregam homens, mulheres e crianças.

UMA ZONA NEUTRA

Engolindo rapidamente muitos quilômetros o nosso transporte chega a Harmonia, centro populacional grande, onde se encontra a gigantesca fábrica de papel e papelão e de pasta de celulose que é fornecida para diversas fábricas do país e que serve de matéria prima para a fabricação de outros tipos de papel mais finos. Em Harmonia está a sede central da fazenda. Na fábrica trabalham cêrca de 5 mil operários, de diversas categorias. Com a montagem de um grande conjunto de máquinas cuja capacidade ultrapassa a das já existentes, os Klabin pretendem duplicar a sua produção de papel. A fábrica fica à margem do rio Tibagi e é movida por energia hidrelétrica de usina da própria fazenda. Mas a fabricação de papel e papelão exige a utilização de vapor para a secagem. Antes, as caldeiras eram alimentadas à lenha. Agora, a lenha vem sendo substituída por carvão. Hoje a maior parte do combustível é de origem mineral. A matéria prima para o fabrico do papel é o pinho. A madeira é descascada, servindo a casca para a fornalha. Serrada, a madeira é posta em depósitos esféricos, de 2,5 metros de diâmetro, com água e soda. Os depósitos se movem e a madeira passa para um moinho onde é transformada em farelo, transformando-se, depois de sofrer uma reação química, numa pasta. Daí é levada a cilindros, de onde saem já as bobinas de papel e papelão.

Harmonia é o único centro populacional da fazenda com instalações apropriadas para visitantes. Ali existe um grande hotel que é uma espécie de zona neutra, o único "território livre" dentro do imenso latifúndio dos Klabin. Mas não se percorre a fazenda nem se visita a fábrica sem licença especial.

Em Harmonia a situação dos trabalhadores não é tão precária. Além de casas com iluminação elétrica, tôdas pertencentes à emprêsa, encontramos razoáveis condições de assistência médica e hospitalar e oportunidades para a prática de esportes e outras diversões, o que não se verifica nos demais centros de trabalho da fazenda. Mas, mesmo aí, onde os operários são melhor remunerados (quase todos são trabalhadores qualificados), os salários andam em geral muito abaixo do que recebem os operários em Estados como São Paulo. Por isso mesmo, muitos dos especialistas que vêm de São Paulo, como acontece agora com os contratados para a montagem da nova maquinaria, só aceitam o trabalho em condições equivalentes às que poderiam obter naquele Estado. Por serviços que renderiam salários de 140 a 180 cruzeiros horários em São Paulo, em Monte Alegre os operários da fábrica recebem normalmente de 80 a 100 cruzeiros. Por isso o proletariado da fábrica é constituído, em sua grande maioria, de elementos procedentes de Curitiba, Ponta Grossa e de outros centros do Estado, onde o salário é baixo.

UM QUADRO QUE REVOLTA

Situação vexatória encontramos no trabalho do campo e na mina de carvão, onde os trabalhadores vivem em condições as mais das vêzes infra-humanas. Além do trabalho pesado e salário pequeno, não têm qualquer amparo … -lhes assistência médica e … com o ensino. Além das escolinhas serem em número insuficiente, os pais são obrigados a retirar os filhos das mesmas para que êstes ajudem com seu trabalho à manutenção da família.

A mina está em um morro e nela trabalham cêrca de 200 operários. Avança-se horizontalmente. Mas o carvão é extraído com os instrumentos mais rudimentares: marreta, picareta, bateias de alumínio … homens trabalham com chapéu de alumínio, calção e botas. A posição, a mais incômoda possível: sentado ou deitado, e sempre sob uma umidade terrível. Ademais do perigo de reumatismo, enfrentam o fantasma da silicose que ataca os pulmões e a vista. Os mineiros em Monte Alegre trabalham 8 horas diárias em péssimas condições, sem qualquer assistência em caso de acidente de trabalho, isolados no meio do grande latifúndio, ganhando um salário ridículo e não têm sequer o seu sindicato. Em geral são operários jovens. Depois de certa idade desistem porque suas condições físicas não suportam mais as … condições em que mourejam.

O ESTADO PRIVADO

Em tôda a região de Monte Alegre — um Estado dentro do Estado do Paraná — a lei é ditada pelo consórcio Klabin. Prefeitura, justiça, polícia, partidos políticos, escolas, sindicatos, agências do IAPI do IAPTEC, nada escapa à pressão asfixiante dos donos do município. Os Klabin elegem prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais, atuando poderosamente no legislativo e no govêrno estaduais. Seu domínio é tão forte que por ocasião da reorganização política do Paraná, quando se verificou o desdobramento de vários municípios com a criação de dezenas de novas comunas, de nada valeu a voz de milhares de moradores de Cidade Nova, hoje o maior centro populacional dentro do município de Tibagi, no sentido de sua transformação em cidade independente. Cidade Nova quer libertar-se do jugo dos Klabin. Tem uma população superior a 8 mil habitantes, que aumenta constantemente em consequência do próprio desenvolvimento da fábrica. Possui movimentado comércio (a própria população de Harmonia prefere comprar lá, onde os preços são os mais baratos de toda a região de Monte Alegre), pequenas indústrias (serrarias, fábricas de balas, torrefação de café, fábricas de refrigerantes, etc.), sendo o núcleo mais progressista de Tibagi. Em Cidade Nova está sediado também o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Papel e Papelão e Celulose de Monte Alegre, com milhares de associados. Há, por outro lado, na localidade, uma classe média bastante numerosa. Cidade Nova quer conquistar sua autonomia, mas os todo-poderosos Klabin não querem vê-la transformada em município porque ser-lhes-á bem mais difícil dominá-la politicamente. A independência é, entretanto, a maior aspiração de seus moradores. É seu problema máximo. E é em tôrno dêle que exigirão, na campanha eleitoral para o pleito de outubro próximo, uma definição clara e formal dos partidos políticos e candidatos que se dizem democratas mas que se mostram sempre presos aos grandes magnatas do poder econômico como os Klabin.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Amigos de Tupã (S. P.)	5.000,00
Amigos de Uberlândia (Minas)	80,00
Manuel Dias Carvalheiras (Rio-GB)	500,00
Madureira (Rio-GB)	215,00
3 amigos de Magé (E. Rio)	1.500,00
Paulo Cesar (Tijuca - GB)	700,00
Hoteleiros (Rio-GB)	480,00

A «Conspiração» dos «Sem-Terra»

Texto de **Ramon Wayne**, correspondente de NR em Bagé (RGS)

Anoitece, quando o auto deixa a cidade. Nele viajam o presidente e o tesoureiro da Associação dos Camponeses de Bagé. Horas antes haviam sido avisados de que, encerrados os serviços de abate de rezes naquele dia, os operários da charqueada se reuniriam para ouvi-los. Quando chegam já é noite, com estrêlas. Faz frio. Um associado os espera. É um associado que convocou os companheiros de trabalho da charqueada para a reunião.

— Esta noite é geada na certa — prevê, enquanto conduz os recém-chegados à venda onde os homens aguardam.

— Os outros não puderam vir — explica, mostrando o grupo reunido na foto, e o presidente da Associação dos Camponeses de Bagé, Manoel Rivas, o quarto a partir da direita, de boné — ficaram no turno da noite, na salga (os serviços de salga da carne prosseguem noite a dentro).

Os que estão na venda, estão constrangidos: os que chegaram da cidade são estranhos. Começa a reunião. Os estranhos falam de reforma agrária. Não fazem discursos; conversam. O tema é o homem do campo. Todos ali são homens do campo. No campo estão suas famílias à espera que finde a safra da carne, quando os homens voltarão por uns dias, para depois saírem de nôvo à procura de outros lugares de trabalho.

— Com o que se ganha em três meses, não se come em dois — adianta um dêles.

— Eu só vejo a família nos feriados, desde junho do ano passado — diz outro.

Para êles não é novidade. É problema de todos. Ali está uma parte dos "sem-terra" da fronteira gaúcha que, fazendo centro em Bagé, percorrem êste município e os de Lavras, Dom Pedrito, São Gabriel, Pinheiro Machado e até Herval do Sul, à cata de trabalho para garantir a subsistência. E êste grupo é dos mais felizes. É dos que conseguiram emprêgo na safra das charqueadas. Outros, no mesmo momento, continuam batendo estradas e ruas atrás de uma oportunidade de trabalho, que cada vez se faz mais difícil.

Agora todos estão conversando. Entrar para a Associação já é coisa decidida. Fala-se e se esclarece a maneira de conseguir a terra para o camponês. Entra-se em detalhes. Dúvidas são explicadas.

Dentro de pouco tempo a safra de carne estará terminada. Duzentos homens, só de uma charqueada de Bagé, sairão para a estrada, a catar serviço. Mas, êles mesmos decidiram, nas horas de folga, nos galpões das estâncias, cumprirão sua tarefa: criar núcleos da Associação em todos os lugares por onde passarem. Como um dêles criou o na charqueada. E avisarão à Associação da formação dos novos grupos, para que a reunião da charqueada se repita noutros lugares, como a da charqueada nasceu da visita ao Alto dos Azevedo, como a do Alto dos Azevedo resultou de uma sucessão de visitas anteriores a outros lugares.

Os visitantes voltam à cidade, e os trabalhadores da charqueada são engolidos pela noite fria com as estrêlas brilhando por cima.

TERROR NO MARANHÃO: POLÍCIA DO ESTADO AGRIDE E MATA CAMPONESES E CRIANÇAS

SÃO LUIZ, Maranhão (Do correspondente, urgente) — Várias mortes, inclusive de crianças, acaba de ocorrer num violento conflito no município de Pirapemas, quando a polícia do govêrno do Estado, posta a serviço de interêsses dos latifundiários, investiu, armada de revólveres e metralhadoras, contra pacíficos camponeses. A situação naquele município está tensa, com a população revoltada diante da barbárie policial. As autoridades estaduais, insistindo na sua decisão de não permitirem sequer que os lavradores se reunam para protestar contra as arbitrariedades de que vêm sendo vítimas e para reivindicar condições mais humanas de vida, acabam de enviar um refôrço policial de 32 soldados para aquela cidade. As entidades sindicais de todo o Estado estão solidárias com os camponeses e em face do clima de terror instalado no Maranhão já se movimentam no sentido de pedir intervenção do Exército. Em Coroatá foram presos o presidente da União dos Lavradores local, o presidente da União dos Ferroviários, a líder feminina Francisca Matias da Paz e Domingos Magno da Cunha, dirigente camponês do município de Independência, mais tarde liberados por fôrça da ameaça dos ferroviários de paralisarem totalmente o tráfego na Estrada de Ferro São Luiz-Terezina. A polícia trama a invasão de novos municípios e tôda a população resta em tétrica espectativa diante da iminência de novos morticínios.

SECRETÁRIA DAS LIGAS DA PARAÍBA A NR:

Camponeses Organizam-se Para Derrotar Terror do Latifúndio

Estêve recentemente no Rio a tesoureira da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba e da Liga de Guarabira, Maria do Carmo Aquino.

A nosso pedido, Maria do Carmo fêz para os leitores de NOVOS RUMOS um breve relato da situação atualmente existente no campo, na Paraíba, e do papel que vêm desempenhando as organizações de trabalhadores agrícolas, meeiros, arrendatários, pequenos proprietários na luta contra o latifúndio e pela reforma agrária.

O recente assassinato do presidente da Liga Camponesa de Sapé, João Pedro Teixeira, a tentativa de assassinato de Pedro Fazendeiro, que foi gravemente ferido, três mortes anteriores de membros das ligas camponesas, fizeram convergir para aquêle Estado nordestino as atenções do País. Um clamor nacional se levantou com o assassinato de João Pedro. Cresceu o interêsse pelos acontecimentos no campo paraibano.

Maria do Carmo Aquino, respondendo à curiosidade em tôrno das questões suscitadas por aquêles acontecimentos, fêz-nos o seguinte relato:

— A situação na Paraíba continua grave. Isto porque os latifundiários se sentiram apoiados pelas arbitrariedades das autoridades militares, autorizadas pelo comandante da Região Militar sediada no Recife, general Costa e Silva.

Os latifundiários estão armados e se lançam em fúria contra as Ligas e contra os trabalhadores do campo que sabem filiados às ligas. Perseguem-nos, despedem-nos, expulsam-nos das choupanas onde moram ou da terra que arrendam. E continuam a importar capangas, sobretudo de Alagoas, assassinos profissionais … matadores a sôldo.

OS CAMPONESES ALERTAS

Mas os camponeses também estão alertas, unidos em suas organizações e ganham espírito combativo, como mostraram os protestos de massa que se sucederam ao assassinato de João Pedro. Revidam às tentativas de massacre ordenados pelos latifundiários. Recentemente, um dos capangas alugados pelos grandes fazendeiros, Pereirão, vindo de Alagoas, com várias mortes nas costas, perdeu a vida ao atacar um grupo de moradores. Êsse bandido estava a serviço do latifundiário Pedro Ramos, que lhe havia dado um fuzil para suas tropelias. Com seus capangas, Pedro Ramos havia despejado 18 moradores de suas terras. Pereirão tivera papel saliente nesses despejos, … pois andavam em bandos, davam tiros para amedrontar os moradores e suas famílias. Intimidavam as mulheres e as crianças, para através delas intimidarem os homens. Armados de rifles, cartucheiras, revólveres, Pereirão e mais cinco capangas ma… Nascimento, arrendatário de … les na cabeça. Êstes reagiram e o liquidaram em legítima defesa. A mesma sorte coube a outro capanga que o acompanhava, de nome Leonel. Os outros 4 fugiram. Diz-se que Pereirão, em sua longa e desgraçada vida de assassino a sôldo, praticara cêrca de 60 mortes.

É com bandidos assim que os latifundiários querem resolver um tão grave problema, como o problema da terra, que no Nordeste adquire características particulares, verdadeiramente desumanas.

CONDIÇÕES DE VIDA

Alguns exemplos das terríveis condições de vida existentes hoje no Nordeste. Os salários diários dos trabalhadores rurais não vão além de 100 cruzeiros. E êstes mesmos são uma minoria insignificante na Paraíba. Embora pareça incrível, há salários de 25 e 30 cruzeiros por dia de trabalho. Nos canaviais, a média é 80 cruzeiros. Os que ganham menos, para não morrer à fome, têm que plantar um pedaço de terra no fundo do quintal, cultivando com milho, feijão, batata doce. É o socôrro da família. Essa gente nunca vê carne, não sabe o que é beber leite. As crianças comem o que na Paraíba se chama "papa dágua", um mingau de farinha e sal.

Enquanto isso, para aquêles salários, vigoram, no varejo, preços dêstes níveis: feijão mulatinho — 1.200 cruzeiros a cúia (10 litros); farinha de mandioca — 500 cruzeiros a cúia; carne de boi — 220 cruzeiros o quilo, com ôsso; xarque — 340 o quilo.

Quer dizer, mesmo, aquela minoria de trabalhadores rurais que ganha o salário máximo no campo, aproximadamente 100 cruzeiros por dia necessitam de trabalhar mais de dois dias para comprar um quilo de carne com ôsso. Mais de um dia para comprar um quilo de feijão mulatinho, o alimento tradicional do homem do campo.

COMO NÃO LUTAR? ?

Seria absurdo imaginar que êsses míseros, submetidos a uma dieta que corresponde à fome crônica, morrendo em plena juventude vendo seus filhos morrerem em grande número, não lutassem, na medida em que ganham consciência de sua situação.

Daí as ligas camponesas, que se espalham pela Paraíba, arregimentando um número crescente de trabalhadores e pobres do campo.

As ligas camponesas começaram a ser fundadas na Paraíba há bem pouco tempo. Existem em funcionamento, hoje, 10 ligas, congregando aproximadamente 20.000 camponeses. São as de Sapé, a maior de todas e a mais famosa por sua dinâmica atividade e combatividade de seus membros, e mais as de Guarabira, Alhandra, Oitizeiro, Belém, Areia, Pedras de Fogo, Campina Grande, Santa Rita e Mamanguape.

A liga de Sapé cresceu porque é onde existem os maiores latifúndios e onde é maior a exploração do trabalhador do campo. São famosos aí os grandes proprietários rurais Ribeiro Coutinho, Marinho Falcão, Irmãos Meireles. As terras de Ribeiro Coutinho vão de João Pessoa, através de todo o Estado da Paraíba, prolongam-se pelo Rio Grande do Norte, terminam em Pernambuco. Sòmente Pedro Ramos Ribeiro Coutinho, um dos indigitados mandantes do assassinato de João Pedro, tem 6 propriedades, sendo uma delas com 14.500 hectares.

Aí é que está a fonte de tôda a miséria e de tôdas as inquietações no campo da Paraíba. Em terem feito esta descoberta é que consiste o grande avanço de um número crescente dos atuais habitantes do campo na Paraíba — e de todo o Nordeste — sôbre seus antepassados. Conscientes disto, êles lutam contra o latifúndio … exploração e terror imposto … reforma agrária que mude radicalmente a situação das massas pobres do campo.

IMPRENSA POPULAR TEM RAINHA (BONITA) EM BAGÉ

Bagé, Rio Grande do Sul (Do correspondente) — Com o auditório da Rádio Clube local literalmente tomado, foram coroadas, dia 28 de abril último, respectivamente Rainha e Princesas da Imprensa Popular as jovens e belas srtas. Yara C. Jardim, Nancy Moura Lemos e Marly Lemos. Yara foi coroada pelo jornalista Harry Rottermund, representante do prefeito municipal Camilo Gomes. Na ocasião o profissional de imprensa proferiu pequeno discurso, dizendo do papel importante que joga a imprensa popular nos países subdesenvolvidos e ressaltando a significação do acontecimento. Nancy e Marly receberam suas faixas de princesas das mãos das senhoras Hebe Ledo e Katia Wayne. Após o ato de coroação a noite festiva prosseguiu com animado baile nos salões da Sociedade Saca-Rôlha, tradicional e popular clube recreativo de Bagé, até às primeiras horas do dia seguinte. A linda rainha e as princesas foram, naturalmente, as pessoas mais alegres da festa e, ao final, declaram-se felizes de que sua beleza prestasse tão relevante serviço à divulgação da imprensa popular. O concurso, que obteve o mais compensador êxito, é parte de um plano de promoção da imprensa democrática junto ao povo do interior. Na foto, Yara recebendo a faixa que, disse, guardará com carinho por tôda a vida.

Presença da FLN no Estado do Rio

Niterói, Estado do Rio (Do correspondente) — O governador Mauro Borges, de Goiás, deverá proferir nesta capital importante palestra sôbre a atualidade nacional, no dia 9 de junho vindouro, às 19 horas, por ocasião da solenidade de instalação oficial da Secção do Estado do Rio da Frente de Libertação Nacional, que terá lugar no Estádio Municipal de Caio Martins. Além do governador goiano, falarão ao povo fluminense na oportunidade diversos parlamentares, líderes políticos, homens públicos, jornalistas, dirigentes sindicais, estudantes e camponeses, participantes do movimento nacionalista. A Frente de Libertação Nacional vem funcionando há já algum tempo no Estado, tendo uma sede provisória em Niterói, na avenida Visconde do Rio Branco, 645, onde atende a todos os interessados em ingressar em suas fileiras e de onde coordena e dirige as atividades que … Dessa residência fazem parte as seguintes organizações: Conselho Inter-Sindical do Estado do Rio de Janeiro, Federação das Associações dos Lavradores, União Fluminense dos Estudantes Secundários, Federação dos Centros Pró-Melhoramentos, além de parlamentares federais e estaduais e de diversos prefeitos municipais. Sua atuação prática é dirigida por uma Comissão Executiva, presidida pelo deputado federal Adão Pereira Nunes (Na foto, quando discursava no ato de instalação da sede provisória, no dia 24 de abril próximo passado), e que tem a composição que se segue: secretário-geral, dr. Luiz Tubenchlak; tesoureiro, Miguel Bichara; secretário de organização, dr. Manoel Martins; secretário de finanças, Roberto Paiva Muniz; de propaganda e divulgação, Everaldo Valadares; sindical, Gabriel Alves de Oliveira; de associações camponesas, Manoel Ferreira da Silva; de intercâmbio, Hugo Milan; de frentes municipais, dr. Plínio Barreira; de assistência feminina, Theresinha Ozorio; estudantil, Suely Gomes; de associações populares, Arnaldo Nascimento Marques; de relações públicas, o poeta Geir Campos e de atividades parlamentares, Afonso Celso Nogueira Monteiro.

Crise do Abastecimento: Povo Paga a Sua Vida Pela Hora da Morte e Govêrno Assiste o Drama Impassivo

[illegible] pa a faltar pão devido o esgotamento dos estoques de farinha de trigo. O [illegible] ali só é encontrado a [illegible] de 130 cruzeiros por [illegible] da quilograma. No Rio, [illegible] maizena, letras e mer[illegible] podem ser achados. [illegible] tipos de feijão: os [illegible] "enxofre" e "ca[illegible]". Seu preço está liberado [illegible] de péssima qualidade [illegible] os compra [illegible] menos de 150 cruzeiros, [illegible] "preto" e o "manteiga", [illegible] preferidos pela população [illegible] da praça [illegible] podem ser adquiridos [illegible] câmbio negro, por [illegible] nunca inferior a [illegible] cruzeiros. O arroz é [illegible] outra miragem. [illegible] os que [illegible] Se o pobre ou [illegible] assalariado tentar [illegible] diferente da[illegible] que sempre constituiu [illegible] base alimentar [illegible] alimentar-se. É [illegible] uma volta por qualquer das feiras instaladas [illegible] e constatar que [illegible] dinheiro de pouco ou [illegible]. Porque verá [illegible] barracas: tomate, de [illegible] a 120 cruzeiros o quilo; [illegible] 40 cruzeiros; aipim, [illegible] 30; beterraba, [illegible] 70; pepino, [illegible] 25; quiabo 70; pimentão, 100; repolho, 30; [illegible] 50; [illegible] 50; cebola entre 40 e 50; e couve-flor até a 100 cruzeiros [illegible]. Frutas: melancia, 45 o quilo; caqui entre [illegible] 25 cada fruta; abacate, [illegible] barracas até a [illegible] cruzeiros a unidade; mamão entre 30 e 70 cruzeiros o quilo; tangerina, entre 50 e 70 cruzeiros a dúzia; banana prata, até 50 cruzeiros a dúzia, e assim por diante.

CARNE: O PREÇO NÃO É FRACO

Determinados tipos de carne estão banidos da mesa popular: chã-de-dentro, lagarto, patinho e alcatra, cujos preços oscilam entre 210 e 250 cruzeiros o quilo. Os outros, os que ainda podem ser adquiridos, em breve também terão de ser alijados da refeição do homem do povo. Por conta da entressafra, que só terá início em junho, os açougueiros estão anunciando um aumento de 20 cruzeiros em cada quilo do produto. E advertem desde agora que a majoração não ficará só nisso. Deverá concretizar-se continuamente, de maneira gradativa, subindo de 2 a 3 cruzeiros em cada quinze dias.

LEITE RENDOSO

No Rio bebe-se um leite que custa até 35 cruzeiros o litro, e é, nas mais das vêzes, "batizado", ou seja, misturado com água. Esse produto, de importância vital na alimentação das crianças, esteve até há bem pouco tempo tabelado e sendo vendido por volta de 25 cruzeiros o litro. Seus derivados (queijo, manteiga, leite em pó, etc.) nunca tiveram limitado o preço de venda, servindo para larga especulação e como grande fonte de lucros dos comerciantes que com êles negociam. Não sendo tabelado o leite industrializado e sendo controlado o preço do produto "in natura", o desvio do alimento para as fontes de industrialização era constante. Tabelar os derivados era a solução justa e mais fácil. Não foi por tem a que encontraram as autoridades, que preferiram abolir o contrôle sôbre o preço do leite "in natura", deixando-o ascender às dimensões proibitivas em que hoje se encontra. Em certos círculos, fala-se muito de uma "caixinha" que os produtores de leite teriam [illegible], coisa aí da ordem de vinte milhões, para forçar a liberação do preço do produto. Mas essa já é outra história.

PÃO E CEBOLA

As panificadoras fabricam diversas qualidades de pão. O pão francês — o mais consumido — é o único tabelado. Os outros tipos, chamados mais finos, têm seu preço liberado. Pleiteiam há algum tempo, os donos de padaria, um aumento para o pão francês. E como não queriam mais protelação na concessão do benefício que solicitaram, iniciaram desde domingo último um movimento para "pressionar" o govêrno, e que consiste num "lockout" parcial na fabricação daquele tipo de pão, que vem saindo apenas uma vez cada dia dos fornos das panificadoras cariocas quando o usual é a sua produção em quatro partidas diárias.

A cebola está posta à venda por preços considerados unânimemente especulativos, sendo realmente apenas alguns privilegiados os que se dão ao luxo de consumi-la. E no entanto poderia ser adquirida, como de resto todos os produtos que escasseiam nos mercados e feiras das grandes cidades, se se encarasse as questões do abastecimento do ponto de vista dos interêsses do consumidor e não dos especuladores que controlam a distribuição e o comércio dos gêneros, por preços relativamente acessíveis, uma vez que é sabido que toneladas e toneladas do alimento apodrecem nas fontes de produção. E' o que acontece, por exemplo, com a melhor, segundo os técnicos, cebola do Brasil, e do vale do São Francisco, que se deteriora ali porque não é providenciado o seu transporte para os centros consumidores.

REAÇÃO POPULAR

Diante da ineficácia das providências governamentais, meros paliativos que apenas protelam o asfixiamento total do abastecimento e não implicam em nenhuma esperança de rebaixa ou pelo menos contenção da onda altista, é o próprio povo, através de associações de classe e de organizações de várias categorias, quem assume uma postura de combate à ganância e às ambições desmedidas dos aproveitadores e beneficiários dessa insustentável situação. A reação popular vem sendo liderada pelas donas de casas, em escala nacional. Nas capitais são realizados comícios e passeatas durante os quais são denunciados os responsáveis pela conjuntura de fome que atravessamos e apontadas medidas que poriam cobro a essa triste realidade.

ACOMODAÇÃO GOVERNAMENTAL

Enquanto isso observa-se de parte das autoridades uma acomodação que encoraja os exploradores. O gabinete dos senhores Goulart e Tancredo, como sempre aumente, procura interferir o mínimo na livre atividade dos especuladores deixando-os completamente à vontade para prosseguirem sonegando os gêneros que mantêm estocados e provocando a alta de tôdas as utilidades. A ponto de nada acontecer a um certo senhor Garibaldi Reale, "líder das classes produtoras" no norte do Paraná, que diz abertamente em declarações a jornais que continuarão, êle e seus comparsas daquela região a sonegar o feijão que conservam estocado, e que só o venderão a preços "compensadores", não hesitando em transportá-lo para São Paulo, para vendê-lo no câmbio negro, caso não seja liberado o preço do produto.

«CONTO DA CASA PRÓPRIA»: OPERÁRIOS PAGARÃO ALUGUÉIS SEMPRE MAIORES

Alberto Carmo

Concluímos, hoje, mais alguns esclarecimentos sôbre o plano demagógico da casa própria.

Vimos, anteriormente, que o reajustamento do salário mínimo acarretará o aumento, na mesma proporção, do estado da dívida na época e, também, da prestação mensal. Embora haja uma contradição entre o parágrafo 2.º do art. 2.º do Decreto 786, de 26.3.62 e o parágrafo único do art. 3.º do Decreto 787, da mesma data, que regulamentam o assunto, o fato é que em qualquer dos dois casos o associado dos Institutos que conseguir financiamento será sempre prejudicado. Diz o parágrafo único do art. 3.º do Dec. 787: "Ocorrendo modificação do *salário de contribuição* (o grifo é nosso), serão reajustadas as prestações mensais, observada a mesma proporcionalidade. "Isso significa que o associado que não tiver o salário de contribuição aumentado não sofrerá alteração na prestação mensal. Mas como a prestação mensal engloba a parte de juros (6% a.a.), a da amortização do empréstimo, o seguro-vida, o seguro-fogo e eventualmente, uma taxa de administração, chegamos à conclusão de que ela terá de ser aumentada na mesma proporção do estado da dívida, mesmo que o associado não tenha tido aumento em seu salário de contribuição, face ao aumento do salário mínimo. Assim, o estado da dívida aumentará tôdas as vêzes que houver um aumento do salário mínimo, obrigatòriamente, e a parte de juros aumentará, também, e a tal ponto que, com dois ou três aumentos, o acréscimo da prestação mensal corresponderá, exclusivamente, aos juros ou ficará menor que os juros da dívida. Por exemplo: a dívida inicial de 800 mil cruzeiros pagará de juros, no primeiro ano, aproximadamente, 46 mil cruzeiros. Elevada a dívida, um ano depois, para um milhão e cem mil cruzeiros, o associado passará a pagar de juros a importância de mais ou menos 5 mil cruzeiros mensais. E com o novo aumento do salário mínimo pagará de juros mensais mais ou menos, 7 mil cruzeiros, o que corresponde ao valor da prestação mensal inicial.

O associado, portanto, será infalìvelmente vítima do aumento ilegal e extorsivo do valor do empréstimo e da prestação mensal, pois antes de terminar o prazo de 30 anos estará pagando, anualmente, só de juros, uma importância equivalente ao empréstimo inicial. No regime de inflação e de submissão de nossa economia ao capital estrangeiro imperialista não poderá haver salários congelados, pois a unidade e a consciência adquiridas pelos trabalhadores brasileiros não o permitirão. Assim, mesmo os poucos associados dos Institutos que conseguirem o financiamento de 800 mil cruzeiros terão os seus salários atuais, que não podem ser, no caso, inferiores a 25 mil cruzeiros, também aumentados. E terão aumentados o estado da dívida e a prestação mensal. E se a prestação mensal não fôr elevada acompanhando o estado da dívida, o que acontecerá é estarrecedor. O associado ficará pagando, apenas, juros. Não pagará amortização, e a tão decantada "casa própria" para todos os trabalhadores nunca será sua e os Institutos terão uma eterna renda.

Mais demagógica, ainda, é a publicidade em tôrno do Plano Nacional de Habitação: um milhão e duzentas mil casas para os trabalhadores em cinco anos! Isso ao lado de um ridículo plano de investimento e renda com imediata aplicação em novos financiamentos, elaborado pelos [illegible] da "Aliança para o Progresso". Vejamos, à base de 800 mil cruzeiros cada financiamento, embora que com essa importância só poderão ter sua casinha modesta aquêles que forem proprietários de terrenos ou tenham alguma economia regular, quanto será necessário, em cinco anos, para a construção do número de casas prometidas. Sem levar em conta o aumento do valor do financiamento nos próximos cinco anos como conseqüência do valor do salário mínimo, o govêrno, os Institutos e os "amigos" americanos ("Aliança para o Progresso") teriam de inverter, no mínimo, 960 bilhões e 400 milhões de dólares ao câmbio de 400 cruzeiros o dólar. Esta importância é inimaginável para nós brasileiros, pois nem o govêrno dos EUA inverteria tal soma para resolver o problema de milhões de americanos que moram em favelas, mesmo na mundialmente conhecida Quinta Avenida, onde existem milhares de cortiços.

Nordestinos Morrem de Fome e o Govêrno Cruza os Braços

Amaro Valentim

Nos últimos dias, várias cidades do Agreste em Pernambuco têm sido invadidas por milhares de homens, mulheres e crianças que, premidos pela fome, deixam seus casebres e rumam para as cidades em busca de um pouco de alimento para matar a fome crônica que aniquila lentamente milhões de nordestinos.

Diàriamente chegam notícias de Pesqueira, Bezerros, Limoeiro, Surubim, Salgadinho e outras cidades, informando que a essas comunas chegam milhares de famintos pedindo pão e trabalho ao Poder Público e ao comércio.

Os homens do govêrno responsabilizam a sêca por esse estado de coisas. Não há dúvida que a falta de inverno agrava a situação, pois, não chovendo, o agricultor não pode cultivar o solo, e o camponês pobre e sem terra, sem nenhum meio de subsistência e sem reservas financeiras, não tendo trabalho, resolve dirigir-se para as cidades em busca de alimentos.

Mas as verdadeiras causas da falta de trabalho para os camponeses e da fome que avassala milhões de nordestinos não é a estiagem. A causa principal dessa calamidade é a existência do latifúndio, que monopoliza as terras e explora miseràvelmente o camponês ou o assalariado agrícola, cobrando-lhes dezenas de milhares de cruzeiros por uma quadra de terra, ou o arrendamento à base da meia e da têrça, impondo o dia de cambão e obrigando os assalariados a comprar nos barracões das usinas ou fazendas segundo o "vale" e onde um homem que ganha Cr$ 80,00 por dia compra um litro de farinha por 140,00 e 250 gramas de charque por 80 cruzeiros. O homem do campo precisa trabalhar 2 dias para poder comprar 1 quilo de farinha e 250 gramas de carne, que mal dá para fazer um pirão branco para alimentar pèssimamente uma vez por dia a sua família. O govêrno estadual adotou, recentemente, um decreto que considera os gêneros de primeira necessidade como de utilidade pública. Êsse decreto confere podêres às autoridades estaduais para confiscar alimentos a fim de atender os casos de urgência nas cidades atingidas pelos flagelados. Existe dinheiro em abundância, há podêres nas mãos do govêrno, mas não se observam medidas práticas, capazes de fornecer alimentos e trabalho a milhares de famílias que já imploram coletivamente a caridade pública.

Gêneros alimentícios existem em grandes quantidades estocados nos armazens. Os depósitos de açúcar do IAA, localizados na faixa do cais de Santa Rita, estão superlotados de açúcar. São grandes os estoques do mesmo produto na antiga garagem da Autoviária, na Avenida Cruz Cabugá. Em idênticas condições encontram-se outros armazéns na Rua Brum. Os silos do Moinho Recife estão cheios de dezenas de milhares de toneladas de trigo. Nos armazens particulares das firmas importadoras que negociam em grosso existe grande quantidade de arroz, feijão, café, peixe, carne, manteiga, etc., mas até hoje não se observam ações concretas do govêrno estadual no sentido de desapropriar parte considerável dos gêneros alimentícios estocados e enviá-los para distribuição nas cidades mais atingidas pela sêca.

Na zona litoral de Pernambuco cêrca de dois terços das terras são devolutas. Terras férteis, cultiváveis em qualquer época do ano. Se o govêrno do Estado estivesse interessado em conseguir trabalho estável para os agricultores, com os podêres de que dispõe, desapropriaria alguns milhares de hectares de terra e os entregaria aos camponeses para o cultivo de feijão, milho, batata, etc. Com essas medidas, dentro de alguns meses, parte de população do Agreste não estaria morrendo de fome e nas cidades circularia maior quantidade de gêneros alimentícios.

Notamos que as medidas anunciadas pelo govêrno não têm profundidade, e por isso não solucionarão o drama da fome e do desemprêgo que atinge nossos irmãos do campo.

Para que os podêres públicos tomem medidas eficazes que venham amenizar a fome dos agricultores é necessário um amplo movimento de opinião pública em solidariedade aos agricultores a fim de que as medidas anunciadas de proteção aos camponeses não fiquem no papel.

Cabe às populações das cidades pleitear do govêrno a confiscação de açúcar, trigo, café, carne, farinha — gêneros que existem em estoque — e distribuí-los com os agricultores necessitados. É necessário exigir trabalho para nossos irmãos, desde a construção de obras públicas à desapropriação de grandes áreas de terras devolutas das usinas, entregando-as aos agricultores e possibilitando aos camponeses trabalho e cultivo diversificado de legumes para a melhoria do abastecimento das cidades.

Essas medidas de emergência, apesar de seu caráter superficial, amenizariam um pouco tão grave situação. Estamos certos de que só nos libertaremos definitivamente da fome e do desemprêgo quando o povo unido tornar vitoriosa no Brasil a revolução agrária e antiimperialista, que elimine a atual estrutura econômica, política e social, causa da falta de trabalho, da fome e da miséria que assolam a população trabalhadora.

[illegible] jornais de sua cidade ou de seu bairro

[illegible] Soviética

MENSAL ILUSTRADA

[illegible] QUE INFORMA SÔBRE OS VÁRIOS ASPECTOS DA VIDA DOS POVOS DA URSS

[illegible] o nº 145, contendo, entre outros assuntos:

- [illegible] da Sibéria: descoberta de uma das mais importantes [illegible] e gás do mundo
- A [illegible] cidade soviética de Norilsk, próxima do Polo Norte
- [illegible] anos: criação da base material e técnica do [illegible]
- Reportagem sôbre os trabalhos do Instituto de Energia Atômica
- [illegible] Ediciones en Lenguas Estranjeras em 1962: [illegible] 700 títulos em 26 idiomas

FESTIVAL DO NÔVO CINEMA SOVIÉTICO

Teve início segunda-feira, dia 21, a Semana do Cinema Soviético, realizada pelo Museu de Arte Moderna, em complementação ao Festival História do Cinema Russo e Soviético, que se prolongará até o próximo dia 27.

O programa da Semana inclui os seguintes filmes da mais recente produção dos estúdios soviéticos e de seus mais eminentes realizadores: **Céu Limpo**, de Grigori Tchukarai; **A Primavera das Donzelas**, documentário com o Conjunto Beriozka; **A Paz seja Contigo**, de Alexandre Alov e Vladimir Naumov, filme que recebeu o Prêmio Especial do Júri, medalha de ouro, no XXII Festival Cinematográfico de Veneza; **A Canção da Berço** de Mikhail Kalik; **Noites Brancas**, de Ivan Piriev, baseado na novela de Dostoievski; **A Dama do Cachorrinho**, de Josef Kheifitz, segundo o conto de Tchekhov; e **A Carta que não foi Enviada**, de Mikhail Kalatozov. Esta é a ordem em que os filmes serão exibidos no cinema Paissandu, diàriamente até domingo. No cinema Paris-Palace, os filmes serão exibidos na mesma semana mas em seqüência diferente.

O NORDESTE, A SUDENE E O IMPERIALISMO (I)

A Indústria da Miséria do Nordeste

Fragmon Carlos Borges

[illegible] a miséria e a exploração, o [illegible] dos nordestinos são [illegible] proclamadas nos quatro ventos [illegible] que exprimem a tra[illegible] subdesenvolvida num país [illegible] espelha a morte lenta [illegible] brasileiros — um têrço [illegible] que começam a inquietar as [illegible] massas trabalhadoras do [illegible] para elas. Tomam consciência. Organizam-se. Lu[illegible]

[illegible] matadora

[illegible] várias cidades do sertão [illegible] verificou que "67% das [illegible] consumia de maneira tão [illegible] diminutas, de modo a ser [illegible] razoável do organismo [illegible] bebiam leite e 89% não [illegible] nordestino a [illegible] ainda do que no sertão". [illegible] de leite, incluindo o leite transformado [illegible] de 60 gramas diárias, [illegible] menos da metade do [illegible]

[illegible] médico-hospitalar. Cêrca de 80% [illegible] não dispõem dessa assistência. [illegible] pouco mais de um [illegible] cada grupo de mil habitantes [illegible] de seis a sete leitos por [illegible] a mortalidade infantil. Em [illegible] o padre Fernando Bastos [illegible] cada grupo de 1.000 morrem [illegible]. No Recife, "em cada mil [illegible] já nasce morta, e mais [illegible] morrem com menos de um [illegible] prefeito da cidade. Es[illegible] pelo menos 40% dos óbitos [illegible] em conseqüência de diarréia [illegible] sempre pela poluição [illegible] utilizada na higiene pessoal. Esta mesma razão dá origem à maioria das infestações helmínticas".

A vida média no Nordeste é de 27 anos.

A renda per capita na região é de 7 mil cruzeiros, contra 17 mil em todo o Brasil, 31 mil em São Paulo e 19 mil no Rio Grande do Sul. No Piauí, essa renda não ultrapassa os 4 mil cruzeiros; no Ceará não alcança os 5 mil. É uma renda que só encontra similar nos mais atrasados países da África e Ásia.

São elevadíssimas as taxas de analfabetos. Pelo Censo de 1950, cêrca de 72% da população de 10 anos e mais não sabiam ler nem escrever. Esta taxa se eleva a 80 e 90% nas zonas rurais, particularmente onde maior é a concentração latifundiária. Taxas alarmantes, principalmente se se tem em vista que, no mesmo ano, a taxa para todo o país era de 51,6%. Que também não é pequena.

Na base de tudo isto, naturalmente, está a obsoleta estrutura econômica da região e a sua sistemática espoliação por parte do imperialismo, particularmente do imperialismo norte-americano, ao lado da exploração que sofre a economia nordestina por parte do Centro-Sul do país.

Exercendo influência e domínio diretos sôbre o Poder Político central, as classes dominantes do Centro-Sul levaram-no a propiciar tôda sorte de facilidades e privilégios ao seu desenvolvimento econômico. Nesse sentido, foi das mais desastrosas a chamada política desenvolvimentista do sr. Juscelino Kubitschek, relegando ao completo abandono a região Nordeste. Tudo para São Paulo. Tudo para o Rio, Minas e Paraná. Para o Nordeste, nada. Um desenvolvimentismo à custa do povo. Um desenvolvimentismo à custa do Nordeste.

Falando a respeito, em conferência que pronunciou no Instituto Nacional de Estudos Superiores, o sr. Celso Furtado disse: "Sabemos que o desenvolvimento de que tanto nos orgulhamos (sic), ocorrido nos últimos decênios, em nada beneficiou três quartas partes da população do País. Sua característica principal tem sido uma crescente concentração social e geográfica da renda. As grandes massas que trabalham nos campos, e constituem a maioria da população brasileira, pràticamente nenhum benefício auferiram dêsse desenvolvimento. Mais ainda: essas massas viram reduzir-se, em têrmos relativos, o seu padrão de vida, em confronto com os dos grupos sociais ocupados no comércio e em outros serviços. O operariado industrial, que representa uma espécie de classe média (sic) dentro da sociedade brasileira, cresceu numèricamente em têrmos relativos, sem, contudo, melhorar apreciàvelmente o seu padrão de vida. Também aqui houve piora relativa, pois, com o grande crescimento do emprêgo urbano nos serviços, os operários presenciaram a ascensão relativa de outros grupos sociais de rendas mais altas."

Êsse desenvolvimento econômico, de "desmedido custo social", beneficiou apenas pequenos grupos, cujos integrantes concentraram em suas mãos fabulosas riquezas: os grandes capitalistas e latifundiários. E os trustes estrangeiros, naturalmente. Em particular, os trustes norte-americanos que receberam tôdas as garantias e facilidades para se instalarem e dominarem os principais ramos de nossa economia.

O caráter unilateral dêsse desenvolvimento, não apenas sob o aspecto da distribuição da riqueza entre os diversos grupos e classes sociais, mas também quanto à sua distribuição geográfica, acentuou perigosamente a disparidade de desenvolvimento entre as diversas regiões do país, em particular do Nordeste com relação ao Centro-Sul. Nesse sentido, não há negar que a situação chegou a um ponto crítico. Em 1939, o Nordeste participava com cêrca de 30% no Produto Bruto Nacional. Hoje, essa participação não chega aos 10%!

Nas condições atuais de desenvolvimento, a situação se nos apresenta com profunda tragicidade, porque insolúvel. A tendência é aprofundar-se o desnível de desenvolvimento entre o Nordeste e o resto do país, e agravar-se ainda mais, em têrmos relativos e absolutos, as condições de vida das massas nordestinas.

Segundo estudo do Conselho Nacional de Economia, é de 3,1% a taxa de crescimento anual da renda per capita em todo o país. Isso quer dizer que, nesse ritmo, sòmente daqui a 22 anos a renda per capita do Brasil será o dôbro da atual. Sem levarmos em consideração que a taxa de crescimento da renda per capita varia de região para região, e de Estado para Estado, um aumento de 3,1% sôbre a renda per capita do Nordeste representaria 210 cruzeiros, em São Paulo [illegible] cruzeiros, no Rio Grande do Sul, 570 cruzeiros. Com êsse ritmo de crescimento, a renda per capita no Nordeste [illegible] daqui a 20 anos [illegible] Guanabara!

E por tôda essa miséria e êsse subdesenvolvimento o sr. Cid Sampaio, governador de Pernambuco, responsabiliza o povo, por êle considerado "pouco amadurecido" para compreender a necessidade de maiores sacrifícios que permitam a "execução de um programa desenvolvimentista". Diz ainda o usineiro Cid Sampaio em sua Mensagem dêste ano à Assembléia Legislativa que "as multidões inquietas, para vencerem a pobreza, têm com maior freqüência optado pelo caminho das revoluções e da violência, da destruição e do ódio" em lugar de seguirem o único caminho "que conduz ao progresso social e econômico: pelo caminho da poupança, da redução de consumo, do aumento da produtividade, da adoção de novas técnicas, do planejamento e da austeridade". Vejam os leitores a que ponto chega a audácia de um dos maiores latifundiários e industriais de Pernambuco.

Êsse, em rápidos traços, o quadro do Nordeste. Uma região que, em superfície, é maior do que a França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica e Áustria reunidas, e cuja população é superior à da Argentina e Uruguai juntos, ou da Tchecoslováquia e [illegible].

(Continua)

Uma Provocação Fracassada

[illegible]

... soviéticos em serviço de plantão entrar no recinto.

As 00,15 horas o funcionário da exposição soviética Iuri Ribakov encontrou num stand da Usina Hidrelétrica de Bratsk uma pasta deixada, não se sabe por quem. Ao abrir a pasta Ribakov viu dentro dela bananas de dinamite com mecanismo de relógio. Revelando a atenção e coragem, Ribakov levou a pasta para um lugar seguro, perto das portas do pavilhão, e comunicou às autoridades policiais sôbre seu achado."

Dia 20 de maio, a entrada para a Exposição, que deveria se realizar como sempre às 15,00 horas, foi [illegible] autoridades do Estado da Guanabara. Em consequência disso, às 16,00 horas, foi dado o seguinte aviso pelo alto-falante à multidão de milhares de pessoas que se encontravam à espera da entrada:

"Prezadas senhoras e senhores:

A Diretoria da Exposição Industrial e Comercial Soviética, comunica com grande pesar que pela decisão das autoridades do Estado da Guanabara, hoje a abertura da Exposição será retardada por algum tempo.

A Diretoria sente muito que por razões que não dependem dela, não teve possibilidade de comunicar antecipadamente esta lamentável notícia.

Nos comunicaremos mais tarde, sôbre a hora da abertura da Exposição."

Porém, passado algum tempo, a direção da exposição recebeu o comunicado das autoridades brasileiras para não abrir, no dia 20 de maio a Exposição ao público.

Em virtude disto, o público recebeu o seguinte comunicado, por meio de alto-falantes:

"Prezadas senhoras e senhores:

A Diretoria da Exposição Soviética de Industria e Comercio, acaba de receber uma comunicação das autoridades brasileiras, que a Exposição não funcionará hoje. Lamentando sinceramente, e pedindo perdão a todos aqui presentes, a Diretoria espera vê-los, na exposição, têrça-feira, dia 22 de maio, das 15 horas em diante."

[illegible] São os Fascistas [illegible]rdeadores

[illegible]

... rnozia e a dinamitação de uma barraca de livros e, por último, o monstruoso crime que se premeditou contra centenas ou milhares de pessoas no recinto da Exposição soviética, indicam um crescendo de audácia do bando de provocadores fascistas.

Desde o atentado contra a UNE, o ministro da Justiça, Alfredo Nasser, mandou abrir inquérito. Depois revelou alguns nomes de pessoas insignificantes, que todos sabem uns pobres diabos, assalariados pelos chefes terroristas. Nasser não se interessou por localizar o foco do grupo de provocadores. Embora houvesse evidências como os comunicados da "guerra psicológica" durante a crise de agôsto do ano passado Naqueles dias, alguns poucos oficiais da Aeronáutica e do Exército, em cargos de responsabilidade então, como os Correios e Telegrafos, se encarregaram de desobrir-se, se a deixar dúvidas.

O govêrno federal, o ministro Nasser não foram adiante no inquérito. Deixaram impunes os chefes do terrorismo. Daí o desembaraço com que êle volta a agir.

A tentativa do bando terrorista de destruir a Exposição soviética — ou obrigá-la a fechar suas portas — é um chamado ao govêrno central e a Nasser a responsabilidade que lhes cabe pela segurança do povo carioca, entregue à sanha de criminosos sem escrúpulos e que não vacilam diante das piores ignominias.

Fracassa Plano Terrorista de Lacerda Para Tumultuar o País e Levar o Brasil a Romper Com a União Soviética

A preparação psicologica para a sordida provocação contra a Exposição Sovietica vinha sendo arquitetada antes mesmo de sua inauguração. Os cartazes do MAC inundaram as ruas da cidade procurando convencer aos cariocas de que a Exposição era o "cavalo de Troia", como afirmara o cardeal Câmara e como alardeava diàriamente O Globo. Este orgão dos maquistas passou a fazer campanha sistematica contra a Exposição, inclusive publicando listas de nomes, fornecidas pela Policia de Lacerda, de todos os cidadãos sovieticos que tinham vindo ao Brasil para organizar a grande feira de amostras, como se não coubesse precisamente aos soviéticos fazê-lo. O famigerado coronel Ardovino — o mesmo do jogo-do-bicho e das propinas dos lotações — foi à TV, com sua conhecida boçalidade, afirmar que a Exposição nada representava. Só faltou vir o coronel Fontenele propor que aquilo tudo fôsse vendido como sucata ...

O povo não levou a sério a odiosa propaganda. A frequência à Exposição, ao contrário do que supunham os correligionários de Lacerda, aumentava dia a dia, de semana para semana. Todos queriam vê-la e convencer-se com seus proprios olhos o que ela representava.

"Então, a camarilha do MAC entrou em desespêro. "Apelou para a ignorância", como se diz.

E não vacilou em lançar mão do terrorismo — a bomba do coronel da Aeronautica Lameirão, antigo parceiro de Lacerda em aventuras várias, como Aragarças, Jacareacanga e, durante a campanha eleitoral para o govêrno da Guanabara, a invasão — ambos, ambos Lameirão e Lacerda — da gráfica do IAPB para apreender material de propaganda e destrui-lo.

ALGUMAS COINCIDENCIAS

Todo o Rio acreditava que, no dia 19 de maio, sábado, como de costume e infelizmente, o governador Carlos Lacerda se encontrava na doce comodidade da sua ... Brocoió. Ninguem ignora que o seu **week-end** é sagrado.

Para surprêsa geral — que todos comentam hoje — quando telefonaram para o Palacio Guanabara às 21,15 de sabado, procurando Lacerda, foi ele mesmo quem atendeu ao telefone para tomar conhecimento de uma noticia alarmada e alarmante: que o major Lameirão, da Aeronautica, havia colocado no recinto da Exposição Sovietica uma bomba-relógio de terrivel poder destruidor, que faria voar tudo pelos **ares** dentro de poucos minutos.

Como nos filmes americanos de suspense, Lacerda apenas chegou a tempo de impedir a terrivel catastrofe. Afobado, **cabelos** em desalinho, desceu do carro em companhia de seu filho.

No entanto, surgia outra surprêsa. O proprio Lacerda o confessa numa entrevista à imprensa: "Cêrca de 15 minutos depois de receber a denuncia, consegui chegar à porta da Exposição e ali encontrei a Policia que fora alertada pelo brigadeiro Adil de Oliveira, o qual recebera o mesmo aviso do major Lameirão."

A comunicação a Lacerda, pelo telefone, chegara através do brigadeiro Guedes Muniz.

Então ai já temos alguns personagens bastante tipicos para cenas semelhantes: Lacerda, Lameirão, Guedes Muniz e Adil. Todos golpistas conhecidos de longa data, todos da famosa "Republica do Galeão", todos aragarceanos, habituados a conluios e conspiratas muito antes de Lacerda tornar-se governador da Guanabara.

Mas é interessante conhecer a sequência dos acontecimentos.

Ao chegar à Exposição, já cercada por sua policia e invadida pelos tiras, alguns famanazes anticomunistas como Vasconcelos e Borer, espancadores conhecidos, Lacerda deu ordens imediatas para evacuar o recinto. Os funcionários soviéticos, ante o comunicado de Lacerda sôbre a bomba de Lameirão, concordaram em colaborar com as autoridades. Transmitiram comunicados pelo serviço de auto-falante, pedindo ao povo para sair. O pedido foi atendido com absoluta ordem.

LACERDA E OS SEUS SOZINHOS

Vem então a cena seguinte. **Em face de uma situação perigosa,** até mesmo os funcionarios sovieticos da Exposição deveriam abandoná-la. Estes concordam também e o fazem imediatamente. Dentro do recinto, sozinhos, "para procurar a bomba", ficaram Lacerda, Lameirão, a tiragem da policia politica, com Vasconcelos à frente. Tôdas as buscas inuteis: a bomba não aparecia. **Lameirão não se lembrava mais onde colocara a bomba.** Ainda segundo as palavras textuais de Lacerda: "... Num estado de exaltação impressionante, o proprio major Lameirão abaixava-se, aflito, em busca da pasta que dissera ali ter deixado. **Mandei que todos saissem** e ainda Lacerda quem fala e determinei a prisão do oficial reformado e seu imediato envio à Policia Central, para prestar depoimento."

Terminara o papel que cabia a Lameirão.

LAMEIRÃO, HEROI LACERDIANO

Desta narrativa, até aqui, fica absolutamente claro, pelas palavras do mesmo Lacerda, que Lameirão colocara a bomba no recinto **da Exposição. Não era uma bombinha como as que dias antes haviam explodido numa barraca da Feira de Livros. Trata-se de uma autêntica maquina infernal, com dez poderosas dinamites, não dinamites comuns para fins industriais, mas com uma sobrecarga de nitroglicerina, que tornaria seu efeito muitas vêzes maior. Segundo os peritos, poderia destruir tôda a Exposição e causar a morte de muita gente.** Pois o responsável declarado, ostensivo, por semelhante crime seria logo a seguir elogiado pelo governador Carlos Lacerda em telegrama ao ministro da Justiça, apresentado como quase um herói. Diz Lacerda: "No local, junto com a policia, com o risco da propria vida ... o capitão Lameirão corria o cinema procurando a alegada bomba."

PROCURANDO OU COLOCANDO?

Depois de prêso o ...... de opereta lacerdeana, os funcionarios da Exposição são autorizados a voltar ao recinto a fim de ajudarem a procurar a bomba. E foi ela realmente encontrada sob a maquete da central hidreletrica de Bratsk. Não precisamente no local em que Lameirão a teria depositado, mas vinte metros adiante...

O achado se dava, assim depois de terem ficado sozinhos no recinto deserto da Exposição o governador Carlos Lacerda, Lameirão, os brigadeiros Guedes Muniz e Adil Oliveira, o inspetor Vasconcelos e todo o corpo de policia convocado para a grandiosa encenação.

As centenas de policiais, com todo seu faro, **não encontraram a bomba.** Foi preciso que um sovietico a encontrasse...

QUEM AGREDIU A QUEM?

Iuri Ribakov, o funcionário da Exposição que encontrou a bomba, não podia merecer elogios por havê-la procurado, com o risco da propria vida, e tê-la encontrado e carregado com ela, imediatamente, para fora do recinto, entregando-a às autoridades. Ao contrário, tentaram autuá-lo como um verdadeiro criminoso.

Ai mudam os padrões da Lacerda.

Lameirão, que colocara a bomba, visando provocar a catastrofe, é apresentado ao ministro da Justiça como um herói. O funcionário soviético que encontra o artefato e corajosamente o carrega para a área externa da Exposição, é agredido brutalmente pelos espancadores de Lacerda. Prendem-no, procuram arrastá-lo para uma viatura da Policia, a fim de ser mandado para o Galeão, onde deveria prestar depoimento! A sua resistencia à medida arbitraria e violenta, agridem-no com selvageria. Levam-no realmente preso. Procuram arrancar-lhe à fôrça um depoimento prestado em russo com tradução de interprete da propria policia, sem que o funcionário russo conhecesse o portugues, sem saber portanto, o que iriam escrever sôbre o que ele teria declarado.

A digna resistência do funcionario sovietico ao arbitrio e à violencia dos espancadores policiais, Lacerda, em sua entrevista, pretende qualificar como desacato às autoridades.

Lacerda não agia como autoridade, e sim como um enfurecido policial anticomunista e antisoviético, sem a menor isenção de ânimo.

Não agiam como autoridades os acompanhantes seus, que se comportaram como provocadores, pretendendo criar, com o episodio da bomba de Lameirão, um caso internacional, que servisse de pretexto para um rompimento ou pelo menos, um estremecimento de relações entre o Brasil e a União Sovietica.

LACERDA VAIADO

Palavras do proprio Carlos Lacerda, numa entrevista a seu jornal:

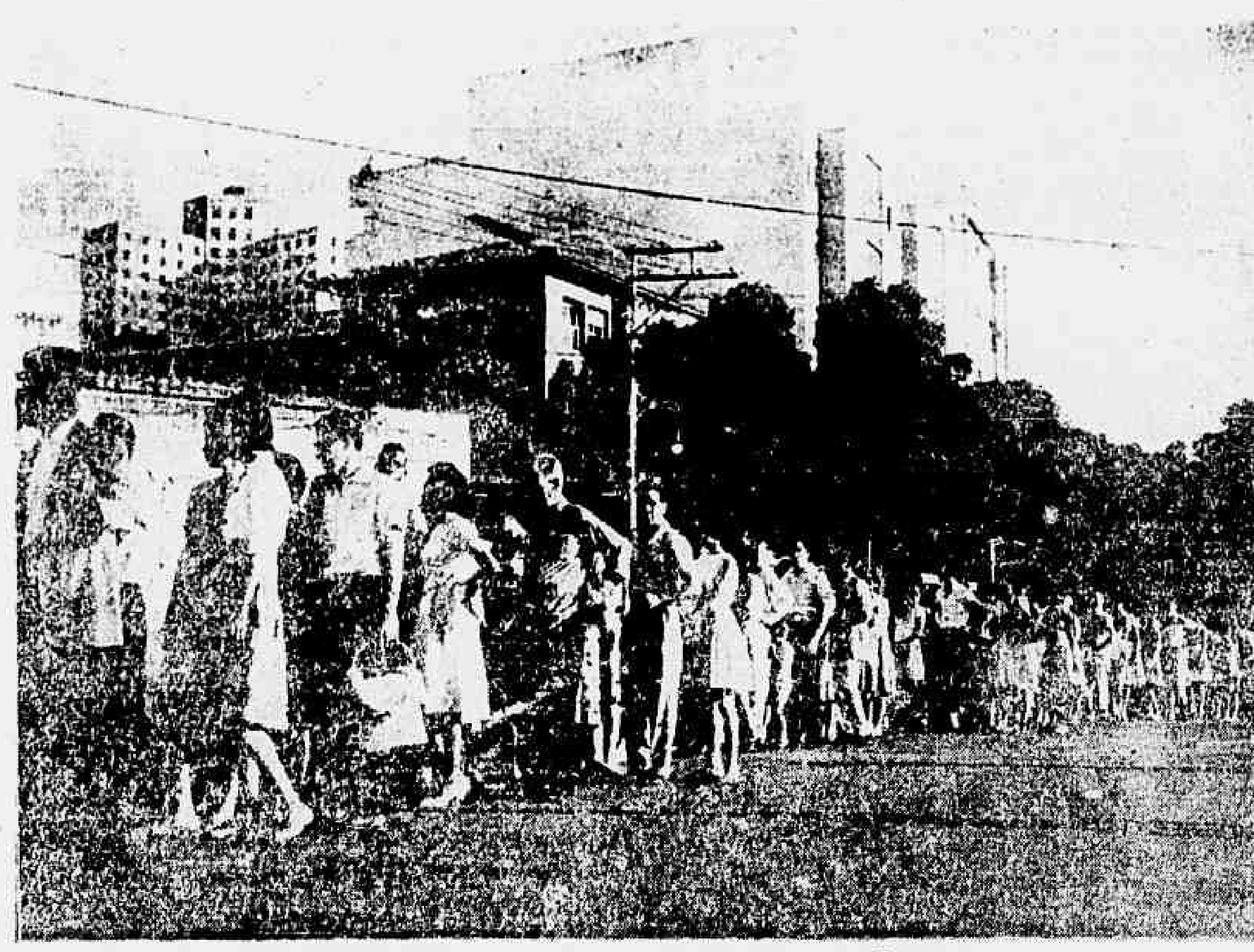
"Depois de concluir a evacuação do recinto (da Exposição Sovietica), voltei ao carro e (...) fui contemplado com uma vaia apreciavel daqueles que certamente pensariam tratar-se de uma violência contra eles."

Foi, de fato, uma vaia unissona, generalizada, de centenas de pessoas que se encontravam nas proximidades da Exposição que Lacerda acabara de fechar, depois da tentativa de destruição por seus apaniguados.

Era a resposta dos cariocas, do povo, ao governador **maquista,** em cujo govêrno se gerou e atua ostensivamente êsse bando de perturbadores da tranqüilidade urbana.

Lacerda não contou porém outro episodio. Ao sair da Policia, uma senhora, Lurdes Prata, funcionaria do IAPETC, o invetivou, bradando:

— Corvo maldito! Esta bomba deveria estourar na tua cara para felicidade do povo carioca.



"O Globo" - Órgão Oficial do Bando Terrorista

Neste caso do atentado terrorista contra a Exposição soviética, denunciamos perante a opinião pública a cumplicidade de *O Globo* com o bando terrorista do MAC. Evidentemente abastecido pela Policia de Lacerda, *O Globo*, às vesperas da inauguração da Exposição incitou abertamente à animosidade contra ela. Publicou uma lista de funcionarios soviéticos que vieram organizar a Exposição e nela trabalhar, qualificando-os como agentes da subversão, pretendendo criar contra êles um ambiente de odio. Mentiu cinicamente afirmando que os soviéticos estavam se infiltrando em sindicatos, para fazer ai propaganda comunista.

No dia seguinte ao atentado armado pela camarilha lacerdista, outra lista de funcionarios soviéticos, cuja elaboração estava evidentemente coordenada para divulgação simultânea com a reportagem sôbre o atentado. Colhida nas repartições publicas, só o poderia ter sido antecipadamente, pois o dia do atentado foi um domingo, e a mencionada lista saiu na 1ª edição de *O Globo* de segunda-feira.

Sexta-feira, *O Globo*, perfeitamente entrosado com os planos da policia, noticiava que dois *stands* da Exposição soviética haviam sido interditados porque "o material nêles exposto é de propaganda subversiva".

Tratava-se de obras literárias e discos de musica classica e popular...

Além do jornal de Lacerda, foi *O Globo* o único jornal a publicar a entrevista do governador - provocador, numa tentativa desesperada de dar uma versão aos fatos de acôrdo com os interesses dos terroristas.

Tôda a reportagem de *O Globo* sôbre os acontecimentos da noite de domingo em São Cristovão é um amontoado de mentiras ou deturpações, visando ao mesmo objetivo de Lacerda: criar um clima propicio a um rompimento de relações entre o Brasil e a União Soviética.

É oportuno recordar aqui que, durante a crise politico-militar de agosto do ano passado, quando da renuncia do sr. Jânio Quadros, *O Globo* foi o orgão oficial do grupo terrorista da guerra psicologica, divulgando comunicados mentirosos sôbre a presença de Prestes no Rio Grande do Sul, que Fidel Castro ia mandar tropas para o Brasil e outras patranhas que foram logo desmascaradas.

SUPLEMENTO ESPECIAL

NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 25 a 31 de maio de 1962 — Nº 171

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Feira da Paz e da Amizade

O Povo Julgou a Exposição

Rui Facó

. Tôda a reação, o que ela tem de poder econômico e meios de divulgação, lançou-se em fúria contra a Exposição Industrial Soviética inaugurada no Rio a 3 de maio. Cartazes do MAC, aos milhares, foram afixados por tôda a cidade. A cúpula da Igreja Católica mobilizou-se em pregações aos fiéis declarando pecado visitar a Exposição. O cardeal Câmara, em entrevista ao órgão super-reacionário "O Globo" condenou a Exposição, qualificando-a de "cavalo de Tróia" do comunismo internacional no Brasil. A véspera da inauguração da grande feira de amostras, o mesmo jornal publicava editorial em primeira página concitando o povo a não visitar a Exposição e, depois de uma série de mentiras, ao lado de denúncias policialescas contra diversos cidadãos, escrevia: "... a vigilância popular provàvelmente será mais útil do que a fiscalização e possíveis medidas governamentais..." As "medidas governamentais" sugeridas pelo "O Globo" levariam ao fechamento da Exposição.

Nada disso deu o resultado esperado pela reação. A Exposição Soviética passou a constituir um dos centros de atração da vida do Rio. Verdadeiras avalanchas humanas a ela se dirigiam diàriamente e, aos sábados e domingos, é quase impossível "ver" de fato a Exposição.

Mas, para os homens sem preconceitos, de espírito aberto ao que surge de nôvo no mundo e ajuda a transformá-lo em benefício da humanidade, é uma satisfação enorme assistir a um espetáculo como êsse, o comparecimento de dezenas de milhares de pessoas de tôdas as classes sociais ao palácio popular de São Cristóvão, numa demonstração de interêsse em massa por uma coisa séria.

Por que êste interêsse ante uma exposição de realizações materiais, de máquinas e instalações de funcionamento complexo e utilidade dificilmente compreensível para muitos? De veículos dos quais alguns se produzem no Brasil? De tecidos, de certo vistoso, mas que não são mais belos ou mais bem confeccionados do que os nossos? E' verdade que existem coisas originais, como as maquetes de foguetes cósmicos e dos satélites que pela primeira vez na história devassaram o Universo. Magníficos modelos da indústria aeronáutica mais adiantada entre tôdas. Miniaturas em que se apresenta a utilização da energia atômica para fins pacíficos na URSS o primeiro país a fazê-lo entre todos. E existem atrativos de caráter popular como as exibições de modas, cinema, um helicóptero que se propunha a realizar vôos sôbre a cidade com visitantes da Exposição.

Mas nada disso explica as avalanchas humanas que demandam a Exposição Soviética. A meu ver, a explicação deve ser buscada no interesse popular pelas realizações do socialismo em si. O grande interêsse advém precisamente do fato de serem de um país socialista essas realizações, do primeiro país que se lançou à construção do socialismo na prática. O país alvo de agressões sucessivas das fôrças conjugadas da reação e do imperialismo no mundo. O país que teve de experimentar, muitas vêzes errando, os mais diversos caminhos para alcançar um objetivo que até então estava colocado apenas no plano teórico. Um país cujo povo suportou sacrifícios heróicos para libertar-se do atraso em que vivia mergulhado, havia séculos, e que em duas gerações projeta-se como uma das duas grandes potências mundiais, ultrapassando em vários setores a maior potência capitalista, cuja existência como tal leva mais de um século.

E o povo brasileiro quis ver com os próprios olhos o que é a União Soviética através de sua Exposição. E' verdade que centenas de brasileiros visitaram a URSS depois da guerra. Mas somos 70 milhões. Uma geração de brasileiros cresceu e chegou à idade madura ouvindo falar dos espantosos fracassos da construção do socialismo. Tudo falhava na URSS. O primeiro plano qüinqüenal foi levado ao ridículo, havia malogrado... Desde o início [illegible] do regime soviético [illegible] dizia-se, revelara-se incapaz de dirigir um Estado. Só a burguesia, com sua cultura, com seus conhecimentos teóricos e práticos, poderia fazê-lo. Depois, era a incapacidade de organizar a vida econômica. Andava tudo à matroca. Máquinas? Ainda quando teve início a agressão nazista contra a URSS, os nossos jornais noticiavam — notícias trazidas por essas mesmas agências telegráficas americanas, inglêsas, francesas, alemãs, das quais sobrevivem algumas — que os russos eram como crianças dentro de um tanque de guerra. Mais ainda, êsses tanques eram de madeira... O povo russo, um povo de escravos, e os escravos não geram uma civilização...

Foi nessa enxurrada de mentiras as mais sórdidas que tôda uma geração de brasileiros entreviu o primeiro país socialista do mundo.

Naturalmente, a própria Segunda Guerra Mundial se encarregou de desmontar muitas dessas mentiras. Uma potência militar como se revelou a URSS ao defender bravamente seu território e as conquistas de seu povo, só poderia alicerçar-se numa indústria poderosa, numa determinada ordem econômica, numa sociedade normalmente estruturada. O após-guerra e os anos de paz que se seguiram deram à URSS tempo suficiente para refazer-se das terríveis perdas causadas pelos invasores e mostrar mais claramente ainda do que é capaz um povo livre da exploração — o verdadeiro fundamento da liberdade. Os feitos científicos e técnicos da União Soviética, nos últimos anos, contribuíram para varrer outras nuvens artificiais da cortina de mentiras espalhadas pela reação internacional.

Mas, nada como ver com os próprios olhos. E aí está a Exposição Industrial e Comercial Soviética. Ela, para mim que conheço a URSS, que lá vivi durante vários anos, apresenta apenas uma parcela mínima da vida e do trabalho dos soviéticos. Mas dá uma boa idéia de suas realizações. Infelizmente, não podem ser mostrados ali aspectos como a assistência médica gratuita, a instrução gratuita em todos os graus, com estipêndios mensais do Estado aos estudantes universitários e de cursos técnicos. Ali não pode ser mostrada a vida simples e honrada da família soviética e o lado mais humano da vida na URSS, o desvêlo pela criança, verdadeiro príncipe naquela sociedade sem classes e sem realezas.

Por que clama o cardeal? Por que se destempera "O Globo"? Por que o deputado fascista Cardoso de Meneses se enfurece e mente na Câmara?

Por um motivo muito simples: a Exposição Soviética vem acabar de pôr abaixo êsse monstruoso castelo de mentiras internacionais que há 40 anos foi levantado em tôrno do país cujo "pecado" foi ter dado o primeiro passo no caminho do socialismo. O castelo de mentiras vai se esboroando fragorosamente sôbre aquêles mesmos que o levantaram. Daí o seu desespêro.

Ficou provado, também, que nem "O Globo", nem os demais porta-vozes da reação encontram eco entre as amplas massas da opinião pública. Esta é outra verdade agora indiscutível, que deve enchê-los de maior desespêro ainda, na sua crise sem remédio, no seu crepúsculo melancólico.

Êxito desde o começo

Já no primeiro dia, a 3 de maio, milhares de pessoas compareciam à Exposição. Agora, já se contam às centenas de milhares os que foram ver o que fêz e o que poderá fazer a União Soviética. Na foto, um flagrante da inauguração, vendo-se o chanceler San Tiago Dantas cumprimentando o prof. Hermes Lima, representante do presidente da República.

Mensagem de Kruschiov ao Povo Brasileiro

Prezadas senhoras e senhores!

Caros amigos!

Tenho o grande prazer de saudar-vos cordialmente por ocasião da inauguração da Exposição Soviética de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro e de transmitir ao povo brasileiro os mais sinceros votos de felicidades em sua vida e de êxitos no trabalho, votos êstes que são dos povos da União Soviética, do govêrno da URSS e meus pessoalmente.

O povo soviético — e, estamos certos, também o povo brasileiro — recebeu com enorme satisfação o reatamento das relações diplomáticas entre a URSS e o Brasil, ato sensato que cria condições favoráveis para o desenvolvimento da compreensão mútua, amizade e estreita colaboração entre nossos países.

A União Soviética e o Brasil são países que ficam em continentes diversos, separados por milhares de quilômetros. Todavia, os soviéticos sempre manifestaram e manifestam profundo interêsse por vosso país, por sua história e rica e original cultura. O povo soviético compreende muito bem e sente de perto as tradições de liberdade do povo brasileiro, sua aspiração à paz, à consolidação de sua independência nacional, ao progresso social.

Nosso povo conhece e venera a memória dos que lutaram abnegadamente pela liberdade e independência do povo brasileiro — Tiradentes e Pedro Ivo. Conhece e ama a arte dos grandes poetas e escritores do Brasil — Castro Alves, José de Alencar, Lima Barreto e muitos outros.

Nos últimos anos, na URSS, foram publicados cêrca de um milhão e meio de exemplares de traduções de obras literárias brasileiras.

Admiramos a inesgotável energia com que trabalha o povo brasileiro e compreendemos sua decisão e seus esforços para erguer uma economia nacional altamente desenvolvida. Os povos soviéticos sabem, por experiência própria, que a prosperidade do país e o alto nível de vida de seu povo não surgem espontâneamente. É o resultado de ingentes esforços, de profícuo trabalho e de entusiasmo do povo.

A Rússia tzarista era um país atrasado econômicamente; nêle dominava a miséria e o analfabetismo; a fome e as doenças ceifavam milhões de vidas; as riquezas naturais do país eram pilhadas, sem a menor cerimônia, pelos capitalistas estrangeiros. Assim foi até a Grande Revolução Socialista de Outubro, há apenas 44 anos.

Hoje a nossa pátria é uma grande potência industrial que já supera os países capitalistas econômicamente mais desenvolvidos, não só quanto ao ritmo de produção como em acréscimo absoluto de muitas das importantes espécies de produção.

Na URSS tôdas as riquezas pertencem ao povo e sua economia se conduz na base da planificação. O atual plano setenal de desenvolvimento da economia da URSS está sendo cumprido com êxito. Nos primeiros três anos do setênio o acréscimo na produção industrial foi de 47%. Produziu-se quantidade consideràvelmente maior de aço, laminados, ferro fundido e petróleo, além do que fôra previsto no plano. Foram construídos e estão sendo utilizados na produção milhares de novos tipos de máquinas, máquinas-ferramentas, aparelhos e instrumentos diversos. Aumenta continuamente a produção de mercadorias de consumo popular. Os senhores visitantes poderão ver em nossas Exposição algumas amostras de nossas máquinas e mercadorias.

Os soviéticos trabalham muito e proficuamente também na agricultura. O povo brasileiro, que se dedica ao aproveitamento de novas terras em seu país, pode dar o devido valor ao feito dos soviéticos quando, em

prazo muito curto, transformaram em campos fértei; 42 milhões de hectares de terras virgens e sem uso. A colheita global de cereais elevou-se a 140 milhões de toneladas anuais e, de ano para ano, aumentam os rebanhos.

Na União Soviética especial atenção se devota à instrução pública. Atualmente, estudam na URSS mais de 50 milhões de pessoas. Sòmente nos últimos quatro anos estabelecimentos de ensino soviéticos prepararam quase 3,5 milhões de especialistas. O ensino em nosso país é gratuito e os estudantes recebem bôlsas do Estado.

Os grandiosos êxitos da ciência e da técnica soviéticas foram amplamente reconhecidos. Na URSS foram criadas tôdas as condições para um desenvolvimento ilimitado da ciência e da técnica colocadas a serviço do povo. Precisamente em nosso país a energia atômica, pela primeira vez, foi aplicada a fins pacíficos. Os cosmonautas soviéticos Iúri Gagárin e Guérman Titov abriram à humanidade o caminho para o Cosmos. O povo brasileiro, com sua proverbial hospitalidade, ofereceu calorosa recepção ao primeiro astronauta do mundo, Iúri Gagárin, por ocasião de sua visita ao Brasil, no ano passado.

Tudo o que se faz nas imensas fronteiras de nossa pátria — o aproveitamento de caudalosos rios, a irrigação de estepes áridas ou a construção de gigantescas fábricas e centrais elétricas — tudo se faz com um único objetivo — o bem do povo.

O Govêrno Soviético cuida ininterruptamente do ascenso do bem estar do povo. A renda nacional de nosso país, nos últimos quatro anos, aumentou em 38%. Correlativamente aumentou a renda real de cada família. Em nosso país, três quartas partes da renda nacional se destinam à satisfação direta das necessidades pessoais dos trabalhadores. Todos os operários e empregados passaram à jornada de trabalho de seis e sete horas sem que seus salários sofressem qualquer redução; muito ao contrário, para uma parte considerável dos operários, até aumentaram. Muitos operários e empregados presentemente já não pagam mais impostos e até o fim de 1965 os impostos pagos pela população serão totalmente suprimidos.

Na União Soviética a assistência médica é gratuita para tôda a população. Os aposentados recebem pensões do Estado. Milhões de trabalhadores, todos os anos, descansam e se tratam nos sanatórios e casas de repouso. A construção de casas segue em larga escala. Nestes últimos cinco anos, cada cidadão soviético em quatro, transferiu-se para um apartamento nôvo. Cêrca de 50 milhões de pessoas passaram a residir em novas moradias.

A União Soviética é um Estado autênticamente popular. Milhões de cidadãos soviéticos participam ativamente da administração pública. Assim, nas eleições de março último para o órgão supremo do poder estatal — o Soviete Supremo da URSS — compareceram às urnas 99,95% do número total de eleitores inscritos. Foram eleitos para o Soviete Supremo da URSS os melhores representantes do povo soviético. Dos 1 443 deputados, 646 são operários e camponeses. Entre os membros do Soviete Supremo há 390 mulheres.

Em nosso país todos os cidadãos, independente de sua nacionalidade, religião e sexo, gozam de iguais direitos em todos os setores da vida e da atividade. Regiões atrasadas da Rússia dos tzares, como o Usbequistão, o Azerbaidjão, a Arménia e outras, se tornaram repúblicas prósperas que superaram econômica e culturalmente muitos países capitalistas altamente desenvolvidos.

Nesta Exposição os senhores visitantes conhecerão não sòmente o que possuimos mas também nossos planos para o futuro. Êstes planos foram traçados nas resoluções do XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, no nôvo programa do Partido, unânimemente aprovado por todo o povo soviético. Nosso Partido, todos os soviéticos avocaram a si a emprêsa de, dentro de vinte anos, construir na URSS, fundamentalmente, a sociedade comunista e desta forma começar a realizar o princípio da distribuição pela necessidade de cada um. O comunismo estabelece na Terra a Paz, o Trabalho, a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade e a Felicidade para todos os povos.

Em 1980 nossa produção industrial apresentará um aumento de 6 vêzes e a produção agrícola será aproximadamete 3,5 vêzes maior. Os soviéticos terão moradias, medicamentos, serviços públicos, transportes coletivos e sanatórios inteiramente gratuitos. Tudo isto faremos ainda em vida da atual geração.

São êstes os nossos planos — planos de trabalho pacífico e construtivo.

Nosso povo que não há muito sofreu os horrores da Segunda Guerra Mundial odeia a guerra e a corrida armamentista. A União Soviética tem como principal objetivo de sua política banir para sempre as guerras da vida da sociedade humana.

O Govêrno Soviético elaborou e apresentou à Organização das Nações Unidas um programa concreto de desarmamento geral e completo sob rigoroso contrôle internacional. Nosso desejo é que os exércitos sejam desmobilizados, as armas sejam destruídas e que não sobre uma única bomba atômica ou um foguete. A supressão da corrida armamentista permitirá desviar enormes recursos e meios para os fins pacíficos inclusive para a ajuda econômica aos países necessitados. Sentimo-nos satisfeitos por ver que as propostas sôbre o desarmamento geral e completo mereceram a aprovação de todos os povos amantes da paz, entre êles o povo brasileiro. Estamos profundamente convencidos de que as fôrças da paz e do trabalho construtivo triunfarão sôbre as negras fôrças da guerra e da destruição.

Os povos soviéticos entendem que a diferença de regime político e social ou do modo de vida dos Estados não deve servir de empecilho à coexistência pacífica, ao desenvolvimento benéfico e completo da cooperação entre êles. A cooperação gera a confiança: a confiança, a amizade; a amizade, a paz.

A União Soviética baseia suas relações com os demais países nos princípios de plena igualdade, de respeito à soberania e dignidade nacionais e da não ingerência nos assuntos internos.

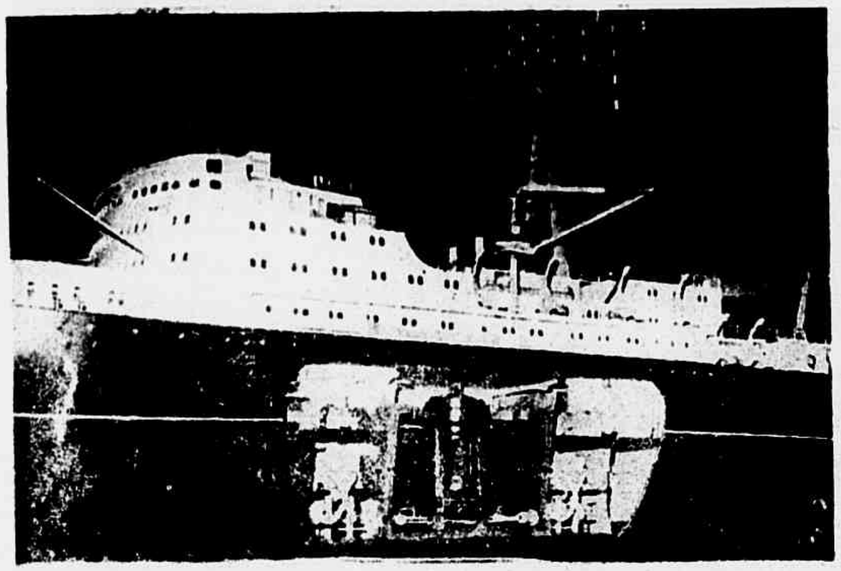
Prezados senhores visitantes!

O Govêrno Soviético lhes expressa sua esperança de que nossa Exposição seja útil ao fortalecimento dos laços de amizade entre os povos soviético e brasileiro, concorra para o desenvolvimento do intercâmbio comercial vantajoso mùtuamente, das relações culturais, técnicas e científicas e sirva para a consolidação da boa compreensão entre nossos países.

Confiamos que os senhores visitantes sintam interêsse pelos objetos expostos na Exposição Soviética do Rio de Janeiro e que esta seja de vosso agrado.

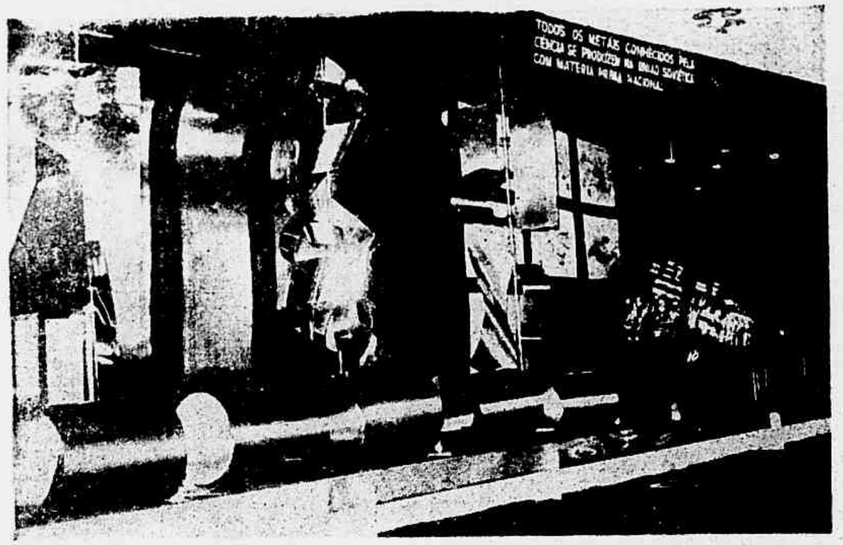
N. S. KRUSCHOV — Presidente do Conselho de Ministros da URSS

Fotos Mostram a Realidade



Átomos para a paz

A ciência e a técnica são colocadas a serviço da paz na União Soviética. Na Exposição de São Cristovão, a utilização da energia nuclear para fins pacíficos ficou bem evidenciada, particularmente com o quebra-gêlo "Lênin", que vem despertando grande curiosidade e admiração a todos os visitantes.



Metalurgia

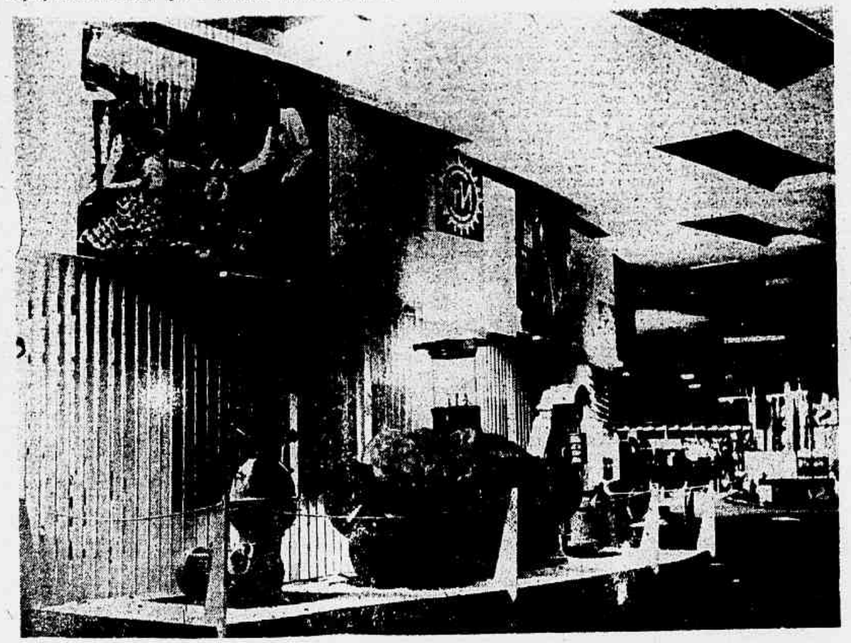
Os laminados vistos na foto são alguns dos 10 mil produtos exibidos na Exposição Soviética. Em todos os ramos da ciência e da técnica, o visitante percebe o avanço gigantesco dado pela URSS em poucos decênios. Sua libertação se realizou há pouco mais de quarenta anos.

Os manequins

As elegantes cariocas têm uma atração adicional na Exposição Soviética: o desfile de modas. As elegantes e os curiosos, que são afinal todos os visitantes. O desfile dá uma idéia do avanço da URSS num terreno que muitos julgavam fôsse inteiramente subestimado

Todos querem ir

Êste é um aspecto comum, em frente às bilheterias da Exposição de São Cristovão. Filas enormes, grande aglomeração, todos receando que a qualquer momento seja suspensa a venda de ingressos, como já ocorreu recentemente. Para muitos, do outro lado dos portões, um mundo nôvo para ver e admirar.

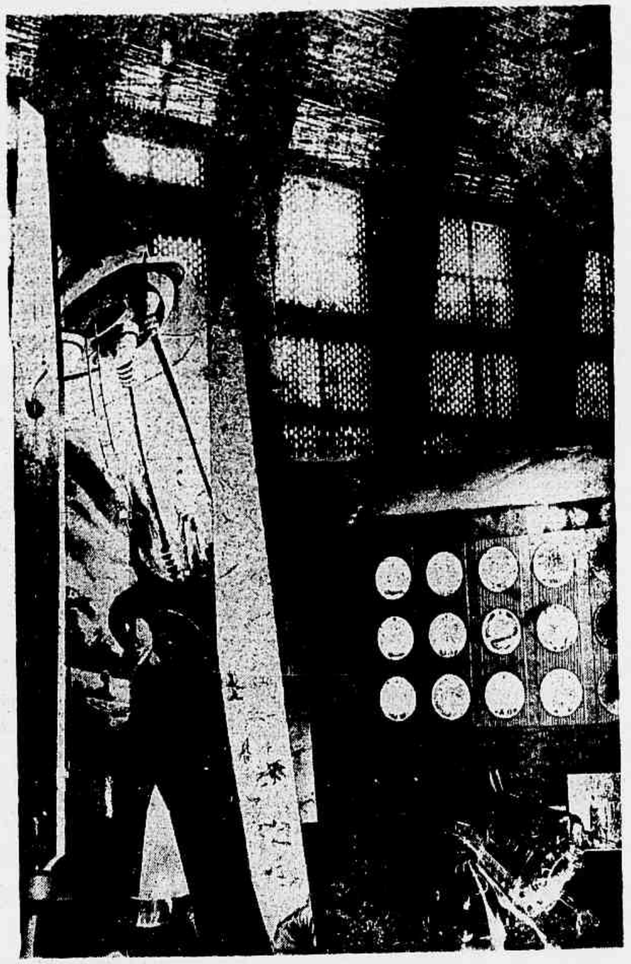


Tudo impressiona

Não só o leigo deixa a Exposição de São Cristovão impressionado com as conquistas soviéticas, em todos os terrenos. Os nossos técnicos, cientistas, os industriais, não escondem sua admiração com a qualidade e a quantidade dos produtos expostos. Alguns deixam mesmo refletir sua surprêsa.

Paisagem mudou

Em tôrno da Exposição Soviética, a paisagem mudou no Campo de São Cristovão. O que mostra a foto pode ser visto todos os dias, notadamente aos sábados e domingos. São centenas de milhares de cariocas que acorrem à mostra soviética, cujo interêsse cresce dia a dia.



O futuro no espaço

No salão Espacial, há uma alegoria: a conquista do Cosmos pelo homem, o desembarque de nave pilotada em outros mundos. Mas, ao lado disto, os modelos de satélites artificiais e de naves já enviadas pela União Soviética, mostram que essa conquista não é mais um sonho, e que novas vitórias serão alcançadas, num futuro próximo.

Todos Vão a S. Cristóvão Ver o Que é Que a URSS Tem

Fazendo concorrência aos cinemas, as partidas de futebol, aos dias ensolarados na praia, aí está a Exposição Industrial e Comercial Soviética, atraindo a São Cristovão centenas de milhares de pessoas. Sòmente no último domingo, numa freqüência recorde, visitaram-na aproximadamente 100 mil pessoas. São cariocas, paulistas, mineiros, gaúchos, sem falar em nossos vizinhos mais próximos, os fluminenses e até mesmo nordestinos e habitantes da Amazônia, que aproveitaram sua visita ao Rio para ver uma das grandes atrações da cidade neste momento.

Conhecer a Exposição Soviética tornou-se um dever, um dever agradável, para esta politizada e despreconceituosa população do Estado da Guanabara. E ela sabe ver a Exposição. Famílias inteiras fazem ali uma parte de seu fim-de-semana: marido, mulher, filhos menores, todos curiosos por conhecer o que é que a Rússia tem. E ninguém se decepciona: há atração para todos. A Exposição interessa ao técnico, ao mecânico, ao engenheiro, pela riqueza de modelos de máquinas e aparelhos que apresenta, como interessa a dona-de-casa, que vai admirar o desfile de modas, ver o mostruário de peles, ou aos adolescentes e jovens, que se dirigem à sala de projeção de filmes para ver como Gagárin se preparou e empreendeu seu fabuloso vôo cósmico, a primeira excursão do homem fora da atração da Terra. Depois, a descida de Gagarin num para-quedas, e sua chegada e recepção em Moscou, na Praça Vermelha inundada de povo. Um povo alegre, entusiasta, cheio de jovialidade, manifestando livremente sua vitalidade extraordinária, numa calorosa homenagem a seu herói.

— Mas êste é o povo escravizado de que falavam e de que ainda falam alguns?! — é a pergunta que sai espontânea da bôca de um homem de idade avançada, deixando transparecer na sua pergunta admirativa o conhecimento de uma realidade para êle talvez insuspeitada.

Desperta-lhe, por isso, maior interêsse o foguete que levou Gagárin ao espaço cósmico. Junto ao enorme cône, êle pode ouvir, em português, através de um alto-falante, as explicações sôbre a importância científica do maravilhoso feito do engenho humano.

O átomo pacífico

Adiante, é todo um mostruário sobre o aproveitamento da energia atômica para fins pacíficos, em usinas elétricas, que a União Soviética foi a primeira a construir, na utilização de isótopos radioativos para a cura de enfermidades humanas, e os prognósticos dos sábios sôbre o grandioso futuro que está reservado a êste ramo da ciência. Já não é só a "ciência que quebra monopólios", mas a ciência que continua a multiplicar as fôrças do homem sôbre a natureza. A ciência que destrói preconceitos, que clareia a mente humana, a ciência que ajuda a libertar o homem.

Uma indicação, à parede, mostra que a URSS ajuda a mais de uma centena de países com suas disponibilidades de isótopos para fins pacíficos, sobretudo para fins medicinais. Faltaria ali outra indicação: a União Soviética foi o primeiro país do mundo a propor a proibição das armas atômicas e a utilização do átomo unicamente com objetivos civis.

Nesta seção, outro objeto de interêsse enorme dos visitantes é a maquete do navio quebra-gelos "Lênin", o primeiro barco atômico de superfície construído no mundo. Está permanentemente cercado de curiosos que observam seus dados: deslocamentos de 16 mil toneladas, o mais poderoso quebra-gêlos, com reservas de combustível nuclear que lhe permitem navegar sem reabastecer-se durante um ano.

Astronáutica

Sobe-se a escada para o pavimento superior da Exposição, e de um lado e outro aglomerações em tôrno das maquetes de aviões, helicópteros, os mais modernos tipos de jatos e turbo-jatos para mais de 200 passageiros.

A indústria aeronáutica da URSS é hoje a mais avançada entre todos os países, tendo solucionado problemas extremamente complexos relativos à resistência de materiais, combustíveis e capacidade de carga. A tal ponto que está projetado na URSS um avião comercial para 600 passageiros.

É uma astronáutica digna das conquistas soviéticas no campo dos foguetes e das naves cósmicas. A URSS começa a transformar o transporte aéreo em seu território num tipo de transporte acessível às grandes massas, como é hoje o trem.

Habitação condigna para todos

Sabe-se que nem os mais adiantados países capitalistas do mundo conseguiram até hoje, com dois séculos de domínio da burguesia, resolver um dos mais sérios problemas das grandes concentrações urbanas ou dos habitantes pobres do campo: a habitação. Os cortiços, os barracos, as favelas — são um acompanhante perpétuo e infalível da burguesia.

Os visitantes à Exposição Soviética tomam conhecimento ali de tipos de construção residencial — as casas pré-fabricadas, os grandes edifícios "montados" — que se levantam na URSS em cada cidade, num ritmo impressionante. Os dados fornecidos pelos cartazes dão uma idéia da construção residencial hoje na URSS, quando mostram, por exemplo, que essas obras, pelas suas proporções e pelo ritmo de andamento, ocupam o primeiro lugar no mundo. São construídas pelo Govêrno. Os enormes blocos de cimento armado vêm prontos das fábricas e grandes guindastes os colocam sôbre o arcabouço metálico em poucas semanas ou alguns meses.

Dentro de três anos, 80 milhões de pessoas, na URSS (o plano começou em 1959) terão recebido apartamento. São 15 milhões de apartamentos em sete anos! É como se tôda a população atual do Brasil e mais 10 milhões, no prazo de um setênio, recebessem novas habitações.

Mas não é só isso, neste capítulo da vida soviética. Os aluguéis não passam de 4 a 5 por cento do orçamento de cada inquilino (quando no Brasil, por exemplo, muito chefe de família paga mais de 50% do que ganha por mês pelo aluguel de sua habitação). E dentro de vinte anos, segundo os novos planos econômicos e sociais do Govêrno da URSS, cada família soviética terá apartamento ou casa própria, construída pelo Estado, sem nada pagar por ela. A habitação será um serviço público.

(É preciso recordar aqui que, sòmente durante a Segunda Guerra Mundial, com a invasão dos alemães e seus aliados, mais de 1 700 cidades soviéticas foram arrasadas. Stalingrado, por exemplo, ficou reduzida a cinzas. Hoje, tem uma superfície habitada que é o dôbro da de antes da guerra).

A agricultura socialista

Era naturalmente grande a curiosidade popular em tôrno da agricultura soviética. Isto porque constitui um refrão de certa imprensa os "malogros" da economia agrícola da URSS.

A Exposição industrial da URSS apresenta exemplares de modernas máquinas utilizadas na agricultura soviética, não numa ou outra fazenda, mas em escala de todo o imenso país. Mais de 1 milhão e 100 mil tratôres, cêrca de 500 mil ceifadeiras-debulhadoras, quase 800 mil caminhões.

Outro dado que oferece uma idéia do incremento da agricultura da URSS no após guerra: o aproveitamento de mais de 40 milhões de hectares de novas terras. (Para têrmo de comparação: tôda a área cultivada do Brasil não ultrapassa os 25 milhões de hectares). Total da área cultivada da União Soviética: mais de 200 milhões de hectares, ou seja, quase um hectare cultivado por habitante.

Ao ver-se o setor agrícola da Exposição, não é difícil compreender-se porque a URSS ocupa hoje o primeiro lugar no mundo na produção de cereais (duas vêzes mais trigo do que os Estados Unidos), o primeiro lugar também na produção de açúcar, de batata, de lã, de leite e manteiga.

Outros aspectos

Outras seções da Exposição soviética que despertam mais atenção: a miniatura da cadeia de usinas elétricas do rio Bratsk: (no Volga, já funciona a maior de tôdas as hidrelétricas, a "22.º Congresso do PCUS", com uma potência de 2 milhões e 500 mil quilowatts); a miniatura da exploração de petróleo no fundo do Mar Cáspio, sôbre cujas águas foi construída uma verdadeira cidade de cimento armado, onde moram os operários; os veículos, em particular os automóveis de passeio, de estilo simples e belo e que têm entre suas principais características: construção sólida e gasto mínimo de combustível.

• • •

Uma Exposição Industrial e Comercial Soviética no Rio de Janeiro, visitada por centenas de milhares de pessoas, quem poderia imaginá-lo há dez anos passados? É um sinal dos novos tempos que vivemos, do quanto os povos se aproximam cada vez mais irmanados, e do nosso próprio desenvolvimento econômico, cultural, político. Mas, sobretudo, um indício do quanto o punhado de reacionários que impediam a nossa aproximação dos países socialistas perderam terreno, sofreram derrotas e se tornaram impotentes para obstar que o povo brasileiro, uma parcela dêle pelo menos, conheça, ainda que parcialmente, através de uma Exposição, alguma das principais conquistas e realizações da União Soviética, depois das ruínas da guerra civil e das destruições causadas pela Segunda Guerra Mundial.

Hoje, a URSS é uma potência respeitada e querida universalmente por milhões e milhões de habitantes do mundo, graças à coragem, à abnegação, ao espírito de sacrifício que fizeram os povos soviéticos para construir o primeiro país socialista que conheceu a história. Êstes feitos são um legítimo orgulho de todos os povos.

Esfôrço Coletivo do Povo Soviético

Roberto Morena

No dia de 3 de maio foi inaugurada a Exposição Industrial e Comercial Soviética. É um acontecimento de importância extraordinária no fortalecimento e ampliação das relações entre os povos brasileiro e soviético. É uma demonstração do valor construtivo de um povo laborioso amante da paz. Diante de nossos olhos se relevarão os progressos da técnica, o avanço da ciência no campo da indústria.

Isso se deu em 44 anos. Tempo curto para se transformar profundamente um país. Se acompanharmos, lance por lance, o desenvolvimento da indústria soviética, aprenderemos uma lição sôbre o que vale o esfôrço coletivo, o valor do trabalho socialista.

Não poderia haver um domínio coletivo da técnica industrial, o uso de máquinas que requerem para seu manejo cálculos que só se estudam em cursos superiores, se não houvesse as possibilidades e o incentivo que o regime socialista proporciona aos trabalhadores.

Recordo-me da primeira visita que fiz à URSS — 1931. Muitas fábricas que percorremos, eram ainda remanescentes do antigo regime. Mal iluminadas, sem calefação ou ventilação e com uma maquinaria velha. Outras modernas, como a de tratores médios e pequenos de Karkov, requeriam, também, técnica e longa aprendizagem. E, ao lado da fábrica erguia-se o Instituto Tecnológico, com ensino primário e secundário e até de idiomas estrangeiros para os que queriam estudar em obras de outras línguas as questões da ciência industrial.

Depois em 1939, quando saímos dos campos de concentração dos refugiados antifascistas espanhóis, na Argélia, voltamos à URSS. Em tão pouco tempo, oito anos apenas, em meio de tantas dificuldades, principalmente do cêrco dos imperialistas, havia tido tantas e tão profundas transformações. Depois de um salutar estágio na Casa de Repouso dos Mineiros da Bacia do Don, a 40 quilômetros de Karkov, fomos trabalhar na Fábrica de Tratores Pesados, em Cheliabinski, nas portas da Sibéria. Era uma fábrica imensa, com cêrca de 20 000 operários. Àquele tempo essa emprêsa tinha quatro anos de existência. Durante meses pude conhecer e compartilhar da vida dos trabalhadores soviéticos, seu sistema salarial, sua vida social e política, seu afã de estudo e do incentivo às suas iniciativas. A sua escola técnico-profissional, de estudos vários, ocupa um enorme edifício instalado com sobriedade e confôrto.

1957. Mais uma vez voltei à URSS. Haviam decorridos 17 anos, pois saí do país soviético no dia 31 de dezembro de 1940. Tínhamos terminado a reunião do Conselho Geral da FSM, realizada em Berlim. Visitamos várias fábricas e de nôvo fomos conhecer as obras sociais soviéticas. Já encontramos o país quase reconstruído da destruição que sofrera com a guerra. Das visitas que fizemos, então, uma gravou-se bem no meu pensamento. Estivemos numa mina de carvão na cidade de Stalino. Descemos à mina até o lugar onde se arrancava o mineral. Já não se trabalhava com picareta, pá ou mesmo com furadores automáticos. Uma máquina modernissima fazia tôdas as operações sem necessidade do braço do mineiro. O transporte do carvão também era mecanizado. Na saída os mineiros eram submtidos a aplicação de um banho de luz, depois de saírem do banheiro.

Apesar de tanto cuidado com a vida dos mineiros, perguntei ainda por outras medidas protetoras. Para êles havia refeição melhor, salário mais alto, seis horas de trabalho e uma aposentadoria com menos anos de serviço. Tudo isso aliado a uma vida social, política e cultural intensa. Ainda os técnicos soviéticos tiveram uma expressão de que não me esqueci: só não podemos pôr o sol lá embaixo!

Recentemente, de nôvo estive na União Soviética: durante a realização do V Congresso Sindical Mundial, em Moscou, em dezembro do ano passado. Haviam passado quatro anos. Moscou cada vez mais renovada. Comida abundante. A indústria leve produzindo com um ritmo acelerado. O metrô se estendendo. Teatros, cinemas, novas salas de concêrtos. Mas o que mais me chamou a atenção foi o avanço técnico da indústria soviética. Já não falo do que vimos nos magazines. Fomos ver como funcionam as fábricas automáticas. Vimos a de fabricação de rolamentos, situada em uma grande avenida de Moscou. Os trabalhadores são apenas vigilantes e auxiliares das máquinas. Que diferença do que vimos em 1931, 1939 e 1957! O esfôrço humano diminuído e a produção aumentada e aperfeiçoada.

Trabalhamos agora sete horas e temos um dia e meio de descanso — disseram-me os trabalhadores. E agregaram: em breve reduziremos o nosso tempo de trabalho a seis horas diárias. Então, lembrei-me dos temores de um companheiro da indústria têxtil de Peru, que estêve conosco em 1931, em Moscou. Dizia, a racionalização e automatização iam levar os trabalhadores soviéticos ao desemprêgo. Como estava enganado êsse companheiro de excursão.

Agora está diante dos nossos olhos, aí em São Cristovão, a demonstração do esfôrço coletivo dos trabalhadores soviéticos. Para o movimento sindical do Brasil esta Exposição Industrial e Comercial Soviética tem um significado especial.

A indústria soviética, embora planificada pelos órgãos do Estado, tem como principal coordenadora os poderosos sindicatos da URSS. Êles é que examinam os planos, estabelecem as normas de trabalho, organizam as tabelas salariais e se ocupam da previdência social. Nesta Exposição está também a demonstração do esfôrço e a vitória dos sindicatos soviéticos, unificados em seu Conselho Central. Todos os produtos da indústria serão para o maior bem-estar do povo. Não ficarão escondidos nos armazéns e nos depósitos esperando preços de especulação. Não é para isso que trabalha o povo da URSS.

Vendo a Exposição, examinando os produtos em amostra, poderemos avaliar quando vale o esfôrço coletivo de um povo que terminou com a exploração do homem pelo homem.

Confraternização

Mais de uma centena de trabalhadores soviéticos e algumas centenas de operários brasileiros trabalharam juntos durante mais de um mês na montagem da grande mostra de São Cristóvão. O trabalhador nacional ajudou o trabalhador soviético a exibir aos brasileiros as conquistas de suas lutas.

Tudo nos une

Não é a primeira vez que as duas bandeiras estão lado a lado. Já na derrota das fôrças nazi-fascistas, os pavilhões brasileiros e soviéticos foram erguidos à frente de tropas que lutavam pelo mesmo objetivo. Antes e depois do restabelecimento das relações, se não era fácil fixar o aspecto das duas bandeiras tremulando juntas, não era difícil perceber que, mesmo de longe, os dois povos se compreendiam e confraternizavam. Foi o primeiro-ministro soviético que ressaltou, em sua mensagem aos visitantes da Exposição de São Cristóvão, que os povos brasileiro e soviético nunca combateram em trincheiras opostas. Tudo nos une.